ATOS

VOLTAR

Introdução
Esboço

Capítulo 1	Capítulo 8	Capítulo 15	Capítulo 22
Capítulo 2	Capítulo 9	Capítulo 16	Capítulo 23
Capítulo 3	Capítulo 10	Capítulo 17	Capítulo 24
Capítulo 4	Capítulo 11	Capítulo 18	Capítulo 25
Capítulo 5	Capítulo 12	Capítulo 19	Capítulo 26
Capítulo 6	Capítulo 13	Capítulo 20	Capítulo 27
Capítulo 7	Capítulo 14	Capítulo 21	Capítulo 28

INTRODUÇÃO

O Título. O título tal como o conhecemos não fazia parte do livro original mas pertence ao segundo século A.D. O Evangelho de Lucas .e Os Atos são dois volumes de uma só obra (veja Comentário in loc), e seja qual for o título originalmente anteposto ao Evangelho, serviu para os dois livros. Quando o segundo volume começou a circular independentemente, este título foi usado para designar seu conteúdo.

O Autor. Nem o Evangelho nem o livro de Atos dá o nome do seu autor, mas foi provavelmente Lucas, amigo e companheiro de Paulo. A indicação de sua autoria encontra-se nos três "nós", onde a narrativa está na primeira pessoa do plural (Atos 16:10-17; 20:5-21:18; 27:1 – 28:16), dando a entender que o autor era companheiro de Paulo nessas três ocasiões, e que usou o seu diário de viagem como fonte de material. Há quem sugira que esse documento de viagem fosse escrito por um companheiro anônimo de Paulo e incorporado aos Atos por outro autor desconhecido. Mas a uniformidade do estilo entre esta narrativa de viagem e o restante dos Atos e ouso da primeira pessoa do plural torna isso pouco provável. A tradição da igreja identifica Lucas

uniformemente como sendo o companheiro de Paulo, e a data dos Atos sustenta esta tradição.

A Data. A data dos Atos liga-se ao problema de sua abrupta conclusão (veja Comentário in loc). Não sabemos quando foi escrito, mas uma data pouco posterior à conclusão da narrativa parece aceitável. Sendo assim, Atos foi escrito em cerca de 62 A.D.

Fontes. Além de seu próprio diário de viagem, Lucas pode ter usado fontes escritas, especialmente para os primeiros capítulos de sua obra. Sendo companheiro de Paulo, estava em posição de obter informações de primeira mão do apóstolo. Além disso, uma vez que Lucas se encontrava na Palestina durante a prisão de Paulo em Cesaréia (21:18; 27:1), ele teve amplas oportunidades de colher informações sobre o começo da igreja oriundas de testemunhas oculares.

O Propósito. Lucas escreveu para assegurar a Teófilo quanto à "certeza das coisas de que já estás informado" (Lc. 1: 4). Teófilo era provavelmente um gentio convertido ao Cristianismo, e Lucas escreveu para lhe dar um conhecimento mais detalhado das origens cristãs. Isto incluiu a história da vida, morte e ressurreição de Jesus (o "Evangelho"), e o estabelecimento e expansão da igreja.

Falando estritamente, Lucas não escreveu uma *história* da igreja primitiva. Isto não quer dizer que a sua narrativa não fosse histórica ou exata. A tarefa do "historiador", entretanto, é fazer uma narrativa compreensível de todos os fatos importantes. Isto, obviamente, Lucas não pretendeu. Ele não nos fala nada sobre as igrejas na Galiléia (Atos 9:31) ou sobre a evangelização do Egito ou Roma. Sua história não é dos Atos dos Apóstolos, pois apenas três dos doze aparecem na sua narrativa – Pedro, Tiago, João; e os últimos dois são apenas mencionados. O livro dos Atos é o livro dos Atos de Pedra e Paulo. Além disso, Pedro praticamente sai da história depois da conversão de Cornélio, e nós ficamos a imaginar o que lhe aconteceu. Novamente, Lucas não dá explicação sobre a origem dos anciãos da igreja (11:30), sobre como Tiago chegou a um lugar de liderança na igreja de Jerusalém (Is. 13),

sobre o que Paulo fez em Tarso após a sua conversão (9:30, veja 11:25), e muitos outros importantes assuntos históricos. Mais ainda, ele menciona alguns acontecimentos com poucas palavras (18:19-23), mas conta outros com grandes detalhes (21:17 – 26:32). Em outras palavras, Lucas conta um história, ele não escreve "a história". Sua narrativa contém os traços principais da expansão da igreja de Jerusalém até Roma via Samaria, Antioquia, Ásia e Europa; e nesta história, só Pedro e Paulo desempenham papéis destacados.

O ministério dos outros apóstolos em qualquer lugar do mundo oriental não eram importantes para Lucas. Dois temas fundamentam a história dessa expansão: a rejeição do Evangelho pelos judeus e a sua recepção pelos gentios; e o tratamento concedido à igreja primitiva pelas autoridades locais e romanas. O propósito principal de Lucas, portanto, em sua obra de dois volumes (Lucas-Atos) é explicar a Teófilo como foi que aconteceu que o Evangelho, que começou com a promessa de restauração do reino de Israel (Lc. 1:32, 33), terminou com a igreja gentia em Roma, distinta do judaísmo.

Além disso, o Judaísmo era uma religião reconhecida por Roma. A nova comunidade religiosa que brotou dentro do Judaísmo, embora não fosse simplesmente uma seita dentro da religião mais antiga, recebeu o mesmo reconhecimento de Roma. Assim a Igreja Cristã estabeleceu-se no mundo romano como religião legítima à parte do Judaísmo.

Os Atos e as Epístolas. O magno problema na história do estudo de Atos refere-se à sua fidedignidade em comparação com as epístolas de Paulo. Lucas não se refere às epístolas de Paulo, e nem sempre é fácil relacionar os movimentos de Paulo, conforme se refletem nas epístolas, com o registro de Lucas. O maior dos problemas é o seguinte: Como podem os acontecimentos de Gl. 1:16 – 2:10 estarem relacionados com a narrativa de Lucas? Bons mestres têm discordado entre si, achando que a visita de Gl. 2:1-10 refere-se (a) a visita por ocasião da fome em Atos 11:27-30, e (b) a visita do concilio em Atos 15. Muitos mestres acham que a narrativa de Atos sofre em comparação com as epístolas.

Um segundo aspecto do problema apresenta-se pelo contraste entre o retrato de Paulo nos Atos e o que se reflete nas epístolas do próprio missionário. O Paulo de Atos parece ser uma pessoa flexível, razoável, que está pronta a ceder nos seus princípios por amor à prudência (veja 16:3; 21:26); enquanto que o Paulo das epístolas é uma pessoa inflexível de convicções imutáveis (Gl. 1:8; 2:3). A mais antiga escola Tübingen de crítica estabeleceu sua teoria da história da igreja primitiva sobre um suposto conflito entre a Cristandade Paulina e a Judaística, e defendia que Os Atos refletem um estágio tardio da história do conflito, quando uma síntese estava sendo alcançada entre os dois pontos de vista contraditórios.

Obviamente é impossível tratar desses problemas em todos os detalhes, mas eles permanecem no fundo do estudo e muitas vezes penetram diretamente no comentário.

ESBOÇO

O ESTABELECIMENTO E CRESCIMENTO DA IGREJA

I. O começo da igreja. 1:1 – 2:47.
   A. Preparação: O ministério de após a ressurreição e a ascensão de Jesus. 1:1-14.
   B. A Escolha de Matias. 1:15-26.
   C. A Vinda do Espírito Santo. 2:1-41.
   D. Vida da Igreja Primitiva. 2:42-47.

II. A Igreja em Jerusalém. 3:1 – 5:42.
   A. Um milagre típico e um sermão. 3:1-26.
   B. A primeira oposição dos líderes judeus. 4:1-37.
   C. Morte de Ananias e Safira. 5:1-16.
   D. A segunda oposição dos líderes judeus. 5:17-42.

III. Expansão da igreja na Palestina através da dispersão. 6:1-12:25.
   A. A Escolha dos Sete. 6:1-7.
   B. A conjuntura da dispersão: Ministério e martírio de Estevão. 6:8 – 8:3.

C. O Evangelho em Samaria. 8:4-25.
D. Conversão do eunuco etíope. 8:26-40.
E. Conversão de Saulo. 9:1-31.
F. O ministério de Pedro na Palestina e os primeiros gentios convertidos. 9:32 – 11:18.
G. Organização de uma igreja gentia em Antioquia. 11:19-30.
H. Perseguição de Herodes Agripa I. 12:1-25.
IV. Expansão da igreja na Ásia Menor e na Europa. 13:1 – 21:17.
A. A primeira missão, Galácia. 13:1 – 14:28.
B. O problema da igreja gentia, e o concilio em Jerusalém. 15:1-35.
C. A segunda missão, Ásia Menor e Europa. 15:36 – 18:22.
D. A terceira missão, Ásia Menor e Europa, 18:23 – 21:17.
V. Expansão da igreja a Roma. 21:18 – 28:31.
A. A rejeição do Evangelho em Jerusalém. 21:18 – 26:32.
B. A recepção do Evangelho em Roma. 27:1 – 28:31.

COMENTÁRIO

I. O começo da igreja. 1:1 – 2:47.

Atos 1

A. Preparação. O ministério de após ressurreição e a ascensão de Jesus. 1:1-14.

1, 2. Os dois primeiros versículos constituem uma pequena introdução que liga Atos ao Evangelho de Lucas. Os versículos introdutórios do Evangelho (Lc. 1:1-4) têm a intenção de servir a ambos, o Evangelho e o livro de Atos; Atos 1:1, 2 é um tipo de introdução secundária que retrocede a Lc. 1:1-4. **O primeiro livro.** O Evangelho de Lucas. Atos é a segunda parte da obra de dois volumes, Lucas e Atos. O Evangelho contém **tudo o que Jesus começou a fazer, e a ensinar**; Atos segue o curso do ministério contínuo do Cristo elevado, através do

Espírito Santo operando nos apóstolos. Não sabemos quem era o **Teófilo**, se um cristão que precisava de mais instrução ou um pagão interessado (veja Lc. 1:3).

2. Esta referência ao Espírito Santo revela a principal nota teológica de Atos a obra do Espírito Santo.

3. O ministério pós-ressurreição de nosso Senhor durante quarenta dias tinha um objetivo duplo: fornecer uma demonstração positiva da realidade de sua ressurreição, dando explicações mais detalhadas dos seus ensinamentos sobre o **reino de Deus.** Podemos, pois, esperar que esse tema reapareça no ministério dos apóstolos. As boas novas sobre o reino de Deus foram o conteúdo da mensagem de Filipe em Samaria (8:12), da pregação e ensinamentos de Paulo em Éfeso (20:25), e da mensagem de Paulo tanto a judeus como a gentios em Roma quando finalmente chegou àquela cidade (28:23, 31).

4. A ordem de Lc. 24:49 foi repetida aqui. Uma vez que o ministério dos apóstolos seria obra do Espírito Santo, eles deviam aguardar em Jerusalém até que se cumprisse a promessa da vinda do Espírito Santo – promessa dada pelo Pai no V.T. (Joel 2:28; Ez. 36:27) e confirmada pelo Filho. A expressão que foi traduzida para *estando com eles* (ERC) é de significado incerto, também pode ser traduzida para "comendo com eles" (como ERA) ou "hospedando-se com eles".

5. O ministério de João Batista, batizando os homens **com água,** foi preparação para a vinda do Messias. Uma realidade maior, o batismo do **Espírito Santo** logo aconteceria.

6. Este versículo expande as últimas palavras do versículo 3. Para os judeus do primeiro século, o **reino** de Deus significava um reino de Israel terreno e político. Num determinado ponto do ministério de nosso Senhor, o povo esteve prestes a tomar Jesus pela força compelindo-o a tornar-se o rei deles (Jo. 6:15). A missão de Cristo, entretanto, não foi a de introduzir o reino no esplendor terreno, mas introduzi-lo em poder espiritual. Foi uma lição difícil para os discípulos aprenderem. Durante

os quarenta dias, uma de suas principais perguntas era se Jesus estabeleceria logo esse reino terrestre por meio de Israel.

7. Jesus respondeu que essa pergunta não devia preocupá-los no momento. **Tempos** ou **épocas** provavelmente se referem ao tempo que deve se passar antes do final estabelecimento do reino de Deus, e ao caráter dos acontecimentos que acompanharão seu estabelecimento. O Pai determinou esses acontecimentos **para sua exclusiva autoridade.** Isto não significa que Deus tenha desistido de Israel; Romanos 11:26 diz que todo Israel será salvo. O N.T, nos diz quase nada sobre o tempo e a maneira da futura salvação de Israel.

8. Em lugar de se ocuparem com debates sobre o final estabelecimento do reino judeu, os apóstolos deviam se preocupar com outras coisas. O Espírito Santo viria sobre eles para lhes conceder poder sobrenatural, na força do qual seriam testemunhas de Cristo por todo o mundo. Este versículo é um resumo de todo o livro de Atos: **em Jerusalém** cobre os capítulos 1-7; **em toda a Judéia e Samaria** cobre os capítulos 8:1-11:18; e **aos confins da terra** vai de 11:19 até o final do livro.

9. A nuvem que recebeu Cristo na sua ascensão não foi simplesmente uma nuvem de vapor condensado mas foi um símbolo do Shequiná que representa a gloriosa presença de Deus (Ex. 33:7-11; 40:34; Mc. 9:7). A ascensão de Cristo significava que Ele interrompia a comunhão visível com Seus discípulos na terra, e, ainda de posse do seu corpo ressurreto, tinha entrado no mundo invisível da habitação de Deus.

10. Branco é a cor das vestes dos anjos (Mt. 28:3; Jo. 20:12).

11. Os anjos informaram aos apóstolos que esta experiência não era uma repetição da Transfiguração (Lc. 9:27-36). Jesus partia, mas um dia retomaria à terra da mesma maneira visível e gloriosa pela qual se ausentara. A expectativa da volta corporal de Cristo é o centro da fé cristã.

12. A Ascensão aconteceu no **monte chamado Olival**, que está situado bem a leste de Jerusalém, cerca de três mil pés afastado da

cidade. Era a distância permitida aos judeus de caminharem no sábado sem transgredirem o descanso.

13. Este cenáculo deve ter sido o cenário da Última Ceia (Lc. 22:12) e provavelmente ficava na casa de Maria, a mãe de Marcos (Atos 12: 12). Para outras listas dos Doze, veja Mt. 10:2 e segs.; Mc. 3:16 e segs.; Lc. 6:14 e segs. **Simão o Zelote.** Simão Cananeu. **Zelote** pode se referir ao caráter ardoroso de Simão, mas parece mais indicar que ele pertencia a um partido nacionalista dos judeus que advogava rebelião declarada contra Roma.

14. Irmãos dele. Os meio-irmãos de Jesus (Mt. 13:55), que não creram nEle antes de Sua morte (Jo. 7:5) mas que tiveram sua fé despertada com a ressurreição. Um aparecimento a Tiago depois da ressurreição está registrado em I Co. 15:7. **As mulheres** pode indicar as esposas dos discípulos ou as mulheres mencionadas em Lc. 8:2; 24:10.

B. A Escolha de Matias. 1:15-26.

O colégio apostólico fora desfeito com o afastamento de Judas, e os apóstolos sentiam a necessidade de escolher um homem que o substituísse.

15. Pedro agora surge como o líder natural dos 120 crentes, que são chamados de **irmãos**.

16. Pedro lembrou ao grupo que a traição de Judas não foi uma tragédia imprevista mas que estava nos propósitos providenciais de Deus e portanto profetizada no V.T. (veja v. 20).

18, 19. Estes versículos são uma observação inserida por Lucas no registro das palavras de Pedro para explicar aos seus leitores o destino de Judas. De acordo com Mt. 27:7, os sumo sacerdotes compraram esse campo; mas ao que parece eles o fizeram em nome de Judas, uma vez que o dinheiro era legalmente dele. **Precipitando-se** poderia ser traduzido para *inchando*, e se refere a uma ruptura fatal. Agostinho interpreta esta passagem assim "ele amarrou uma corda ao seu pescoço e,

caindo com o rosto em terra, rebentou pelo meio". **Aceldama**. Uma palavra aramaica significando **Campo de Sangue**.

20. Pedro citou o Sl. 69:25 e 109:8 livremente. **Encargo** significa *ofício de supervisor* não no sentido técnico.

21, 22. As qualificações do sucessor de Judas no colégio apostólico eram duas: devia ter sido companheiro de Jesus e devia ter testemunhado a ressurreição de Jesus. Não há nenhuma referência à ordenação nesses versículos.

23. Não temos nenhuma informação sobre os dois candidatos igualmente qualificados.

24-26. Tal escolha por meio de sortes tem precedente no V.T. (Pv, 16:33), mas não ocorre nenhuma outra vez no N.T, e não é uma norma de prática cristã. **Indo para o seu próprio lugar,** Judas teve o destino que mereceu por causa de sua incrível traição. O lugar de Judas foi preenchido não porque ele morreu mas porque ele se desviou. Quando Tiago, o irmão de João, foi executado (Atos 12:2), seu lugar não foi preenchido. O **Senhor** a quem a oração foi dirigida (1:24) era provavelmente Jesus que fora elevado, pois Ele que escolhera os doze primeiros (v. 2) era agora solicitado a escolher outro. **Senhor** é a palavra comum no grego do V.T, para designar Deus; foi usada desde os primeiros dias da Igreja para designar Jesus que fora elevado.

Atos 2

C. A Vinda do Espírito Santo. 2:1-41.

Há um sentido real no qual a Igreja tem o seu dia de nascimento no dia de Pentecostes, quando o Espírito Santo foi dado aos homens de maneira nova para unir os crentes em Jesus através de um novo relacionamento.

1. **Pentecoste**, significando o *qüinquagésimo*, é a palavra grega para a Festa das (sete) Semanas descrita em Lv. 23:15-22, que celebrava a conclusão da colheita.

2. Todos os 120 discípulos estavam reunidos em um só grupo e **no mesmo lugar** – provavelmente o cenáculo (1:13). *De comum acordo* é o que diz um texto inferior.

Veio do céu um som, como de um vento impetuoso. Não foi um vento; unha o som de um vento. *Pneuma* pode ser tanto vento como espírito; e o vento é um símbolo do poder do Espírito e também de sua invisibilidade (Jo. 3:8). O que eles viram não foram realmente línguas de fogo mas **como de fogo.**

3. O sinal visível foi algo que só podia ser comparado às chamas do fogo que se dividiam em línguas separadas as quais repousaram sobre cada um dos discípulos. Muitos compreenderam que era o cumprimento da promessa feita por João do batismo com fogo (Lc. 3:16). Entretanto, não havia fogo presente no Pentecostes, mas algo como fogo; e o contexto do Evangelho sugere que o batismo de fogo é o juízo daqueles que rejeitam o Messias – o queimar da palha com fogo inextinguível.

4. Quando o Espírito Santo foi dado aos homens, os discípulos foram batizados (1:5) e ao mesmo tempo **cheios do Espírito Santo.** O batismo do Espírito foi descrito em I Co. 12:13. É obra do Espírito Santo reunir pessoas de diversas raças e antecedentes sociais variados em um só corpo – o corpo de Jesus Cristo, que é a sua Igreja. No sentido restrito da palavra, Pentecostes foi o dia do nascimento da Igreja. Este batismo com o Espírito nunca se repetiu. Foi mais tarde estendido aos crentes na Samaria (Atos 8), aos gentios (caps. 10 e 11), e aos discípulos de João Batista (19:1-6). O enchimento com o Espírito foi muitas vezes repetido, mas não o batismo com o Espírito.

5. Os discípulos foram, ao que parece, levados do cenáculo para um lugar aberto na cidade, possivelmente a área do templo, onde havia uma multidão reunida. Os **homens piedosos** eram judeus da Diáspora, que foram esparsos pelo mundo mediterrâneo mas que retornaram à Cidade Santa.

6. As outras línguas (v. 4). Não linguagem de êxtase religioso. Por meio de um milagre a língua dos apóstolos foi traduzida pelo Espírito

Santo em diversas línguas sem que houvesse um tradutor humano. Este fenômeno não é o mesmo que a *glossolália* ou dom de línguas de I Co. 12 e 14, que eram ininteligíveis até que fossem interpretadas. Possivelmente o Espírito Santo agia como intérprete no Pentecoste, de modo que diversos grupos que falaram em línguas diferentes ouvissem a sua própria língua sem a mediação de intérprete humano.

7. Foi uma coisa espantosa que esses homens cujo sotaque mostravam que eram judeus galileus parecessem falar muitas línguas estrangeiras.

9-11. Esses países formavam um circuito à volta de todo o Mar Mediterrâneo. Muitos desses povos podiam falar o grego popular do mundo helênico, mas falavam também suas línguas nativas (cons. 14:11). **Romanos que aqui residem.** Judeus e gentios convertidos (*prosélitos*) vindos de Roma, que estavam temporariamente residindo em Jerusalém.

12, 13. Todos os ouvintes estavam **perplexos** (*cheios de dúvida*) sem entender o que estava acontecendo. A acusação de bebedeira sugere que além das línguas estrangeiras, havia também o elemento estático nesse primeiro dom de línguas.

14. Uma grande multidão reuniu-se por causa dessa agitação (v. 6), provavelmente no pátio externo da área do templo. Pedro ofereceu uma explicação do que tinha acontecido diante dos seus olhos e então partiu para uma proclamação do Evangelho, que essencialmente se constituiu no anunciamento do Messiado de Jesus.

15. Primeiro Pedro acabou com a idéia de que os discípulos estivessem bêbados, fazendo ver que eram apenas nove horas da manhã e portanto cedo demais para que alguém estivesse bêbado.

16. Não era nenhum espírito mas o Espírito Santo que se apossara deles. Pedro citou Joel 2:28-31, que prediz o derramamento do Espírito Santo sobre Israel na era messiânica. É importante que se observe que uma profecia que, em Joel, foi dirigida à nação de Israel, cumpria-se

agora na Igreja Cristã. No propósito redentor de Deus, entretanto, Israel também se inclui no cumprimento desta profecia (Rm. 11:26).

17. Nos últimos dias não se encontra na profecia de Joel mas foi acrescentado por Pedro sob divina inspiração. No V.T. esta frase indica a era messiânica no reino de Deus (Is. 2:2; Os. 3:5). A dispensação do Evangelho é, portanto, um estágio na realização das bênçãos da dispensação messiânica. No V.T., o Espírito Santo era concedido principalmente a pessoas que ocupavam posições oficiais na teocracia de Israel – reis, sacerdotes e profetas. A nova missão do Espírito Santo era repousar sobre **toda a carne,** isto é, sobre todo o povo de Deus e não somente sobre os líderes oficiais. A promessa de que esse novo derramamento do Espírito resultaria em uma nova manifestação de **profecia, visões e sonhos,** cumpriu-se na experiência dos apóstolos e profetas da dispensação do N.T. Criam os judeus que o Espírito Santo, que inspirava os profetas do V.T, e suas mensagens, silenciara durante o Período Inter-Testamentário. Pedro assegurou que o Espírito Santo tomara-se ativo novamente em uma nova manifestação do propósito redentor de Deus. Isto se vê nas últimas palavras de Atos 2:18, onde Pedro acrescentou à profecia de Joel a declaração, **e profetizarão**. Esta nova manifestação de profecia não era tanto a previsão do futuro, mas sim a pregação do significado da obra redentora de Deus através de Jesus, o Messias.

19, 20. A última metade desta profecia de Joel não se cumpriu nos dias de Pedro como se cumpriu o derramamento do Espírito. O **dia do Senhor.** O dia da vinda do Senhor em glória para estabelecer o seu reino no mundo com poder e glória. Esta consumação final seguir-se-á a um julgamento que sobrevirá à ordem terrestre e da catástrofe cósmica emergirá uma nova e redimida ordem da natureza e do mundo (Rm. 8:21). Os últimos dias são, assim, destacados do Dia do Senhor.

21. Esse derramamento do Espírito Santo ocasionará um grande dia de salvação, e qualquer um **que invocar o nome do Senhor será salvo.**

Senhor em Joel refere-se a Deus, mas Pedro e a igreja primitiva aplicou-o a Jesus exaltado.

22, 23. Pedro recapitulou a vida e morte de Jesus para mostrar que não foi mero acidente mas que aconteceu dentro do plano redentor de Deus. Apesar do fato de Deus ter autenticado o Cristo por meio de **milagres, prodígios e sinais... entre vós** os judeus, eles o entregaram às mãos de iníquos, os romanos, que ignoravam a lei de Deus, para que fosse crucificado e morto. Apesar de que nem romanos nem judeus foram absolvidos da culpa, a morte de Jesus aconteceu de acordo com um **determinado desígnio e presciência de Deus.**

24. Embora juízes humanos condenassem Jesus à morte, uma corte mais alta ressuscitou-o dos mortos, uma vez que era impossível que o Messias permanecesse sob o poder da morte.

25-28. Logo a seguir Pedro provou que a morte do Cristo fazia parte do plano redentor de Deus, mostrando que fora previsto nas Escrituras do V.T. Citou o Sl. 16:8-11, uma passagem que no seu próprio contexto refere-se a Davi e a sua esperança de salvação da morte. Mesmo na morte, Davi esperava ver a face do Senhor. Por isso Ele podia se submeter à experiência da morte na esperança de que Deus não abandonaria a sua alma na morte (Sheol), a habitação dos mortos depois da morte, nem permitira que Ele visse **corrupção** da sepultura. Uma vez que Deus é o Deus dos vivos, apesar do V.T, não revelar plenamente a vida após a morte, Davi estava confiante que Deus lhe mostraria os *caminhos da vida* e lhe proporcionaria a plenitude da alegria da presença divina mesmo depois da morte.

29. O apóstolo tornou claro que esses versículos não podiam se referir a Davi, uma vez que Davi morreu de fato e experimentou a corrupção. Na verdade, **o seu túmulo** podia ser visto ao sul da cidade de Jerusalém. O salmista, portanto devia estar se referindo a um descendente de Davi mais importante, ao Messias.

30, 31. Deduz-se que o salmista falou profeticamente de um dos seus descendentes, o Cristo que se assentaria no **trono** de Davi. Nessas palavras de Davi, Pedro encontrou a profecia da ressurreição de Cristo.

32. A ressurreição do Messias, prevista pelo salmista, podia ser agora comprovada pela experiência dos apóstolos.

33. Jesus não fora apenas ressuscitado dos mortos; Ele também foi **exaltado, pois, à destra de Deus** e dessa posição exaltada derramou sobre o Seu povo o dom do Espírito Santo profetizado por Joel.

34, 35. Novamente Pedro citou os Salmos (110:1) para mostrar que a exaltação de Cristo também estava nas Escrituras proféticas. O Senhor Deus dissera ao Messias, o Senhor de Davi, que Ele se assentaria à direita de Deus até que todos os seus inimigos estivessem subjugados. Desses versículos podemos concluir que Cristo continua entronizado nos céus e no sentido literal está exercendo o seu reinado messiânico (Ap. 3:21).

36. O coração do Evangelho é este: que Jesus, ressuscitado dos mortos e exaltado à direita de Deus, foi feito **Senhor e Cristo** (Messias). Seu messiado significa senhorio; Ele reina à direita de Deus como Senhor e Rei. O cumprimento do ofício messiânico realizou-se de maneira nova e inesperada. O Senhorio de Cristo foi a doutrina cardinal da cristandade primitiva. Jesus entrou no exercício de Seu Senhorio em virtude de Sua exaltação (Fl. 2:9-11) e a salvação se encontra confessando que Jesus é o Senhor (Rm. 10:9).

37. Os ouvintes de Pedro ficaram convencidos e convictos. **Compungiu-se-lhes o coração** compreendendo que tinham condenado à morte o Messias de Deus, e conseqüentemente perguntaram o que deviam fazer para se livrarem dessa horrível culpa.

38. Pedro replicou que a misericórdia podia perdoar até mesmo esse pecado. Era preciso que houvesse uma reação dupla: arrepender-se e ser batizado **em nome de Jesus Cristo.** Arrepender-se significa dar meia-volta e abandonar seus caminhos pecaminosos, confessando a fé em Jesus como seu Messias. O batismo seria a evidência pública desse

espírito de arrependimento. O resultado seria a **remissão dos pecados** e a recepção do **dom do Espírito Santo.** A recepção do Espírito Santo não depende do batismo, mas segue-se ao batismo, que é o sinal exterior e visível de um espírito penitente. Na igreja primitiva os convertidos eram batizados sem delongas. Assim o batismo e a recepção do Espírito eram praticamente simultâneos.

39. Essa nova era de bênçãos messiânicas, explicou Pedro, concederia o Espírito Santo não apenas aos líderes tais como profetas, sacerdotes e reis, mas sobre todos os que se arrependessem, sobre seus descendentes e até sobre os de fora da família de Israel, a todos quantos Deus chamasse para a salvação.

O dom do Espírito Santo. O dom do próprio Espírito, não algum dom que o Espírito concede.

40, 41. O apóstolo, logo após, exortou seus ouvintes a salvarem-se **desta geração perversa,** que condenara Jesus à morte, aceitando o seu apelo de arrependimento e o seu testemunho de que Jesus era o Messias deles. O resultado foi que cerca de três mil pessoas aceitaram sua palavra e foram batizadas professando sua fé e foram acrescentadas à comunidade do pequeno círculo de crentes. Não há nenhuma indicação de que os apóstolos tenham imposto as mãos sobre esses novos convertidos para que eles recebessem o Espírito Santo.

D. Vida da Igreja Primitiva. 2:42-47.

Agora Lucas dá um pequeno resumo da vida e caráter da primitiva comunidade cristã.

42. A doutrina dos apóstolos ou seus ensinamentos. Os ensinamentos do Senhor, com a proclamação de Sua vida, morte e ressurreição, mais o seu significado para a salvação do homem. Estes ensinamentos eram tradição de autoridade na igreja primitiva e mais tarde foram incluídos em nosso Novo Testamento. Esses crentes primitivos encontravam deleite em terem **comunhão** uns com os outros, particularmente no **partir do pão** (que provavelmente consistia de uma

refeição fraternal, com a Ceia do Senhor) e em regulares períodos de oração em conjunto.

43. O caráter da comunidade cristã primitiva despertou no povo um sentimento de reverência, que era reforçado pelos muitos milagres realizados pelos apóstolos.

44, 45. Tão devotados eram uns aos outros os membros dessa primeira comunidade cristã que os crentes ricos vendiam suas propriedades para suprir as necessidades dos membros pobres.

O amor cristão manifestou-se num programa social de assistência material aos pobres. Essa atitude cristã de partilhar com os outros parece que se limitou aos primeiros anos da igreja de Jerusalém e não se estendeu às novas igrejas conforme o Evangelho foi sendo levado através da Judéia.

46. Os crentes ainda eram judeus e continuavam a realizar o seu culto diário a Deus no Templo, de acordo com os costumes judaicos. Não houve pensamentos da parte dos judeus crentes, de se apostatarem do judaísmo e assim estabelecerem um movimento à parte. Sua comunhão cristã manifestou-se particularmente nas refeições tomadas em comum, de casa em casa. O gozo e a generosidade de coração eram duas características salientes daqueles crentes.

47. Nem todos os judeus receberam o testemunho do messiado do Jesus ressurreto, mas até mesmo aqueles que o rejeitaram olhavam para a comunidade dos primeiros cristãos com grande favor. O resultado foi que o Senhor acrescentava diariamente à nova comunidade aqueles que aceitavam o testemunho, e a comunidade cristã os recebia como irmãos.

II. A Igreja em Jerusalém. 3:1 - 5:42.

A igreja primitiva no começo não demonstrou inclinação para encetar uma missão de evangelização mundial. Os primeiros cristãos foram judeus morando em Jerusalém como judeus que encontraram em

Jesus o cumprimento das profecias do V.T Lucas seleciona diversos episódios ilustrando esses primeiros anos.

Atos 3

A. Um Milagre e um Sermão Típicos. 3:1-26.

A cura do coxo foi um dos muitos milagres, mas foi de singular importância porque forneceu ocasião para um sermão típico que ilustra o conteúdo da pregação apostólica aos judeus. Isto, por outro lado, levou à primeira oposição da parte dos líderes judeus.

1. Pedro e João, o irmão de Tiago, são freqüentemente mencionados como dois apóstolos líderes da igreja primitiva, Os discípulos continuaram a participar da adoração a Deus dos judeus no **templo**. A hora nona, ou às 15 horas, era hora de oração a que acompanhava o sacrifício da tarde.

2. Os apóstolos atravessaram o **Pátio** dos Gentios em direção à porta chamada **Formosa** que dava para o Pátio das Mulheres, onde encontraram um homem coxo que ali era deixado dia após dia para mendigar.

6-8. Pedro não tinha dinheiro para lhe oferecer, mas deu-lhe algo muito melhor – força para suas pernas e pés aleijados. A cura foi instantânea; e o homem curado acompanhou os apóstolos quando entraram no Templo, pulando de alegria pela sua saúde recuperada, e gritando louvores a Deus.

9, 10. Seus gritos chamaram a atenção de uma multidão que ficou admirada ao ver o homem que diariamente estivera junto à porta Formosa pulando agora de alegria.

11. Pedro aproveitou-se desse milagre para tomar a dar testemunho do poder salvador de Jesus. Aparentemente, depois do culto de oração e sacrifício, Pedro e João, com o ex-aleijado, seguiram até às colunas cobertas a leste do Pátio dos Gentios, lugar que se chamava **Pórtico ... de Salomão.** Ali a multidão se reuniu e Pedro lhe falou.

12. Em primeiro lugar Pedro repudiou qualquer crédito pelo milagre. Não fora pelo **poder** ou **santidade** dos apóstolos que o inválido fora curado.

13. Fora o Deus de Israel, o Deus que dera promessa a seus pais, que realizara o milagre. O homem fora curado porque **Deus glorificou a seu Servo Jesus** por meio da ressurreição e ascensão. A palavra *filho* (ERC) seria melhor traduzida para **servo** (ERA), pois a palavra se refere ao servo do Senhor profetizado em Is. 52:13-53:12. Jesus só pôde ser glorificado depois de entregue e negado pelos judeus diante de **Pilatos**, o governador romano.

14. O **Santo** e o **Justo** eram títulos às vezes usados para descrever o Messias. Que crime inimaginável foi aquele que os judeus cometeram, exigindo a soltura de um assassino e criminoso para condenar à morte o Santo e o Justo!

15. O Autor da Vida. Pedro designou Jesus como a fonte e origem da vida. Os judeus tentaram destruí-lO, mas Deus inverteu o veredito deles ressuscitando-O dos mortos.

16. A estrutura deste versículo é esquisita tanto em português como em grego, mas seu significado é claro. O nome de Jesus não possuía um poder mágico, mas **a fé que vem por meio do seu nome** produzia cura.

17. O crime monstruoso de matar Jesus pode ser perdoado, pois Pedro admite que os judeus e seus líderes não sabiam que estavam condenando à morte o Messias de Deus.

18. O V.T, não fala de um Messias sofredor, embora falasse de um servo do Senhor sofredor (Is. 53). Depois da sua ressurreição, Jesus mostrou aos discípulos que estas profecias se referiam à sua paixão. **Cristo**. Não um nome próprio aqui mas o título que significa *Messias*.

19. Agora Pedro desafiou os judeus a se arrependerem dos seus pecados e se voltarem para Deus. **Arrependei-vos. Voltem-se** do pecado para Deus. Isto significaria reversão do veredicto que pronunciaram sobre Jesus e confissão de que era o Messias de Deus. O resultado seria

que seus pecados seriam cancelados e que desfrutariam dos tempos de refrigério prometidos pelos profetas do V.T.

20. A conversão de Israel significava o retorno do Messias. É o propósito de Deus providenciar salvação para Israel antes do início do reino de Deus (Rm. 11:26), e Pedro insistiu com Israel para aceitar a salvação.

21. A morte, ressurreição e ascensão de Jesus não é o fim de Sua obra redentora. Ele deve vir novamente em poder para estabelecer uma nova ordem livre do mal e do pecado. Esta restauração incluirá a redenção da natureza (Rm. 8:18-23) como também o aperfeiçoamento da sociedade humana quando a vontade de Deus for feita na terra assim como é feito no céu.

Os **tempos de refrigério** são uma bênção presente; **a restauração de todas as coisas...** (que) **Deus falou pela boca dos seus santos profetas** é uma bênção futura; mas ambos são o resultado da obra redentora do Messias.

22, 23. Esses dias, dos quais Pedro fala, foram profetizados desde **Moisés**, o qual disse que Deus levantaria um outro profeta igual a Ele (Dt. 18:15-19), o qual transmitiria a palavra de Deus ao seu povo com autoridade. A ameaça contida no versículo 23 é uma combinação de Dt. 18:19 e Lv. 23:29.

24, 25. Esses dias da redenção que Pedro estava proclamando foi o tema constante dos profetas do tempo de Samuel. Os judeus eram os filhos dos profetas e da aliança feita com Abraão e eram, portanto, os herdeiros naturais dessas promessas messiânicas.

26. Enquanto a promessa de Abraão incluía os povos gentios, as bênçãos do Messias foram oferecidas primeiramente aos herdeiros naturais da aliança para que os desviasse de suas iniqüidades. **Servo** é a palavra que se encontra em 3:13, traduzida **Filho** na ERC. **Ressuscitado** refere-se ao aparecimento histórico de Jesus mais do que a ressurreição (levantado).

Atos 4

B. A Primeira Oposição dos Líderes Judeus. 4:1-37.

Um dos propósitos principais do Livro de Atos é mostrar que os judeus que rejeitaram e crucificaram Jesus continuaram rebeldes contra Deus rejeitando o Evangelho do Jesus ressuscitado e elevado aos céus proclamado pelos apóstolos. Este capítulo descreve o começo dessa oposição, que culminou com os planos dos judeus de matarem Paulo em sua última visita a Jerusalém (23:12-15; 25:1-3).

1. Foi tão grande a multidão que se ajuntou no Alpendre de Salomão que a polícia do templo interveio. Os **sacerdotes** pertenciam a um partido judeu chamado os **saduceus**. Discordavam dos fariseus quanto à interpretação da Lei e também negavam a doutrina da ressurreição e da existência dos anjos e demônios. O **capitão do templo** era um oficial importante, com autoridade quase igual a do sumo sacerdote e tinha a responsabilidade da preservação da ordem no Templo.

2. Os saduceus estavam preocupados porque Pedro e João proclamavam persistentemente que Jesus ressuscitara dos mortos e anunciavam, com base nessa ressurreição, a esperança de ressurreição dos homens. Os fariseus criam na ressurreição futura. Os apóstolos declararam que Deus providenciara agora nova base para esta esperança.

3. Sendo já bastante tarde, a polícia do templo, sob a direção dos sacerdotes, prendeu os dois discípulos e os colocou na cadeia para ali passarem a noite.

4. Lucas infere que esses acontecimentos tiveram grande efeito sobre o povo, e muitos creram, de modo que o número dos crentes chegou a cinco mil.

5, 6. Na manhã seguinte o Sinédrio se reuniu. Era a mais alta corte dos judeus, e se compunha de **autoridades** ou sacerdotes, **anciãos** e **escribas**. **Escribas**. Estudantes profissionais e professores do V.T. Seus discípulos eram os fariseus. Nessa ocasião **Caifás** era o sumo sacerdote presidente do Sinédrio. Seu sogro, **Anás**, era o ex-sumo sacerdote e uma

espécie de estadista mais velho. O termo **sumo sacerdote**, ou melhor, *principal sacerdote*, podia ser aplicado a diversos membros de famílias das quais vinham os sumos sacerdotes. Nada sabemos sobre **João** e **Alexandre**.

7. Pedro e João foram levados à presença do Sinédrio e desafiados a dizer com que autoridade, leigos como eles eram, agiam daquela forma.

8-10. Pedro experimentou um novo revestimento do Espírito para que pudesse se defender. Ele destacou que nada fez além de ajudar um aleijado. O ex-aleijado estava de pé com Pedro e João, e Pedro declarou que a sua cura fora efetuada em nome de Jesus Cristo de Nazaré, não por algum poder que existisse nos próprios apóstolos.

11, 12. Pedro estava presumivelmente defendendo-se, mas depois abandonou a defesa e começou a proclamar o Evartgelho. Ele citou o Sl. 118:22, declarando que Cristo era a **pedra** que os construtores da nação judia rejeitaram mas a qual Deus estabeleceu por mais importante pedra do edifício. Além disso, disse que só nEle havia salvação; e que se os judeus rejeitassem o poder salvador do Seu nome, não haveria outro meio de encontrarem salvação. A destruição viria sobre eles e a nação. **Pedra angular** pode designar tanto a pedra fundamental como o ângulo superior da juntura de duas paredes. **Salvação** aqui provavelmente se refere à vida na dispensação vindoura.

13. Esse discurso deixou o Sinédrio admirado. **Iletrados e incultos** não se refere à sua inteligência ou capacidade de ler e escrever, mas ao fato de que não eram escolados na tradição dos escribas, sendo de fato leigos. Era coisa incomum que leigos sem preparo falassem com tal eficiência e autoridade. Os líderes já sabiam que Pedro e João eram discípulos de Jesus, mas lembravam-se agora do fato de que Jesus também, mesmo não sendo educado nas tradições dos escribas (Jo. 7:15), também tinha deixado o povo maravilhado com a autoridade com que falava (Mc. 1:22). Algo dessa mestria autoridade refletia-se agora nos seus discípulos, e o milagre que fora realizado sobre o aleijado tomou difícil negar a eficácia dessa autoridade.

15-17. Os dois discípulos foram mandados para fora enquanto os membros do sinédrio deliberam. Embora Pedro e João não tivessem infringido nenhuma lei, estavam ganhando uma popularidade perigosa. o sinédrio deliberou que a única atitude possível era ameaçá-los, ordenando-lhes que não -pregassem mais em nome de Jesus. O Sinédrio não tomou nenhuma providência, conforme F.F. Bruce faz ver (*Commentary on the Book of Acts*), para desacreditar a afirmação central da pregação dos apóstolos – que Jesus ressuscitara dos mortos. A pregação dos apóstolos poderia ser facilmente frustrada se a proclamação da Ressurreição fosse comprovadamente falsa. o corpo de Jesus desvanecera-se tão completamente que o Sinédrio sentia-se inteiramente impotente para refutar a mensagem.

18. Quando Pedro e João foram chamados de volta pelo Sinédrio, não foram punidos mas ordenaram-files que deixassem toda e qualquer pregação em nome de Jesus.

19, 20. Os apóstolos responderam que se lhes fosse solicitado escolher entre a vontade de Deus e o decreto dos homens, teriam de escolher nada mais nada menos que obedecer a Deus.

21. Os apóstolos ganharam tal popularidade que o sinédrio não se atreveu a provocar a ira do povo mandando puni-los. Além disso, os saduceus não tinham o apojo do povo como os fariseus, e tinham que tomar cuidado coma opinião pública.

22. A maravilha do milagre estava no rato de que esse homem já tinha mais de quarenta anos de idade.

24. Seguiu-se uma reunião de oração, na qual os crentes não pediram que Deus os livrasse de problemas e perseguições futuras, mas o louvaram por ser Ele o Senhor de todas as coisas. Dirigiram-se-lhe chamando-o de **Soberano Senhor** e não simplesmente *Senhor*.

25, 26. Os cristãos experimentaram a perseguição prevista em Sl. 2:1-3. Os principais se opuseram tanto a Deus como ao seu **Ungido** ou *Messias*.

27. Novamente os crentes se referiram a Jesus chamando-o de **Santo Servo** que também era o Ungido. Para eles **Herodes** Antipas, tetrarca da Galiléia e Peréia, representava os reis da terra. **Pôncio Pilatos,** o governador romano da Judéia, representava os príncipes. Os outros oponentes do salmo identificaram como sendo os romanos (**gentios**) e os povos de Israel.

28. Por trás desses atos maus praticados por homens perversos, eles sabiam, estavam o que a mão e o propósito de Deus predeterminaram.

29, 30. Os cristãos não oraram pedindo segurança ou proteção, mas que, em face da oposição, pudessem ser fiéis na proclamação da palavra de Deus.

31. A resposta à sua oração foi uma renovação da plenitude do Espírito Santo, que se manifestou na sua destemida proclamação da palavra de Deus. Não foi, entretanto, um outro batismo com o Espírito.

32. Os versículos 32-37 contêm um novo resumo do caráter da primitiva comunidade cristã semelhante ao de 2:42-47. Uma das características principais dessa igreja cheia do Espírito era a unidade o sentimento de união que se manifestava na partilha dos recursos materiais.

34. Para suprir as necessidades dos cristãos pobres, os crentes mais ricos vendiam terras ou casas e traziam o dinheiro para que fosse usado em benefício de todos.

35. Os apóstolos supervisionavam este ministério do amor, que era executada na base da necessidade pessoal e não na base da igualdade.

36, 37. Um cristão se destaca especialmente: **José**, um cristão judeu, natural da Ilha de Chipre, que tinha parentes em Jerusalém (cons. 12:12; Cl. 4:10). Seu sobrenome, **Barnabé** pode significar *filho da consolação* ou *filho do encorajamento* ou *exortação*. Tais sobrenomes eram muitas vezes dados às pessoas para indicar seu caráter.

Atos 5

C. Morte de Ananias e Safira. 5:1-16.

Este incidente nos mostra que a igreja primitiva não estava livre de problemas fritemos. Lucas não procura atenuar a situação mas conta o acontecimento com cores negras.

1, 2. Safira no aramaico significa *linda*. Tal como Barnabé, ela e seu marido venderam uma **propriedade**. Ananias, com o conhecimento de sua mulher, planejou levar apenas parte do dinheiro aos apóstolos, fingindo que estava dando tudo.

3. Não somos informados de como Pedro reconheceu a fraude; foi provavelmente por iluminação divina. Perito acusou Ananias não por enganá-lo mas por tentar enganar o Espírito Santo. O Espírito Santo é obviamente uma pessoa, e o versículo 4 mostra que o Espírito Santo também é Deus.

4. O programa de partilhar riquezas na igreja primitiva era puramente voluntário e não compulsório. Permanecendo de posse da terra, Ananias tinha o direito de fazer o que entendia; e mesmo depois de vendê-la, o dinheiro era seu para usá-lo como quisesse. O pecado de Ananias não foi o de guardar o dinheiro, mas o de pretender uma consagração completa a Deus enquanto deliberadamente guardou parte do dinheiro. Foi o pecado de uma consagração desonesta, pois ele mentiu a Deus.

5. Encarando a enormidade do seu pecado, Ananias sentiu-se completamente vencido e imediatamente caiu ao chão e **expirou**. Não somos informados da causa do seu mal. Certamente Pedro não invocou sua morte. Quer Ananias tenha ou não expirado devido a um choque emocional, sua morte foi um juízo de Deus sobre sua consagração hipócrita.

6. Antigamente no Oriente o sepultamento era feito logo após a morte sem maiores delongas por causa da rápida decomposição dos corpos.

7. Safira devia estar longe da cena, caso contrário a morte de seu marido tê-la-ia alcançado mais cedo.

9. Pedro acusou-a de cumplicidade de estar brincando com Deus. **Tentar** a Deus (Êx. 17:2; Dt. 6:16), isto é, ver até onde se pode ir tomando liberdades com a bondade de Deus, é um pecado perigoso. Essa foi uma das tentações que nosso Senhor enfrentou (Mt. 4:7).

10. Safira teve o mesmo destino de Ananias. Ela também caiu e expirou. Não temos motivos para crer que Ananias e Safira não fossem salvos. Sua morte física foi um juízo divino que não envolveu a salvação deles. O próprio fato de serem crentes determinou a enormidade do seu pecado. Estavam fingindo uma "submissão total" mas deliberadamente guardaram algo para si. Este é um pecado que só pode ser cometido por um cristão.

11. Este acontecimento despertou grande espanto e temor de Deus na igreja e produziu influência purificadora. Aqui pela primeira vez em Atos aparece a palavra **igreja** (*ekklésia*). Significa, *chamados* e refere-se ao chamado feito aos cidadãos gregos para que saíssem de suas casas a fim de assistirem assembléias públicas com propósitos cívicos. A palavra foi usada no V.T, grego em relação a Israel na qualidade de povo de Deus. Seu uso no N.T., portanto, indica que a Igreja é o novo povo de Deus. A palavra nunca foi usada com referência a um edifício. Ela se refere tanto à igreja como um todo (5:11; 9:31; 20:28) como às congregações locais dos crentes (11:26; 13:1).

12. Os cristãos primitivos não tinham seus próprios edifícios para adoração mas reuniam-se no Pórtico de Salomão, que fazia o limite oriental da vasta área do templo.

13, 14. A morte de Ananias e Safira teve uma tal influência purificadora que ninguém se atrevia a entrar para a nova comunidade com razões meramente humanas. Entretanto, a igreja era muito respeitada pelo povo. Só aqueles que experimentavam uma genuína obra salvadora de Deus atreviam-se a entrar para a igreja; mas havia muitos desses crentes.

D. A Segunda Oposição dos Líderes Judeus. 5:17-42.

A popularidade dos crentes despertou novamente a atenção dos principais sacerdotes e dos saduceus. Um dos motivos centrais do livro de Atos é a rejeição do Evartgelho pela nação judia. Esta secção descreve mais um passo na rejeição e perseguição exercida pelas autoridades judias.

17. Seita significa simplesmente *partido* e não possui conotações favoráveis, como a palavra na atualidade.

18. Dessa vez todos os apóstolos foram presos e postos na cadeia durante a noite para serem interrogados pelo Sinédrio de manhã.

19,20. Os apóstolos foram sobrenaturalmente libertados durante a noite e foram encorajados a continuarem testemunhando ao povo sobre o modo de viver e sobre a salvação. **Desta vida.** Uma designação costumeira para a mensagem cristã.

21. Ao romper do dia o Sinédrio (que também era chamado de *senado*), constituído dos saduceus e fariseus, reuniu-se e mandou buscar os apóstolos para interrogá-los.

22, 23. Os guardas foram à prisão e encontraram cada coisa em seu lugar, as portas trancadas e as sentinelas alertas; mas os apóstolos tinha desaparecido.

24. O capitão da polícia **do templo** era membro do Sinédrio. **Os principais sacerdotes.** Chefes das diversas famílias de sumo sacerdotes e sacerdotes que já tinham ocupado anteriormente o cargo de sumo sacerdote e que continuavam usando o título. Esses oficiais do Sinédrio ao que parece achavam que os cristãos tinham ganho convertidos dentro do círculo dos guardas do templo e parecia-lhes que esse novo movimento estava fugindo ao seu controle.

25. No meio das deliberações, chegou a notícia ao Sinédrio de que os apóstolos estavam novamente **no templo** e ensinando o **povo**.

26. O capitão da polícia com os seus subordinados persuadiram os apóstolos a acompanhá-los pacificamente até o Sinédrio. O capitão não se atreveu a usar de violência ao levar os apóstolos, temendo violenta

reação do povo, que estimava grandemente esses pregadores que curavam.

27, 28. Os apóstolos acompanharam a polícia indo da área do templo até o lugar da reunião do Sinédrio. O sumo sacerdote acusou-os de duas ofensas: primeiro, desobedeceram aquela injunção do Sinédrio de interromper seus ensinamentos em nome de Jesus. Segundo, estavam tentando levantar contra o Sinédrio a censura pública por causa da crucificação de Jesus. Os apóstolos, é claro, não tinham tal intenção, mas sua pregação sobre a cruz dava esta impressão.

29. Pedro replicou que tal injunção do Sinédrio colocava-os realmente diante do dilema de obedecer aos homens ou a Deus.

30. Em tal situação, só havia uma única possibilidade, especialmente considerando que Deus unha ressuscitado Jesus dos mortos, a quem os líderes judeus assassinaram. Pela expressão, **o Deus de nossos pais,** Pedro demonstrou que ainda se considerava judeu. A igreja primitiva não interrompeu a comunhão com os judeus mas existia como uma comunidade dentro do Judaísmo.

31. Quando os judeus infligiram a Jesus a degradação da cruz (Dt. 21:33), Deus lhe concedeu a mais alta honra, fazendo dEle um **Príncipe** ou *Líder* **e Salvador. Príncipe** é a mesma palavra traduzida para "Autor" em Atos 3:15 (outra tradução).

32. A proclamação dos apóstolos baseava-se no fato de que tinham testemunhado as coisas das quais falavam. Além disso, eles não falavam simplesmente como indivíduos particulares, mas seu testemunho tinha o poder do Espírito Santo, que falava por meio deles. O Espírito Santo fora dado não somente aos apóstolos mas à todos que Lhe obedeciam.

33. Estas palavras de Pedro atingiram os sacerdotes profundamente e eles se zangaram. A ala dos saduceus dentro do Sinédrio imediatamente começou a planejar como matar os apóstolos.

34. Seus propósitos malignos foram frustrados por um escriba e **mestre da lei,** chamado Gamaliel. Josefo, o historiador judeu, conta-nos, que o partido dos fariseus era pequeno em número mas possuía tal

popularidade e influência entre o povo que os saduceus não ousavam tomar qualquer atitude à qual os fariseus se opusessem. A influência do conselho de Gamaliel reflete-se nesta situação. Além disso, Gamaliel era um dos mais conhecidos rabis daquele tempo. Saulo de Tarso fora seu discípulo (22:3), e era largamente conhecido como o maior professor da Lei do seu tempo.

35. Gamaliel advertiu os saduceus, que se inclinavam a agir sem o apoio da maioria constituída pelos fariseus, anão agir irrefletidamente.

36. Ele citou recentes acontecimentos históricos para lembrá-los que já houvera outros movimentos entre os judeus que deram em nada, e que portanto não deviam temer esse novo grupo que proclamava que Jesus era o Messias. Josefo diz que houve muitos desses movimentos naqueles dias de insegurança. Gamaliel lembrou-se de Teudas, que proclamava ser pessoa de grande importância e que persuadiu uns quatrocentos judeus a segui-lo. Este movimento foi esmagado e Teudas foi morto. Nada mais sabemos sobre esse homem. Cerca de 45 A.D., um mágico com o mesmo nome levou um grande número de judeus ao Rio Jordão, prometendo separar as águas para que pudessem atravessá-lo a seco. O governador romano, Crispo Fadus, enviou cavaleiros e estragou o movimento. Esse falso messias, entretanto, foi outro e não a pessoa mencionada por Gamaliel.

37. Outra insurreição foi liderada por **Judas, o galileu.** Quando Herodes Arquelau, um dos filhos de Herodes, o Grande (Mt. 2:1, 22), foi deposto do governo da Judéia, o país ficou sob a liderança de um governador romano; e foi feito um **recenseamento** para determinar quanto deviam obrigar o povo a pagar de imposto a Roma. Este Judas provocou uma revolta religiosa e nacionalista com base em que somente Deus era o rei de Israel e que só Ele tinha o direito de governar o povo de Israel. Esse movimento foi o começo do que mais tarde se transformou no grupo dos zelotes; mas a revolta dirigida por Judas foi esmagada por Roma.

38, 39. Gamaliel aconselhou o Sinédrio a confiar na providência divina. Se Deus estivesse no movimento, este prosperada; caso contrário fracassaria.

40. A influência de Gamaliel era tão grande que ele venceu a decisão do Sinédrio. Um castigo menor, o açoitamento, foi imposto, provavelmente com trinta e nove golpes (II Co. 11:24), por desobediência à primeira ordem do Sinédrio.

41, 42. Os apóstolos de modo nenhum desanimaram, pois acharam que sofrer em nome de Jesus era uma honra. Continuaram suas atividades ensinando e anunciando Jesus como o Messias, tanto em público no Pátio dos Gentios, **no templo**, como, também nas reuniões dos cristãos nos lares.

III. Expansão da Igreja na Palestina Através da Pregação e Dispersão. 6:1 – 12:25.

Até este ponto, os apóstolos não deram nenhuma evidência de ter o propósito de levar o Evangelho a todo o mundo, mas permaneceram em Jerusalém dando o seu testemunho aos judeus. Agora Lucas conta o começo da expansão da igreja através da Judéia e Sanaria. Essa expansão não foi realizada por causa da visão e propósito da igreja mas por ato providencial de Deus, dispersando os crentes. Para explicar esta perseguição, Lucas primeiro conta como Estêvão colocou-se em posição de destaque como um dos sete.

Atos 6

A. A Escolha dos Sete. 6:1-7.

A igreja nos seus primeiros dias de existência não tinha organização formal, nem oficiais ou líderes, com exceção dos apóstolos. O crescimento numérico da igreja e os problemas que surgiram na comunidade interna exigiu que se começasse a organizá-la e que se escolhesse líderes ou ministros adicionais.

1. Os judeus que eram nativos da Palestina falavam principalmente o aramaico; mas os judeus que tinham vivido no mundo mediterrâneo fora da Palestina falavam o grego e às vezes nem conheciam o aramaico. Muitos desses judeus da Diáspora voltaram a Jerusalém para morar, e alguns deles converteram-se e entraram para a igreja. Surgiu uma discórdia entre os cristãos que falavam o grego (**helenistas**) e os que falavam o aramaico (**hebreus**) porque parecia que havia favoritismo em prol destes últimos na distribuição do alimento às viúvas. As viúvas eram pessoas sem qualquer meio de sustento, que recebiam da comunidade cristã o necessário para viver.

2. Os doze apóstolos reuniram toda a igreja e fizeram ver que essa responsabilidade de cuidar dos pobres tornara-se-lhes tal peso que acabaram devotando a maior parte do seu tempo nesse ministério material em prejuízo- do ministério da Palavra. Tal negligência não era **razoável**.

3, 4. Eles recomendaram que a distribuição dos alimentos fosse colocada sob a direção de sete homens cheios do Espírito e de boa reputação. Os apóstolos ficariam então livres para se dedicarem ao ministério da oração, pregação e ensinamento da Palavra.

5. Estevão se encontrava entre os sete homens escolhidos. Todos os sete tinham nomes gregos e ao que parece foram aliciados da ala grega da igreja. 6. A igreja como um todo escolheu esses sete homens, mas os apóstolos aprovaram a seleção e os encarregaram do seu ofício. Então os sete foram ordenados para esse ofício pela imposição das mãos dos apóstolos. Essa imposição das mãos era um costume do V.T. (Gn. 48:13 e segs.; Lv. 1:4; Nm. 27:23), que também era praticado pelos judeus quando os homens eram admitidos ao Sinédrio. Foi adotada pela igreja primitiva quando da ordenação desses líderes. Havia entretanto, uma qualificação preliminar; os sete deviam ser cheios do Espírito Santo. Além dos apóstolos, estes sete foram os primeiros oficiais da igreja. Por tradição foram chamados de diáconos; mas não são chamados assim no texto.

7. A solução deste problema aumentou a eficácia do testemunho cristão, e até muitos dos **sacerdotes** creram.

B. A Conjuntura da Dispersão: O Ministério e Martírio de Estêvão. 6:8 - 8:3.

8. Logo Estêvão foi notado como homem de poder e predicados especiais.

9. Ele dava testemunho do messiado de Jesus nas sinagogas judias de Jerusalém particularmente numa que era freqüentada pelos **libertinos**, que antes tinham morado nos quatro lugares mencionados. Uma sinagoga compunha-se de dez ou mais judeus que se reuniam para leitura e interpretação das Escrituras. Uma tradição exagerada diz que havia 480 sinagogas em Jerusalém.

10, 11. Este ministério de Estêvão ao que parece levou a um debate formal. Quando os judeus não foram capazes de vencer o ardoroso líder, no debate, por causa de sua **sabedoria** e poder do Espírito, secretamente instigaram algumas testemunhas que declararam ter ele proferido palavras blasfemas contra a lei de Moisés e contra Deus.

12. O fiel "diácono" foi levado diante do Sinédrio para se defender dessas acusações.

13-15. A alegada blasfêmia de Estêvão contra Deus foi definida como blasfêmia contra o Templo. Ao que parece estivera ensinando que o Templo Judeu não era mais necessário para se adorar a Deus verdadeiramente. Era agora acusado de ensinar que Jesus de Nazaré destruiria o Templo e perverteria a prática da lei mosaica. Essa acusação não era pura invencionice, mas uma inteligente deturpação do que Estêvão estivera realmente ensinando.

Atos 7

7:1. O sumo sacerdote e presidente do Sinédrio ainda era Caifás, que presidira o julgamento e a condenação de Jesus.

2. O discurso de Estêvão que se segue não foi realmente uma refutação das acusações apontadas contra ele mas antes uma afirmação positiva do testemunho de Jesus Cristo e do Evangelho. Estêvão não tentou mostrar que as acusações contra ele eram falsas. Pelo contrário, ele apresentou a sua convicção de que o Templo e a terra da Palestina não eram necessárias para uma verdadeira adoração a Deus. Esboçou um pequeno resumo da história de Israel para mostrar: a) que Deus abençoara seus pais mesmo quando esses homens não viviam na terra da Palestina; b) que durante muito tempo na história de Israel os judeus não adoraram a Deus no Templo; c) e que mesmo possuindo o Templo Israel continuou sendo rebelde e desobediente a Deus. O propósito desse discurso foi o de mostrar, na história de Israel, que a posse do Templo não era nem uma necessidade nem uma garantia para a verdadeira adoração a Deus. E isto serviu para substanciar o ponto principal, que tendo vindo o Messias, a adoração dos judeus no Templo em Jerusalém estava ultrapassada.

Deus não chamou Abraão na Terra Prometida mas quando se encontrava distante, **na Mesopotâmia**. Estêvão referiu-se a uma visita divina enquanto Abraão ainda se encontrava na Mesopotâmia, do que resultou sua ida a Harã, onde morou durante algum tempo e de onde partiu mais tarde para a Palestina. Gênesis 11:31, 32 não registra essa primeira visitação divina; mas Gn. 15:7 e Ne. 9:7 ambas indicam que a chamada divina a Abraão foi feita originalmente em Ur dos Caldeus na Mesopotâmia.

5. Embora Abraão habitasse na terra da Palestina, na realidade não possuiu a terra, mas apenas a considerou uma promessa de Deus a ele e seus descendentes. A bênção de Abraão, portanto, não dependia da posse da terra mas da promessa de Deus.

6, 7. Os descendentes de Abraão não possuíram a terra imediatamente, mas passaram quatrocentos anos no cativeiro fora da Palestina. **Quatrocentos anos** é um número redondo (cons. Gl. 3:17, onde o período é de 430 anos).

8. Deus fez a aliança com Abraão e seus descendentes, dando-lhes o sinal da circuncisão como selo do acordo. Essa bênção da aliança, Estêvão inferiu, não dependia da existência do Templo mas das promessas e fidelidade de Deus.

9, 10. Mesmo quando os patriarcas venderam **José... para o Egito,** Deus não o abandonou por se encontrar fora da terra, mas concedeu-lhe um maravilhoso livramento, fazendo dele o **governador daquela nação** e da casa de Faraó.

11-15. Quando houve uma grande fome no Egito e na Palestina, Deus concedeu a José a visão de reservar mantimentos no Egito para preservação dos patriarcas. Jacó e sua família emigraram para o Egito, onde foram protegidos por José. O número **setenta e cinco** segue a septuaginta com a tradução grega do V.T.; o número setenta em Gn. 46:27 e Êx. 1:5 é do texto hebraico. Esses dois textos refletem duas maneiras de se contar a família de Jacó.

16. Embora os patriarcas morressem no Egito, seus corpos foram levados de volta à Palestina e foram sepultados na terra que Deus prometera a Abraão e sua semente.

17- 43. Estevão fora acusado de blasfêmia contra Moisés. Ao contar a história de Moisés e da Lei, ele mostrou que a posse da Lei não protegeu Israel da rebelião contra Deus.

17. Ao se aproximar o tempo em que Deus prometera tirar os patriarcas do Egito para lhes dar a terra de Canaã, o povo não sentiu inclinação para deixar o Egito, onde estava aumentando e prosperando.

18, 19. Então Deus levantou **outro rei** no Egito que não continuou dispensando favoritismo a José e sua família, mas que tratou os israelitas fraudulentamente, compelindo-os a destruir todas as suas criança por abandono.

20, 21. Moisés, que nasceu nessa ocasião, era formoso aos olhos de Deus. Quando, após três meses, seus pais tiveram de enjeitá-lo, **a filha de Faraó... criou como seu próprio filho** dentro da família real.

22. Como filho da filha de Faraó, Moisés recebeu a melhor educação que havia no Egito, tomando-se um jovem eloqüente e de ação vigorosa.

23. Depois de chegar à idade adulta, Moisés tomou a decisão de deixar o palácio de Faraó a fim de visitar seu povo. Ao que parece, durante esses quarenta anos, não teve nenhum contato com o seu povo, vivendo como um egípcio na casa de Faraó.

24, 25. Quando viu um dos israelitas sendo maltratado, tomou a sua defesa e, feriu o egípcio, matando-o. Moisés pensou que os seus o reconheceriam como enviado por Deus para libertá-los; mas eles não reconheceram este fato.

26. No dia seguinte, quando Moisés encontrou dois israelitas brigando, tentou reconciliá-los, destacando que eram irmãos e portanto não deviam brigar entre si.

27, 28. O agressor rejeitou fortemente a sugestão de paz feita por Moisés. Acusou-o de intromissão e de querer suborná-lo para esconder o crime que cometera contra o egípcio no dia anterior.

29. Quando Moisés viu que era conhecido como assassino de um egípcio em defesa dos israelitas, fugiu do Egito e tornou-se **peregrino** em Midiã, ao noroeste da Arábia. Casou-se ali e teve dois filhos.

30. Foi aí no Monte Sinai, longe da Terra Prometida e sem nenhum templo, que Deus se revelou maravilhosamente a Moisés.

31, 32. A princípio Moisés não compreendeu o que significava a sarça ardente. Então Deus lhe falou, revelando-se como o Deus dos patriarcas. A voz do Senhor encheu Moisés de temor, de modo que nem se atreveu a olhar para a sarça ardente.

33. Esse desolado lugar no deserto foi transformado em lugar santo porque Deus apareceu ali. Conseqüentemente Ele ordenou a Moisés que removesse seus sapatos em sinal de reverência. Onde quer que Deus apareça e fale aos homens, o lugar é santo.

34. Deus assegurou a Moisés que não esquecera o Seu povo, ainda que estivesse no Egito, e que logo cumpriria Suas promessas, libertando os israelitas.

35. Deus inverteu o julgamento dos irmãos de Moisés. Zombaram dele porque pensavam que estivesse tentando agir como **autoridade e juiz**; Deus fez de Moisés um **chefe e libertador** do seu povo no Egito. **Libertador** dá a idéia de redentor.

36. Essa redenção foi realizada com demonstração de **prodígios e sinais** no Egito, na travessia do Mar Vermelho e nos quarenta anos de viagem do Egito à Terra Prometida.

37. A experiência de Moisés apenas foi uma sombra dAquele maior que viria depois dele. Pois Moisés previu a vinda de um outro profeta, a quem Israel deveria dar atenção (Dt, 18:15, 18, 19).

38. Sob a liderança de Moisés, Israel foi um tipo da Igreja. A palavra grega para igreja, *ekklésia*, foi usada em Dt. 18:16 descrevendo Israel na posição de congregação de Deus.

O anjo. O anjo particular do Senhor que representa Deus e torna Sua presença real aos homens. Moisés recebeu também oráculos vivos de Deus, isto é, a Lei do V.T. (Êx. 20). Todas essas bênçãos o povo de Israel desfrutou da mão de Deus enquanto ainda se encontrava no deserto fora da terra e sem um templo.

39. Apesar dessas bênçãos vindas da mão de Deus, os israelitas não obedeceram a Deus, rejeitaram a Moisés e quiseram voltar ao Egito. 40. Quando Moisés se encontrava na montanha, o povo exigiu que Arão fizesse ídolos para serem adorados. Em vez de adorarem a Deus, seu Criador, adoraram um bezerro de ouro que eles mesmo fizeram (Êx. 32:16, 18). Dera como desculpa o fato de Moisés ter desaparecido e que não sabiam o que lhe tinha acontecido.

41. Estêvão estava sob a acusação de blasfêmia contra Moisés. Sua exposição da história mostrou que os antepassados dos seus acusadores, eles mesmos falharam em guardar a lei de Moisés e rejeitaram a ordem divina de adoração para adorarem ídolos.

42. Essa tendência para a idolatria, refletiu-se através de todo o curso da história de Israel, chegou ao seu clímax no cativeiro da Babilônia, quando Israel imitou seus vizinhos adorando os planetas dos céus como se fossem divindades (Dt. 4:19; 17:3; II Reis 21:3, 5; 23:4, 5; Jr. 8:2; 19:13; Sf. 1:5). Deus abandonou Israel a esta adoração pagã idólatra. Estêvão citou Amós 5:25-27 para dar um exemplo da apostasia de Israel. A diferença entre a passagem de Amós e a de Atos nas versões em português deve-se ao falo de que Estêvão citou a tradução grega do V.T., a qual neste ponto se desvia do original hebreu. Estêvão mostrou que os sacrifícios oferecidos a Deus eram apenas formas externas e não possuíam nenhuma realidade espiritual (cons. Is. 1:10-14, onde Deus rejeita os sacrifícios do seu povo porque não vinham de um coração obediente.)

43. Moloque e Renfã eram duas divindades associadas às estrelas. A idolatria dos judeus com o bezerro no Sinai e sua adoração a Deus, formal e não espiritual, através dos sacrifícios no deserto, levou-os afinal à adoração das divindades astrológicas pagãs. Por causa dessa apostasia, eles atraíram o juízo de Deus na forma do cativeiro além da Babilônia.

44, 45. A apostasia de Israel ocorreu apesar do fato de Deus lhe dar uma testemunha evidente. No deserto, Deus ordenara a Moisés que construísse um **tabernáculo** ou tenda, que seria uma testemunha da presença de Deus no meio deles (Êx. 25:9, 40; 26:30; 27:8). Os patriarcas introduziram com eles este Tabernáculo na Terra Prometida sob a liderança de Josué. (A trad. gr. de **Josué** é *Jesus*.) Deus expulsou as nações da terra (a palavra gr, significa tanto gentios como nações), para que Israel pudesse possuí-la.

46, 47. Por muitos anos depois de entrar na terra, Israel não teve templo mas continuou adorando a Deus no Tabernáculo. **Morada** neste versículo é uma palavra diferente da que foi empregada em 6:44. Davi, um homem segundo o coração de Deus, quis providenciar uma habitação para Deus; mas esse privilégio foi retardado até os dias de Salomão.

48-50. Agora Estêvão declarou enfaticamente que o **Altíssimo** não pode ser limitado a estruturas construídas pelo homem, porque Ele enche o mundo inteiro, e não existe um tipo de casa que possa contê-lo.

51, 52. Se o Templo não é necessário para se adorar a Deus, não é também uma garantia que os homens, nele, adorarão a Deus corretamente. Estêvão acusou aqueles que adoravam no Templo de serem duros e **incircuncisos de coração e de ouvidos,** de resistirem ao Espírito Santo, e de traírem e matarem o **Justo**, seguindo assim o exemplo de seus rebeldes antepassados. Estêvão fora acusado de blasfemar contra a lei de Moisés. Sua resposta foi que na realidade não era ele .que era culpado desse pecado mas o povo judeu, que desde os tempos de Moisés transgredira a Palavra de Deus. Ele fora acusado de blasfemar contra Deus por rejeitar o Templo. Sua resposta foi que a história de Israel provou por si mesma que o Templo era apenas uma instituição temporária e não era essencial para a verdadeira adoração a Deus.

54. Quando Estêvão acusou os judeus de blasfêmia, eles se encheram de raiva incontrolável. **Rilharam os dentes.** Sinal de raiva (Jó 16:9; Sl. 35:14).

55, 56. Estêvão não se perturbou com a ira do Sinédrio. A essa altura, Deus lhe concedeu uma visão dos céus abertos com **o Filho do homem** em pé à Sua direita. As palavras de Estêvão foram, na realidade, uma declaração de que as palavras que Jesus recentemente proferira, diante desse mesmo corpo judicial, de ser o Filho do homem, não eram blasfemas, como o Sinédrio proclamara, mas eram a verdade de Deus (Mc. 14:62). Estêvão declarou que realmente Jesus estava agora à direita de Deus na qualidade de Filho do homem.

Jesus costuma ser descrito como assentado à direita de Deus (Sl. 110:1; Hb. 1:13). É possível que aqui Ele esteja representado como levantando-se do Seu trono para receber este mártir. O nome **Filho do homem** não designa a humanidade de Jesus; é um título messiânico, com base em Dn. 7:13, 14, e designa o Messias corno ser celestial e

sobrenatural. Este é o único lugar fora dos Evangelhos onde o título foi aplicado a Jesus.

57-58. Não está de todo claro se o martírio de Estêvão foi o resultado de uma execução formal ou um linchamento. Uma execução legal exigia a aprovação do governador romano, e considerando que isso não foi obtido, a morte de Estêvão parece um linchamento. Entretanto, a menção de testemunhas formais conforme exigia a Lei (Lv. 24:14; Dt. 17:7) dá a idéia de uma execução legal. É possível que o Sinédrio executasse Estêvão sem obter a aprovação oficial de Natos. Estêvão foi conduzido para fora da cidade para o lugar de execução e foi apedrejado. As **testemunhas** eram os executadores oficiais. Souto, que mais tarde se tornou o apóstolo Paulo, foi um observador da execução e ficou junto às roupas dos executantes. **Saulo** foi subitamente introduzido na narrativa sem explicações.

59, 60. Morrendo, Estêvão invocava a Jesus exaltado como Deus mesmo e orava para que Jesus recebesse o seu espírito. As suas palavras finais consistiam em uma oração de perdão para os seus executores. **Adormeceu** é a metáfora bíblica comum para o fenômeno da morte.

Atos 8

8:1. Saulo consentia. Alguns acham que essas palavras indicam que Saulo era um membro do Sinédrio. Isto não precisa ser verdade. Entretanto, sendo ele da Cilícia, era sem dúvida um membro da sinagoga que discutiu com Estêvão (6:9). Até esse momento a igreja não demonstrara nenhuma inclinação de levar o Evangelho a todo o mundo, permanecendo em Jerusalém. Deus usou a perseguição que se seguiu à morte de Estêvão como um meio providencial para a expansão do Evangelho fora de Jerusalém. Os crentes da congregação de Jerusalém foram espalhados por toda parte, mas os apóstolos puderam permanecer na cidade dando estabilidade à igreja.

3. O espírito instigador dessa perseguição foi Saulo (veja Gl. 1:13, 23; I Co. 15:9; Fl. 3:6). Ele se convenceu de que esse novo movimento

que proclamava um criminoso crucificado como o Messias não podia ser de Deus. Pois o V.T, pronunciava uma maldição sobre qualquer um que fosse pendurado sobre uma árvore. Era uma prova escriturística, segundo o entendimento de Saulo, que Jesus era um enganador e esse novo movimento era blasfemo.

C. O Evangelho em Samaria. 8:4-25.

Primeiro, Lucas registra a expansão do Evangelho em Samaria. Os samaritanos eram descendentes de uma mistura do remanescente de Israel com estrangeiros que foram introduzidos na Samaria pelos conquistadores assírios quando as classes superiores foram levadas para o exílio (II Reis 17). Os samaritanos construíram um templo rival sobre o Monte Gerizim (veja Jo. 4:20). Considerando os judeus que os samaritanos eram mestiços raciais e religiosos, violentos preconceitos raciais tiveram de ser vencidos antes da igreja poder se tornar realmente universal.

5. À cidade de Samaria. Não se sabe ao certo se Samaria indica uma cidade ou um pais. Normalmente, essa palavra no N.T. designa o território e não a cidade. A cidade de Sanaria foi reconstruída por Herodes, o Grande, nos moldes de uma cidade grega e recebeu o nome de Sebaste, em honra do imperador romano. A mensagem de Filipe na Samaria foi o *Messias* (**Cristo**), isto é, que Jesus era o Cristo.

9-11. Antes que Filipe chegasse a Samaria, um mágico chamado **Simão** exercera sua profissão, proclamando "que era alguém". As pessoas foram enganadas por seus truques e lhe atribuíram **o Grande Poder.** Grande era uma palavra usada pelos gregos pua designar o Deus judeu (o poder de Deus que é chamado Grande).

12. A mensagem de nosso Senhor foi o evangelho do reino de Deus (Mt. 4:23; 9:35). Dissera aos seus discípulos que pregassem o Evangelho do reino em todo o mundo (Mt. 24:14). Filipe foi a Samaria pregando **a respeito do reino de Deus.** A frase é exatamente a mesma exceto que o verbo foi usado em lugar do substantivo (evangelizando) e a preposição

foi inserida. O evangelho do reino de Deus e o nome de Jesus Cristo são aqui idéias intercambiáveis.

14-17. Os apóstolos... em Jerusalém mantinham um relacionamento de supervisão sobre toda a igreja e, por isso, enviaram Pedro e João a Samaria para investigar esse novo ponto de desenvolvimento. (João e seu irmão Tiago perguntaram certa vez a Jesus se não deviam pedir que caísse fogo do céu sobre uma determinada aldeia samaritana; veja Lc. 9:52 e segs.) Tornou-se evidente a Pedro e João que o dom do Espírito Santo recebido no Pentecostes não fora oferecido aos samaritanos convertidos. Eles receberam o batismo da água mas não o batismo com o Espírito. Os apóstolos achavam óbvio que a fé daquelas pessoas era genuína. Portanto impuseram-lhes as mãos e o Espírito Santo veio sobre eles. O significado deste acontecimento tem sido assunto de controvérsia, mas deve-se destacar que no dia de Pentecostes e na casa de Cornélio (Atos 10), o Espírito Santo foi concedido sem a imposição de mãos. Portanto torna-se arbitrário selecionar este acontecimento único para transformá-lo em norma de experiência cristã, e insistir que existe um batismo especial com o Espírito que é concedido após a fé salvadora pela imposição de mãos daqueles que já passaram por essa experiência. O significado desse acontecimento está no fato dessa gente ser samaritana. Eis aí o primeiro passo através do qual a igreja rompeu suas cadeias judias indo na direção de uma comunhão realmente universal. A imposição de mãos. não foi necessária para os samaritanos; mas foi necessária para os apóstolos, para que se convencessem completamente de que Deus estava realmente rompendo as barreiras do preconceito racial e incluindo essa gente mestiça dentro da comunidade da Igreja. Não foi um novo Pentecostes mas uma extensão do Pentecoste ao povo samaritano.

18-24. O desejo de Simão de comprar os dons de Deus com dinheiro deu origem à palavra "simonia". A resposta de Pedro foi, "O teu dinheiro seja contigo para perdição... Arrepende-te". Parece que Simão era realmente convertido, mas os hábitos da velha vida e o **laço de**

iniqüidade (v. 23) ainda não fora quebrada. Simão foi tomado de medo e rogou aos apóstolos que intercedessem por ele e buscassem o perdão de Deus (v. 24).

25. Pedro e João ficaram agora ocupados em um vigoroso programa evangelístico que os levou por muitas aldeias da Samaria. Depois, tendo completado sua excursão, retornaram a Jerusalém.

D. A Conversão do Eunuco Etíope. 8:26-40.

Agora Lucas registra um novo passo na direção da expansão da igreja, além de seu cenário judeu inicial, contando a conversão do eunuco etíope, que possivelmente era semiconvertido ao judaísmo, embora também pudesse ser judeu.

26. Gaza, era uma das cinco cidades dos filisteus, situava-se cerca de duas milhas e meia do mar. A cidade foi destruída em 93 A.C, mas foi reconstruída trinta e seis anos depois em novo local mais perto do mar. **Este se acha deserto** pode se referir tanto à estrada, como também, com mais probabilidade, ao sítio da antiga cidade.

27. Os eunucos serviam nas cortes orientais ocupando posições de grande autoridade. **Candace**. Não um nome próprio mas o título de uma autoridade real. O rei da Etiópia era considerado o filho do sol e portanto sagrado demais para exercer as funções propriamente ditas do governo. A rainha mãe, que era chamada **Candace**, governava. Esse eunuco era provavelmente um gentio temente a Deus ou um semiconvertido ao judaísmo, que fora a Jerusalém em peregrinação. Como eunuco, não poderia jamais pertencer ao povo de Deus do V.T. (Dt. 23:1), mas essas pessoal tinham de aceitar o Evangelho.

28. Viajando em uma carruagem coberta, provavelmente puxada por bois, estava lendo o profeta Isaías na tradução grega. 30. Os antigos costumavam ler em voz alta, e **Filipe ouviu** o eunuco lendo em Isaías.

32, 33. A passagem da Escritura era Is. 53:7, 8. Ela descreve alguém que sofreu em silêncio, a quem foi negado justiça, e que foi morto.

34. Antes da vinda de Cristo, os judeus compreenderam que esta era uma passagem messiânica e que o sofrimento do servo era uma profecia dos sofrimentos do seu Messias. Mais tarde alguns interpretaram o servo sofredor como sendo o profeta e outros como o povo de Israel.

35. Filipe mostrou ao eunuco que essa era uma profecia sobre Jesus. Isto retrocede aos ensinamentos de nosso Senhor mesmo que dizia ter vindo para servir e dar a sua vida em resgate de muitos (Mc. 10:45).

36. A nordeste de Gaza há um vale onde existe água corrente. Ao que parece a explicação de Filipe incluiu um apelo para que o eunuco aceitasse a Jesus e fosse batizado, pois este pediu a Filipe para ser batizado.

37. Este versículo não se encontra nos textos gregos mais antigos. Foi acrescentado há muito tempo atrás e reflete a prática cristã da igreja primitiva de batizar as pessoas imediatamente após a profissão de fé em Jesus Cristo.

38. Uma das nossas mais antigas obras cristãs pós-bíblicas, a Didaquê (cerca de 125 A.D.), diz que o batismo deve ser realizado em água corrente, se possível.

39, 40. Não sabemos o que aconteceu ao eunuco, mas a tradição conta que ele se tornou um missionário entre o seu próprio povo. Filipe visitou **Azoto**, a antiga cidade de Asdode, cerca de vinte milhas ao norte de Gaza, e depois seguiu para o norte ao longo da costa, pregando o Evangelho em diversas cidades, provavelmente incluindo Lídia e Jope (9:32 e segs.). Depois foi a **Cesaréia**, onde ao que parece se estabeleceu, pois lá residia numa data posterior (21:8). Cesaréia era uma cidade gentia e a residência oficial dos procuradores romanos na Judéia.

Atos 9

E. A Conversão de Saulo. 9:1-31.

A narrativa da conversão de Saulo foi inserida na história da expansão do Evangelho na Palestina. O registro do ministério de Pedro, que atravessou a Samaria pregando o Evangelho (8:25), resume-se em

9:32. Conforme o Evangelho avançava na direção do mundo gentio, Deus preparava um vaso escolhido para ser o principal instrumento nessa missão. Por isso Lucas interrompe a sua narrativa para contar a conversão de Saulo, e também para explicar o rim da perseguição à igreja.

1. A conversão de Saulo também está relatada em 22:4-16 e 26:12-18. Embora Saulo nascesse e fosse criado na cidade gentia de Tarso, na Cilícia (22:3), estudou em Jerusalém aos pés de Gamaliel, um dos notáveis rabinos judeus daquele tempo (5:34 e segs.). Era considerado um aluno brilhante (Gl. 1:14) e um zeloso fariseu (Fl. 3:5). Agora Saulo executou o papel do mais zeloso representante dos judeus na perseguição à igreja. A violência de sua perseguição está descrita em Atos 26:10, 11. Seu alvo era compelir os cristãos a negar a sua fé sob pena de prisão e até mesmo morte. Não sabemos até onde era comum o martírio nessa perseguição.

2. O sumo sacerdote, presidente do Sinédrio, tinha os judeus de toda a Palestina sob a sua jurisdição. Saulo obteve do sacerdote cartas de extradição para as **sinagogas de Damasco** a fim de trazer de volta a Jerusalém, em cadeias, qualquer cristão que para lá tivesse fugido. Havia uma comunidade judia em Damasco de cerca de dez a dezoito mil pessoas. **Caminho**. Uma palavra usada para descrever a fé cristã (19:9, 23; 22:4; 24:14, 22).

3, 4. O jato de luz apareceu a Saulo perto do meio-dia (22:6; 26:13), mas a luz era mais forte do que a luz do sol. A voz que vinha do meio da luz falou a Saulo em hebraico, ou aramaico (26:14). Embora a maioria dos judeus da Dispersão falasse o grego, os pais de Saulo falavam o aramaico e ensinaram-lhe essa língua (Fl. 3:5). Essa era a língua usada nas escolas rabínicas de Jerusalém. A voz informou Saulo que ao perseguir os cristãos ele perseguia a Cristo.

5. A princípio Saulo não entendeu o significado dessa experiência. Pediu que a voz se identificasse. **Senhor** no grego significa, muitas vezes, pessoa de respeito (16:30; 25:26); mas aqui indica uma resposta

reverente e respeitosa. A voz identificou-se como a do Jesus glorificado. As palavras **Duro é para ti recalcitrar contra os aguilhões,** conforme está na ERC, não se encontram nesta passagem nos textos gregos mais antigos, mas foram aqui introduzidas de 26:14.

7. Saulo estava na companhia de uma caravana. A declaração deste versículo dizendo que os homens ouviram uma voz mas não viram ninguém parece contradizer 22:9 e 26:14, onde se diz que eles ouviram a voz. Há duas possíveis soluções para este problema. A construção do grego em 9:7 é diferente da construção de 22:9. A primeira declaração pode significar que eles ouviram um som e o outro versículo que eles não entenderam o que dizia. Uma segunda possibilidade é que 9:7 se refere à voz de Saulo falando à luz; os homens ouviram a voz de Saulo, mas não ouviram a voz que da luz falava a Saulo (22:9).

9. A experiência foi tão fora do comum que durante três dias Saulo não conseguia nem comer nem beber.

10, 11. Nada sabemos sobre **Ananias** exceto o que nos conta esta passagem. O versículo 13 indica que talvez ele residisse em Damasco e não sendo refugiado de Jerusalém. Não sabemos como o Evangelho chegou a Damasco nem como Ananias se converteu. O livro de Atos não nos dá uma história completa da igreja primitiva, mas relaciona apenas os acontecimentos mais importantes do seu crescimento. **À rua que se chama Direita** passava pelo centro de Damasco e ainda existe hoje em dia.

13. Chegou a Damasco notícia da destruição feita por Saulo contra os cristãos em Jerusalém. **Santos**. Palavra comumente usada no N.T, em relação aos crentes.

15, 16. O sofrimento no serviço de Cristo não deve ser encarado como exceção mas como coisa normal.

17. A obediência de Ananias foi imediata e completa. A recepção do Espírito Santo por meio da imposição das mãos de Ananias foi uma experiência excepcional e não coisa normal (cons. 8:17). Com a palavra

irmão, Ananias deu as boas-vindas a Saulo recebendo-o na comunidade cristã.

18. Uma substância escamosa caiu dos olhos de Saulo, ele recobrou a vista imediatamente e foi batizado.

19, 20. Os **alguns dias** que Saulo passou em Damasco é um período de tempo muito indefinido. Imediatamente após a visão de Cristo, Saulo foi para à Arábia onde ficou por dois ou três anos (Gl. 1:15 e segs.). O curto ministério em Damasco pode ter acontecido antes ou depois da temporada de Saulo na Arábia. Havia numerosas sinagogas em Damasco, e neles Saulo proclamou a **Jesus** como o **Filho de Deus.** Esta é a primeira vez que esta frase ocorre no livro de Atos. Pode designar o rei messiânico como objeto do favor de Deus (lI Sm. 7:14; SI. 2:7). Este uso messiânico da frase **Filho de Deus** foi ilustrada pela pergunta do sumo sacerdote a Jesus (Mc. 14:61). Provavelmente, aqui, o termo tem o significado messiânico, pois Atos 9:22 diz que a pregação de Saulo provava que **Jesus** *era o Messias* (*que aquele era o Cristo*).

21, 22. A transformação de Saulo deixou seus ouvintes muito admirados. **Demonstrando**. Literalmente, **juntando**; isto é, juntando as profecias do V.T, com seu cumprimento para mostrar que Jesus era o Messias (o Cristo). Tendo Saulo recebido a instrução de um rabi e conseqüentemente conhecendo bem o V.T., isto era-lhe agora muito útil.

23, 24. Os **muitos dias** incluíam de dois a três anos depois da conversão de Saulo (Gl. 1:18). "Três anos" na computação judia podia se referir a um período de mais de dois anos completos. Comparando este versículo com lI Co. 11:32 vemos que os judeus fizeram uma conspiração com o representante do Rei Aretas da Arábia. Talvez o reino nabaetano de Aretas se estendesse até Damasco, incluindo esta; mas é mais aceitável que Aretas tivesse um representante na pessoa de um etnarca governando sobre os muitos nabaetanos que moravam em Damasco. Quando o ministério de Saulo em Damasco provocou a animosidade das autoridades tanto nabateanas quanto judias, estas

juntaram suas forças para vigiar os portões num esforço de prendê-lo quando deixasse a cidade.

25. Um dos cristãos possuía uma casa construída sobre a **muralha** de Damasco. Saulo foi baixado num grande cesto trançado que foi passado através de uma janela, e assim ele escapou à conspiração.

26. Quando Saulo retomou a Jerusalém, não pôde reunir-se novamente aos seus antigos companheiros judeus; e os poucos cristãos que permaneceram na cidade (8:1) suspeitavam que a sua profissão de fé não passasse de mera fachada para melhor perseguir a igreja.

27. Barnabé já conhecia Saulo ou então era homem de grande discernimento, pois reconheceu a sinceridade de Saulo e o apresentou aos **apóstolos**. Os únicos apóstolos em Jerusalém nessa ocasião eram Pedro e Tiago, o irmão do Senhor (Gl. 1:18, 19). Tiago fora incluído no círculo apostólico.

28, 29. Santo passou a se ocupar agora do ministério do Evangelho em Jerusalém. Seu ministério anda não se estendia além da capital da Judéia (Gl. 1:22-24). Em primeiro lugar ele se dirigiu aos judeus que falavam o grego ou **helenistas** – o mesmo grupo a quem Estêvão testemunhara antes (Atos 6:9). Os helenistas tentaram matar Saulo como antes o fizeram com Estêvão.

30. Saulo escapou com vida apenas por causa da ajuda de seus irmãos cristãos, que o levaram ao porto da Cesaréia, de onde ele navegou para Tarso, sua cidade natal, na Cilícia. Agora perdemos Saulo de vista até 11:25; mas sem dúvida esteve ocupado em Tarso pregando o Evangelho, embora não haja registro desse ministério.

31. A seguir Lucas descreve o crescimento, tanto numérico quanto espiritual, da **igreja.., em toda a Judéia, Galiléia e Samaria.** O plural (ERC), **igrejas**, não é correto. A Igreja é uma só, embora haja muitas igrejas locais. Essa é a primeira referência às igrejas da Galiléia. Não sabemos quando ou como foram organizadas.

F. O Ministério de Pedro na Palestina e os Primeiros Gentios Convertidos. 9:32-11:18.

A narrativa de Lucas neste ponto retorna à história da expansão do Evangelho através da Judéia pelo ministério de Pedro. Pedro foi mencionado pela última vez em 8:25, quando, na companhia de João, voltou de Samaria a Jerusalém. Agora somos informados que Pedro envolveu-se em um ministério itinerante através da Judéia, pregando aos cristãos que foram espalhados pelas diversas cidades. Seria muito interessante termos um registro completo do ministério de Pedro. Em Lida, encontrou um grupo de cristãos que provavelmente fugiram para lá na dispersão causada pela perseguição em Jerusalém. Filipe já tinha evangelizado essa região (8:40). Aqui Pedro curou o paralítico Enéias.

35. A história da cura de Enéias espalhou-se por toda a cidade de **Lida** e através da planície de **Sarona**, que ficava junto ao mar, resultando na conversão de muita gente. Esta área era parcialmente habitada pelos gentios; Lucas está acompanhando o desenvolvimento da igreja desde a comunidade judia em Jerusalém até os convertidos gentios.

36. Jope. Uma cidade costeira, cerca de dez munas a noroeste de Lida. **Tabita**. Uma palavra aramaica que quer dizer *gazela*. **Dorcas**. A mesma palavra no grego. Era muito amada pelos cristãos por causa de suas boas obras e atos de caridade.

37. As leis cerimoniais judias da purificação exigiam lavarem o morto. Era colocado em um cenáculo antes do sepultamento.

39. Viúvas, que se encontravam entre as pessoas mais necessitadas do mundo antigo, foram objeto particular da caridade de Tabita. Provavelmente estavam usando as roupas feitas por Dorcas para elas.

43. Os judeus consideravam imundo o negócio de curtir peles, uma vez que envolvia o manejamento de corpos mortos. É significativo que Pedro, bom judeu que era, ficasse hospedado com um homem ocupado em tal ofício.

Atos 10

10:1. Agora Lucas registra um passo final muito importante na expansão do Evangelho aos gentios. Sua importância foi indicada porque Lucas registrou duas vezes a visita de Pedro a Cornélio. Esse passo levantou alguns problemas difíceis tais como o contato social entre os cristãos judeus e gentios e os termos da admissão dos gentios na igreja. Esta questão transformou-se no tema da conferência em Jerusalém em Atos 15. Um **centurião** era um oficial do exército romano que comandava cem homens e assemelhava-se no posto e função aos anuais oficiais subalternos. **Cornélio** era comandante da **coorte ... italiana.** Uma inscrição latina foi preservada indicando a presença, na Síria, da "segunda coorte italiana de cidadãos romanos", no ano 69.

2. Alguns poucos gentios converteram-se ao judaísmo e aceitaram todas as práticas judias, inclusive a circuncisão. Um número maior rejeitou a circuncisão mas aceitou a crença judia em Deus, a adoração na sinagoga, os ensinamentos éticos do V.T., e algumas das práticas religiosas dos judeus. Essas pessoas, que eram chamadas de **tementes a Deus,** conheciam bem a versão grega do V.T, que era lida nas sinagogas. Esses homens devotos e **tementes a Deus** foram o solo mais fértil para o Evangelho se enraizar. Cornélio era um "semiprosélito" desse tipo. Seu **caráter piedoso** manifestava-se por suas **esmolas** liberais ao povo e suas orações regulares a Deus.

7. Cornélio escolheu dois servos de confiança e um soldado que também temia a Deus como ele próprio, para irem a Jope em busca de Pedro.

9. Jope fica cerca de trinta milhas de Cesaréia. Os três mensageiros partiram de Cesaréia cedo de manhã e chegaram a Jope cerca de meio-dia. Enquanto isso, Deus estava preparando **Pedro** para recebê-los. Lá pelas doze horas Pedro subiu ao terraço sobre a casa em busca de lugar sossegado para orar.

10. Sendo horário de refeição, sentiu fome e provavelmente gritou lá de cima pedindo que lhe preparassem algo para comer. Mas ao continuar orando, caiu em um estado de êxtase e teve uma visão.

11. Viu alguns objetos, tais como um grande lençol seguro pelas quatro pontas que descia dos céus à terra. **Objeto**. Uma palavra grega que pode designar quase todo o tipo de objeto material útil.

12. No lençol viu os três tipos de criaturas descritas em Gn. 6:20 – **quadrúpedes, répteis da terra e aves do céu**.

13, 14. Quando recebeu a ordem de matar alguns desses animais para comer, Pedro respondeu que se o fizesse violaria a lei do ritual judaico de não comer alimento imundo. Levítico 11 contém essas leis. Animais que não ruminavam e que não possuíam cascos fendidos eram chamados de imundos e não deviam ser usados para alimento. Além disso, os animais limpos tinham de ser preparados de tal maneira que o sangue não ficasse dentro da carcaça. Embora Pedro fosse cristão, era também um bom judeu, que não violava as regras dietéticas judias.

15. A voz do céu lhe disse que Deus já abolira esses regulamentos sobre alimentos limpos e imundos. Jesus já ensinara a mesma coisa (Mc. 7:14-23) dizendo que alimentos que entram no corpo do homem não podem contaminar o seu coração. A expressão de Mc. 7:19b, "ficando puras todas as comidas", provavelmente é uma palavra que Marcos recebeu de Pedro. O apóstolo estava agora pessoalmente aprendendo o significado dos ensinamentos de Jesus.

23, 24. No dia seguinte Pedro partiu para Cesaréia acompanhado pelos três mensageiros e seis cristãos judeus de Jope (11:12). Na casa de Cornélio, Pedro descobriu que o centurião o esperava e que reunira seus parentes e amigos mais íntimos.

27-29. Pedro explicou a Cornélio e seu grupo que a lei judia tomava "tabu" ao judeu se associar ou visitar pessoas de outras nações. Entretanto, agora, Deus libertara Pedro desses escrúpulos judeus de modo que ele não podia mais olhar para qualquer homem considerando-o cerimonialmente imundo ou comum e por causa disso impróprio para

relacionamento social. Deus tomara sua vontade tão clara a Pedro que ele acompanhara os servos de Cornélio sem qualquer objeção, coisa que ele não faria como judeu.

34. O apóstolo compreendeu o significado da visão que lhe foi dada no terraço da casa. Ele compreendeu que a distinção entre o limpo e imundo tinha aplicação aos seres humanos, e que, contrariando as crenças judias, nenhuma pessoa devia ser considerada imunda aos olhos de Deus. **Deus não faz acepção de pessoas.** Uma pessoa que teme a Deus e faz o que é certo, quer seja judia ou gentia, é aceita por Deus. Era uma grande lição para o judeu aprender e assinala um passo definitivo na expansão da igreja da comunidade judia a um nível universal.

36. Pedro pregou o Evangelho a Cornélio, destacando que embora Deus enviasse a sua Palavra primeiro a Israel, Jesus é realmente o Senhor de todos os homens.

37, 38. A proclamação do Evangelho feita por Pedro incluiu um pequeno resumo do ministério de Jesus na Judéia e Galiléia, sua unção para ser o Messias por ocasião dê seu batismo, suas boas obras, curas e exorcismo de demônios.

39-41. É notável que Pedro tenha falado pouco sobre o significado da morte de Cristo e que ele não proclamasse a doutrina da expiação. O Evangelho consiste nos fatos da morte e ressurreição de Jesus. A ressurreição de Jesus não era um fato publicamente comprovado mas fora testemunhado por homens escoltados e fora confirmado particularmente porque essas testemunhas comeram e beberam com Jesus depois de sua ressurreição dos mortos.

42, 43. O Evangelho inclui um aviso do juízo vindouro tanto para os vivos como para os mortos, juízo esse que será feito diante do Jesus ressurreto, e a sua oferta do perdão dos pecados para todos quantos crêem nEle.

O sermão de Pedro é o nosso primeiro exemplo de pregação aos gentios. Contém poucas considerações sobre o significado da pessoa de Cristo, nenhuma ênfase sobre sua preexistência, encarnação e divindade,

nem sobre o caráter expiatório de sua morte. É realmente uma "Cristologia primitiva" e consiste principalmente da proclamação dos fatos da morte, vida e ressurreição de Jesus e o apelo para crer nEle para perdão de pecados.

44. No dia de Pentecostes, Pedro exortou seus ouvintes ao arrependimento, para serem batizados para perdão de pecados e recepção do Espírito Santo (2:38). Em cesaréia, essa ordem dos acontecimentos foi mudada, e o Espírito caiu sobre Cornélio e sua família antes de serem batizados. Não foi um novo pentecostes mas uma extensão do Pentecostes para incluir os gentios.

45. Os fiéis... da circuncisão refere-se aos cristãos judeus que acompanharam pedra desde Jope, seu espanto foi devido ao rato de que o Evangelho fosse estendido aos gentios. Embora fossem cristãos, ainda eram judeus, e seus preconceitos judeus tinham de ser derrubados.

46. O dom de línguas foi dado nessa ocasião para que não houvesse dúvida que Deus dera aos gentios o mesmo dom concedido aos crentes judeus.

47, 48. Imediatamente Pedro reconheceu que os gentios deviam ser introduzidos na comunidade da igreja e por isso ordenou que Cornélio e sua família fossem batizados no nome de Jesus Cristo. O batismo nas águas seguiu-se ao batismo no Espírito. Pedro não retornou imediatamente a Jerusalém mas permaneceu com Cornélio por algum tempo provavelmente instruindo-o nas coisas do Senhor.

Atos 11

É surpreendente que num livro tão curto Lucas dedicasse tanto espaço à repetição da conversão de Cornélio. Isto indica que Lucas considerava este acontecimento como um dos mais importantes na vida da igreja primitiva.

1-3. A notícia de que os gentios receberam o Evangelho alcançou os apóstolos e os cristãos judeus na Judéia. Ao que parece Pedro foi chamado a Jerusalém e alguns dos cristãos judeus de lá discutiram com

ele sobre a conveniência de se entrar em tal comunhão com os gentios, comendo com eles. Provavelmente a expressão, **os que eram da circuncisão,** tem uma conotação um tanto diferente da mesma frase em 10:45. Enquanto os cristãos judeus em Jerusalém discutiam o significado da salvação dos gentios, surgiu um partido que achava que os gentios deviam guardar a lei judaica para serem salvos (15:1). Este partido conservador criticou Pedro, pois reconhecia que um judeu que comia com gentios estava na realidade deixando de lado as práticas judias e conseqüentemente deixava de ser judeu. Não estavam preparados para aprovar tal tipo de ação; criam que os crentes judeus não deviam abandonar suas práticas judias.

4-15. Em vez de discutir, Pedro contou à igreja de Jerusalém a história da visão do lençol que descia do céu, sua visita a cesaréia, e a vinda do Espírito Santo sobre os gentios tal como veio sobre os judeus no dia de Pentecostes (v. IS).

16. Essa foi a terceira dádiva do Espírito Santo. A primeira foi à igreja judia em Jerusalém no dia de Pentecostes (cap. 2); a segunda foi aos crentes samaritanos (8:17); e agora a terceira foi aos gentios. Sem dúvida a experiência de Pedro em somaria já o preparara para este ministério aos gentios.

17. O dom de línguas tornou claro que Deus dera aos crentes gentios o mesmo dom que dera aos crentes judeus quando creram no Senhor Jesus Cristo, Recusar o batismo aos gentios seda recusar-se a aceitar a obra de Deus e seria realmente opor-se a Deus.

18. A exposição de Pedro satisfez o partido da circuncisão por algum tempo. Mas a questão do "status" dos cristãos gentios na igreja tinha o destino de logo mais levantar-se novamente e criar um sério problema.

G. Organização de uma Igreja Gentia em Antioquia. 11:19-30.

Esta seção delineia um novo estágio na expansão da igreja desde a comunidade judia em Jerusalém até à comunidade universal.

Anteriormente, Lucas contou a inclusão dos samaritanos na igreja e a conversão de uma só família de gentios, a de Cornélio. Agora ele descreve o começo da primeira congregação independente de gentios em Antioquia, que viria a ser a "igreja mãe" da missão gentia na Ásia e Europa. A narrativa retoma os acontecimentos de 8:4 e a perseguição de Saulo.

19. Fenícia é a estreita faixa de terra limitando o Mediterrâneo. Estende-se ao norte de Cesaréia por uns 190 quilômetros e inclui Tiro e Sidom. A pregação do Evangelho ainda se limitava aos judeus, pois a igreja primitiva foi muito lenta em perceber o caráter universal da missão do Evangelho.

20. Alguns dos crentes que vieram da ilha de **Chipre** e **Cirene** no Norte da África (cons. 13:1) foram a Antioquia e lançaram o Evangelho em uma nova direção. Antioquia era a terceira cidade do Império Romano e a residência do governador romano na província da Síria. Embora houvesse uma colônia judia em Antioquia a cidade era principalmente gentia e grega. O culto às deidades pagãs, Apolo e Ártemis, cuja adoração incluía a prostituição ritual, tinha o seu quartel-general nas proximidades. Antioquia era notória por sua degradação moral. **Gregos** neste contexto refere-se aos gregos puros e não aos judeus que falavam o grego. O Evangelho pregado aos gentios proclamou não primeiramente o messiado de Jesus mas o seu Senhorio. O messiado era um conceito judeu que não teria significado para os gentios que não tivessem antecedentes judeus.

22. Esta nova aventura teve sucesso imediato, e a **igreja-mãe em Jerusalém** enviou **Barnabé** para supervisionar e confirmar a nova igreja tal como Pedro e João supervisionaram a nova igreja em Samaria (8:14-17). Barnabé, conforme seu nome sugere, tinha o dom de fornecer encorajamento aos novos cristãos, e ele exortou os novos convertidos a permanecerem fiéis e a perseverarem **com firmeza de coração.**

25,26. Logo Barnabé percebeu que a igreja crescente precisava de orientação adicional, e sua mente se voltou para **Saulo de Tarso,** que

sem dúvida estava ocupado em trabalho missionário nas vizinhanças de sua cidade natal (9:30; Gl. 1:21). Depois de alguma dificuldade, ele encontrou Saulo e o trouxe a Antioquia, onde passaram **todo um ano** trabalhando na igreja. O nome **cristãos** aparece no N.T. apenas aqui, em 26:28, e em I Pe. 4:16. A palavra é formada com o sufixo latino que designa "seguidor ou partidário de" (cons. "herodianos" em Mc. 3:6). Não há nenhum motivo adequado para pensarmos que o termo fosse usado por gracejo. Simplesmente significa pessoas que seguem a Cristo.

27. A crescente importância da igreja em Antioquia exemplifica-se pelo socorro prestado à igreja-mãe em Jerusalém por ocasião de uma fome. Profetas são mencionados em 13:1; 15:32; 21:9, 10. Não eram líderes oficialmente ordenados mais leigos que declaravam a vontade de Deus ou acontecimentos futuros, sob a orientação do Espírito Santo. Veja I Co. 14:29-39. Os **profetas** na igreja primitiva eram quase tão importantes quanto os apóstolos (I Co. 12:28; Ef. 2:20; 3:5; 4:11; Ap. 22:9).

28. Ágabo aparece novamente em 21:10. **Nos dias de Cláudio.** Os historiadores romanos se referem a diversas fomes durante o reinado de Cláudio (41-54 A.D.), enquanto Josefo, o historiador judeu, menciona uma severa fome na Judéia em 46 A.D.

30. Presbíteros. Eis aqui a primeira menção em Atos desses oficiais cristãos. Lucas não dá nenhuma indicação como o cargo de presbítero surgiu ou como os presbíteros eram escolhidos. Um grupo de presbíteros governava cada sinagoga judia, e é provável que a igreja cristã adorasse o padrão judeu. Provavelmente os crentes formavam um número de congregações espalhadas por diversas casas, e os presbíteros, talvez, fossem os líderes dessas diversas congregações (veja Atos 15:6, 23). Muitos mestres acham que esta visita durante a fome seja a viagem mencionada em Gl. 2:1-10. A "revelação" de Gl. 2:2 pode se referir à profecia de Ágabo. Se for assim, quatorze anos (Gl. 2:1) interpuseram-se desde a primeira visita de Paulo a Jerusalém e agora ele já era um cristão amadurecido e um líder experiente. O problema se a visita mencionada

em Gl. 2:1-10 é a visita por ocasião da fome de Atos 11 ou a visita do concílio de Atos 15, constitui um dos mais difíceis problemas da história do N.T.

Atos 12

H. Perseguição por Herodes Agripa I. 12:1-25.

Lucas interrompe o fluxo de sua narrativa para registrar um .acontecimento que sucedeu alguns anos antes. Considerando que Herodes morreu em 44 A.D., a missão por ocasião da fome deve ter ocorrido cerca de 46 A.D. A comunidade de Jerusalém já tinha encontrado a oposição dos líderes religiosos judeus logo no começo, mas os cristãos eram populares entre o povo. Violenta perseguição levantou-se contra Estêvão e a ala helenista sob a liderança de Saulo. Agora pela primeira vez, Lucas registra a perseguição feita pelas autoridades governamentais da Palestina. Não veio dos líderes romanos mas de um rei judeu.

1. O rei Herodes era **Agripa** I, neto de Herodes, o Grande, que era rei de toda a Palestina quando Jesus nasceu. Durante o ministério de nosso Senhor, Herodes Antipas, o neto de Herodes, o Grande, era governador da Galiléia, enquanto a Judéia era governada por procuradores romanos. Entre os anos 41 e 44 A.D. Herodes Agripa foi rei sobre a Judéia e Galiléia. Depois de sua morte no ano 44 A.D., toda a Palestina tomou-se novamente uma província romana sob o governo de procuradores romanos.

2. A morte de **Tiago** foi o primeiro martírio de um apóstolo e demarcou uma nova atitude de hostilidade da parte do povo judeu em relação à igreja. No começo, os judeus tinham grande respeito aos cristãos (5:13). A perseguição do Sinédrio fora encabeçada por Saulo. Agora o rei dos judeus, com apoio popular, fingiu a perseguição contra os apóstolos. E assim Tiago cumpriu a profecia de Jesus em Mc. 10:39.

3. Sabe-se que Herodes seguiria política de procurar agradar aos desejos do público, e como o povo gostou de vê-lo executando Tiago

resolveu prender também **Pedro**. **Os dias dos pões asmos,** os sete dias que seguiam à Páscoa, eram dias santos, quando uma execução não seda apropriada.

4. Para ser exato, a **Páscoa** era o começo dos dias dos pães asmos, mas Lucas usa os dois termos alternadamente (Lc. 22:1). Pedro foi guardado por quatro mudas de quatro soldados cada um, uma turma para cada três horas de vigília da noite.

5. Incessante oração. A palavra grega que pode ter o significado de *contínua* ou *ardente* oração. A mesma palavra foi usada em Lc. 22:44 falando-se da oração de Jesus no Getsêmani.

6. Pedro estava acorrentado a dois soldados, e dois outros ficavam nas portas. Embora o apóstolo esperasse ser executado no dia seguinte, pôde dormir profundamente.

7, 8. Capa. Vestimenta usada sobre as roupas comuns.

9. Pedro pensou que estivesse recebendo uma visão ou um sonho e não pôde crer que fosse real.

10. Pedro e o anjo passaram por dois portões, ambos guardados por um soldado. O terceiro portão, que dava da cadeia para a rua, abriu-se automaticamente. Possivelmente Pedro esteve preso na Torre de Antônia, uma instalação militar ao noroeste da área do templo. Um texto se refere a sete degraus que davam para a cidade.

11. Caindo em si. Pedro estivera caminhando como num transe. Pela primeira vez, ocorreu-lhe o verdadeiro significado do que estava acontecendo.

12. Em primeiro lugar correu ao lugar onde os cristãos estavam reunidos em oração. Essa **casa de Maria** era um dos principais lugares de reunião da igreja. "Igreja" ou casas construídas para adoração cristã, não eram conhecidas no N.T. **João Marcos** (12:25; 13:5, 13; 15:37-39; Cl. 4:10; Fl. 2:1; II Tm. 4:11) está sendo apresentado pela primeira vez. A boa tradição conta que ele se tornou o intérprete de Pedro em Roma e que o seu Evangelho se baseia nas pregações de Pedro. Foi provavelmente uma das fontes da informação de Lucas.

14-16. Embora os crentes estivessem orando fervorosamente pela libertação de Pedro, ficaram admirados quando suas orações foram respondidas. Quando a criada que atendeu às batidas de Pedro, reconheceu a voz do apóstolo, correu de volta para avisar a igreja reunida, deixando Pedro em pé junto à porta trancada. Os crentes pensaram que **Rode** estivesse imaginando coisas ou que ela tivesse visto o anjo da guarda de Pedro (Mt. 18:10; Hb. 1:14). Quando deixaram Pedro entrar, seus amigos começaram a lhe fazer perguntas excitadamente. Ele precisou lhes fazer sinal para silenciarem.

17. Tiago, o irmão de Jesus, tornara-se líder interino da igreja de Jerusalém, mas não estava com a igreja reunida naquela ocasião. Os irmãos podiam ser os anciãos de 11:30 que participavam do governo da igreja com Tiago. Depois de lhes contar como escapara, Pedro "saiu às ocultas" e Lucas não fala mais sobre as suas atividades. Entretanto, a tradição que diz que ele foi a Roma é refutada em Atos 15:2, pois Pedro esteve presente ao concílio de Jerusalém.

19. As palavras traduzidas para **ordenou que fossem justiçadas** podem significar "levou-os à prisão"; mas a lei romana prescrevia que se um prisioneiro escapasse, a penalidade que merecia deveria ser aplicada ao seu guarda. **Cesaréia** era a capital romana da província da Judéia; mas Judéia aqui está se referindo não à província romana mas à habitação dos judeus.

20. Embora **Tiro e Sidom** fossem cidades livres, dependiam para alimentação das colheitas da Galiléia no reino de Herodes. Por alguma razão desconhecida Herodes zangou-se com essas duas cidades. E por isso, querendo fazer as pazes com ele, presumivelmente subornaram Blasto para que intercedesse junto ao rei conseguindo-lhes uma audiência.

21. O dia designado, de acordo com Josefo, era uma festa em honra de imperador. Para receber os delegados de Tiro e Sidom em audiência, Herodes enfeitou-se com roupas feitas inteiramente de prata.

22, 23. Os pagãos costumavam atribuir divindade aos seus governadores. Josefo conta que, depois de fazer este discurso, Herodes sentiu violenta dor no estômago e foi carregado de volta ao palácio, onde, depois de cinco dias de sofrimento, morreu. Sua morte ocorreu no ano 44 A.D., e a Judéia foi depois colocada sob a liderança de governadores romanos, dois dos quais (Félix e Festo) aparecem mais tarde na narrativa de Atos.

24, 25. Lucas retorna agora à sua história da igreja em Antioquia (veja 11 : 30).

IV. Expansão da Igreja na Ásia Menor e Europa. 13:1 – 21:17.

O capítulo 13 leva-nos à segunda metade do livro de Atos. Na primeira metade, Jerusalém é o centro da narrativa, e o tema principal é a expansão da igreja de Jerusalém por toda a Palestina. Agora Jerusalém passa para segundo plano, e Antioquia se toma o centro da narrativa porque patrocinou a expansão da igreja na Ásia e Europa. Esta expansão realizou-se por meio de três missões de Paulo, cada uma começando e terminando em Antioquia.

A. Primeira Missão: Galácia. 13:1 – 14:28.

Atos 13

A primeira missão levou o Evangelho de Antioquia a Chipre e às cidades da parte sul da província romana da Galácia.

1. A igreja em Antioquia caracterizava-se por muitos cristãos notáveis. **Níger**. Uma palavra latina que quer dizer negro, usada aqui como apelido. Ao que parece descreve a aparência de **Simeão** e sugere que era de origem africana. Talvez seja o Simão Cireneu mencionado em Mc. 15:21, que carregou a cruz de Jesus. O adjetivo que descreve **Manaém** significa *irmão de criação* e aplicava-se a meninos da mesma idade, assim como as crianças dos nobres que eram criados na mesma

corte. O título permanecia depois que os meninos atingiam a idade adulta. **Herodes**, cujo companheiro de brinquedos foi Manaém, foi Herodes Antipas, que reinou sobre a Galiléia e Peréia entre os anos 4 e 39 A.D. **Profetas** tinham a capacidade de dar novas revelações da vontade de Deus através de direta inspiração do Espírito Santo. Mestres tinham o dom de interpretar as Escrituras (V.T.).

2. O pronunciamento do **Espírito Santo** veio provavelmente através de um profeta.

3. O chamado para esta missão veio do Espírito Santo, a igreja reconheceu e confirmou o chamado divino. A imposição de mãos não constitui ordenação mas separação para uma tarefa especial e aprovação para missões.

4. Selêucia. Porto da Antioquia. Foi ali que Barnabé e Saulo tomaram o navio para **Chipre**, uma. ilha grande e importante. Possivelmente a missão evangelística começou em Chipre porque a ilha era o lar de Barnabé.

5. Salamina. O porto oriental de Chipre e sua cidade mais importante. Os judeus eram tantos que havia diversas sinagogas. Era costume de Paulo pregar o Evangelho "aos judeus primeiro" (Rm. 1:16); mas geralmente era entre os gentios que freqüentavam as sinagogas judias que o Evangelho se enraizava. **João (Marcos)** acompanhava os apóstolos. **Auxiliar**. Os mestres acham que designa a pessoa cuja função era de instruir os convertidos nas verdades do Evangelho e na vida cristã.

6. Pafos. A capital oficial da província. **Barjesus** significa *filho da salvação*. Era um **falso profeta,** não porque fornecesse falsas predições, mas porque falsamente se proclamava ser profeta. Era prática costumeira dos governantes terem mágicos e astrólogos no seu séquito.

7. Sérgio Paulo era o procônsul da província. Roma tinha dois tipos de província – sob a liderança do imperador e sob a liderança do senado. As primeiras, como a Judéia, eram governadas por procuradores designados pelos imperadores, enquanto que as últimas eram governadas por procônsules. Em 22 a.C, o "status" de Chipre foi mudado de

província imperial para província senatorial, conforme Lucas corretamente indica.

8. Elimas. Outro nome para Barjesus, provavelmente palavra semítica com significado semelhante ao do grego *magos*, que significa "feiticeiro" ou "mágico". Elimas sentiu que se o procônsul aceitasse a mensagem de Barnabé e Saulo, sua própria posição seria prejudicada, e por isso tentou afastar o procônsul de sua fé.

9. Saulo é a forma semítica. **Paulo,** a grega. Das muitas razões sugeridas para a introdução do nome grego, a mais aceitável é que Paulo, agora assumindo a posição de líder da missão gentia, a forma grega de seu nome era mais apropriada, e Lucas passa a designá-lo assim.

10. Em vez de "filho da salvação", Elimas foi **filho do diabo.**

11. A palavra traduzida **névoa**, é usada pelos médicos para descrever uma inflamação do olho, que o deixa embaçado.

13. Os missionários foram de Chipre, a terra natal de Barnabé, para um país limítrofe à terra natal de Paulo. **Panfília**. Um distrito na costa da Ásia Menor. **Perge**. Uma cidade situada cerca de 9 quilômetros terra adentro. Por alguma razão inexplicável, João Marcos abandonou Paulo e Barnabé e voltou a Jerusalém. "Paulo considerou essa deserção inescusável, pois mais tarde quando Barnabé quis que Marcos os acompanhasse a outra viagem, Paulo recusou-se aceitá-lo (15:37, 38), e separou-se de Barnabé por causa disso. A deserção de Marcos pôde ter sido por causa de alguma mudança em seus planos missionários, os quais talvez não aprovasse. Outros sugerem que ele estava enciumado porque Paulo superava seu primo Barnabé. Não há razão para pensarmos que a base da discórdia fosse doutrinária.

14. Paulo e Barnabé dirigiram-se para o interior passando pelas montanhas de Tauro e entrando na parte sul da província romana da Galácia. **Antioquia**. A cidade mais importante dessa parte da Galácia. Não ficava na **Pisídia**, mas ficava perto da região da Pisídia e passou a chamar-se **Antioquia da Pisídia.**

Muitos mestres, seguindo as pesquisas de William M. Ramsay, concluíram que essas cidades do sul da Galácia foram aqueles às quais Paulo escreveu a carta aos gaiatas. Outros mestres acham que a Galácia designa a parte norte da província .da Galácia, onde moravam os gaiatas de origem gálica. Essa teoria da "Galácia do Norte", entretanto, envolve mais problemas do que a teoria da "Galácia do Sul". É provável que a epístola aos gálatas fosse endereçada às igrejas de Antioquia, Icônio, Listra e Derbe. Sir William Ramsay considerou a possibilidade de Paulo ter adoecido com malária na costa baixa de Perge e estar doente ao chegar a Antioquia. Embora isso não possa ser comprovado, é uma possibilidade interessante. Como era seu costume, Paulo foi primeiro à sinagoga da colônia judia de Antioquia no dia de sábado.

15. Um culto judeu na sinagoga consistia principalmente de orações, leitura da **lei** e dos **profetas**, e a exposição da leitura, que podia ser feito por qualquer um da congregação.

Os **chefes da sinagoga** não eram clérigos mas pessoas encarregadas de superintender a sinagoga e os cultos. Seu cargo files concedia a autoridade de convidar alguma pessoa para fazer o sermão. De acordo com esse procedimento, os dois visitantes foram convidados a dar uma palavra de exortação. As verdades principais do sermão de Paulo foram: 1. Jesus é o cumprimento da história do procedimento divino para com Israel. 2. Os judeus de Jerusalém rejeitaram-no, mas crucificando-o cumpriram o propósito de Deus. 3. Deus cumpriu suas promessas feitas aos pais, ressuscitando Jesus dos mortos. 4. As bênçãos do perdão e da justificação, que a Lei não podia fornecer, são agora fornecidas em nome de Jesus aos judeus da dispersão.

16. A congregação da sinagoga era composta de dois grupos: **Varões israelitas** isto é, judeus; e os **que temeis a Deus** – gentios que adoravam a Deus e assistiam os cultos na sinagoga sem aceitar todas as exigências da lei judia (cons. 10:2).

17. Primeiro Paulo citou alguns dos pontos altos da história de Israel para mostrar que Deus, conduzindo Israel através dos séculos,

enviara agora Jesus para ser o Filho de Davi na profecia. O âmago da fé bíblica é que Deus agiu na história, redentoramente, primeiro em Israel e depois em Jesus Cristo. O nascimento de Israel como nação começou com o livramento no Egito. **Com braço poderoso** significa com demonstração de poder.

18. Suportou-lhes os maus costumes talvez signifique que Ele tolerou a conduta deles ou que cuidou deles como um pai.

19. Sete nações foram mencionadas em Dt. 8:1. Os 450 anos dificilmente indicariam o período dos Juízes, mas provavelmente inclui o período da viagem, as peregrinações e a distribuição da terra durante o período dos Juízes.

21, 22. O V.T, não menciona esses **quarenta anos,** mas Josefo se refere a eles. **Davi** foi o homem segundo o coração de Deus e foi obediente à vontade de Deus, mas Deus prometeu através dos profetas que levantaria um descendente maior do que Davi (Ez. 34:23; 37:24; Jr. 23:5, 39). A expectativa de um rei davídico foi uma esperança viva entre os judeus do primeiro século (veja os Salmos pseudoepigráficos de Salomão, 17:23 e segs.).

23. Entretanto, o prometido Filho de Davi aparecera como **Salvador** e não como rei; o nome **Jesus** significa Salvador (Mt. 1:21). **Trouxe** não se refere à ressurreição mas ao aparecimento histórico de Jesus, o Salvador.

26, 27. A salvação prometida cumpriu-se na morte de Jesus. Os judeus em Jerusalém sem o saber cumpriram as Escrituras porque não compreenderam o verdadeiro significado da condenação de Jesus à morte. Quando o Sinédrio quis que o corpo de Jesus fosse removido da cruz antes do começo do sábado (Jo. 19:31), Ele foi sepultado por José de Arimatéia e Nicodemos (Lc. 23:50 e segs.; Jo. 19:38 e segs.).

30, 31. A ressurreição de Jesus, o tema central da proclamação e estabelecimento da Igreja primitiva, foi evidenciada por muitos cujo testemunho ainda podia ser ouvido.

32, 33. Jesus, declarou Paulo, foi o cumprimento da promessa do V.T.; a esperança messiânica dada aos pais cumpriu-se nEle. **Ressuscitando a Jesus (levantando)** provavelmente indica o aparecimento de Cristo na história e não a sua ressurreição dos mortos. Entretanto, o aparecimento histórico de Jesus incluía sua ressurreição dos mortos, conforme indicam os versículos seguintes.

Tu és meu Filho (Sl. 2:7) não se refere tanto à divindade de Jesus quanto ao Seu messiado. Parte desta citação foi ouvida no batismo de Jesus (Mc. 1:11) e indicou a entrada de Jesus em sua missão messiânica. "Filiação" no conceito bíblico é um pensamento múltiplo e pode designar o messiado sem diminuir sob qualquer aspecto a realidade -da divindade de Cristo.

34, 35. A predição da ressurreição de cristo encontra-se em Is. 55:3 e em Sl. 16:10. Considerando que Davi morreu, a promessa de Sl. 16:10 não poderia se referir a ele mas ao descendente que lhe foi prometido.

36, 37. Tendo Davi servido à sua própria geração conforme o desígnio de Deus também poderia ser traduzido para *Davi serviu a vontade de Deus na sua geração*. A carreira de Davi limitou-se à sua geração, pois ele morreu e viu a corrupção; a carreira de Jesus não pode ser limitada a uma única geração pois pertence a todas as dispensações.

38, 39. Da morte e ressurreição de Jesus duas bênçãos resultaram – **remissão e justificação.** Duas interpretações de 13:39 são possíveis; enquanto a Lei justifica de algumas coisas, Cristo justifica de todas. ou, embora a Lei de nada justifique, Cristo justifica de tudo. A última interpretação é a mais natural, ainda que muitos mestres prefiram a primeira, encontrando aqui um ensinamento diferente da doutrina da justificação de Paulo.

40, 41. Paulo concluiu com uma advertência extraída de Hc. 1:5. Se o povo de Deus não se arrepender, uma grande tragédia lhe sobrevirá.

42. Esta nova e excitante mensagem criou grande agitação. Depois do culto na sinagoga muitos dos ouvintes de Paulo mostraram-se

desejosos de aceitarem sua mensagem. O texto exato não faz referência a *judeus* e *gentios* (ERC) mas só ao povo.

43. Prosélitos piedosos. Uma expressão fora do comum que deve indicar os realmente convertidos ao judaísmo. Entretanto, parece no contexto que se refere a "homens tementes a Deus" ou gentios semiconvertidos ao judaísmo que aceitaram o Evangelho.

44, 45. Durante a semana, a notícia do sermão de Paulo espantou-se por toda a cidade, e no sábado seguinte a sinagoga estava cheia de gentios que queriam ouvir a palavra de Paulo. Tal multidão de gentios na sinagoga provocou a inveja dos judeus, e eles refutaram a sua mensagem e injuriaram sua pessoa. **Blasfemando** não se refere a blasfêmias contra Deus mas a injúrias contra os homens.

46. Paulo replicou que era ordem divina que o Evangelho fosse oferecido prime;fomente aos judeus para que o aceitassem e por sua vez evangelizassem os gentios. Alas, tendo eles rejeitado a palavra de Deus e conseqüentemente tendo se julgado indignos da vida da dispensação vindoura, Paulo tinha de se voltar para os gentios. Aqui a **palavra de Deus** inclui mais do que as Escrituras; designa a proclamação do evangelho da morte e ressurreição de Jesus. **Vida eterna** é aqui a possessão futura mais do que a experiência presente. Uma, entretanto, inclui a outra.

47. Uma profecia de Is. 49:6, que originalmente se aplicava ao servo do Senhor, foi aplicada aqui aos apóstolos, que estavam levando luz aos gentios.

48. Destinados para a vida eterna. O significado elementar desta referência à predestinação não é teológica mas histórica. Conforme o Evangelho saía de seu ambiente judeu na direção do mundo gentio, muitos **destinados para a vida eterna** recebiam-na e criam nela. Isto, entretanto, não envolve o desprezo pela doutrina da predestinação à vida. Eis aí um dos temas muitas vezes repetido do livro de Atos: A cada novo e estratégico passo o Evangelho foi rejeitado pelos judeus mas aceito pelos gentios.

50. Os judeus, além de rejeitarem o Evangelho, trabalharam ativamente para frustrar o ministério de Paulo. Entre os que temiam a Deus (cons. coment. sobre 10:2) e freqüentavam a sinagoga havia **mulheres piedosas.** Os judeus as influenciaram a fazer pressão junto aos seus maridos para expulsarem Paulo e Barnabé daquela localidade. Eis aí um autêntico toque de colorido local; as mulheres não exerciam influência nas cidades gregas como o faziam na Ásia.

51, 52. Jesus ordenara a seus discípulos a sacudirem o **pó dos seus pés** quando fossem rejeitados (Lc. 9:5; 10:11), indicando assim uma interrupção de qualquer relacionamento. Entre os judeus tal atitude equivalia a chamar uma pessoa de pagã.

Atos 14

14:1, 2. Icônio era a cidade do extremo oriente do distrito da Frígia e ficava na província romana da Galácia. Aqui a experiência da oposição judia e a fé gentia repetiu-se.

3. Entretanto, já que levou algum tempo para a oposição se tornar eficaz, os apóstolos puderam pregar a palavra por um longo período de tempo. Essa menção indefinida do tempo é típico do estilo de Lucas. Em poucos lugares ele nos dá referências cronológicas distintas; mas é impossível criar um quadro cronológico preciso das viagens e ministério de Paulo com base no registro de Lucas.

4, 5. Os judeus hostis finalmente tiveram êxito em incitar um tumulto e instigar os governantes. E assim Paulo e Barnabé tiveram de abandonar Icônio.

6. Enquanto Lucas é freqüentemente muito indefinido em suas referências cronológicas, é por vezes muito definido em mas observações geográficas. Esta declaração de que **Listra** e **Derbe** pertenciam à região da **Licaônia** implica em que Icônio ficava fora dessa região. Outros escritores de cerca da mesma época de Lucas colocaram Icônio dentro do distrito da Licaônia. Muitos mestres concluíram que Lucas estava errado neste ponto. Ramsay conta como essa referência

chamou a sua atenção e como vindicou a declaração de Lucas, com cuidadoso exame. Esse foi o começo da mudança da atitude de Ramsay para com o livro de Atos, e ele se tornou um dos mais vigorosos e eruditos proponentes da exatidão do livro (veja *The Bearing of Recent Discovery on the Trust-worthiness of the New Testament*, capítulo III).

11. Em seu excitamento, o povo começou a falar em **língua licaônica,** sua língua nativa, e Paulo e Barnabé não puderam entender o que estava acontecendo. Grande parte do mundo mediterrâneo era bilíngüe, os habitantes falando a língua geral que era o grego e também o seu dialeto nativo.

12. Pensavam que os dois visitantes fossem dois deuses. *Zeus* era o deus principal do Panteão grego, e *Hermes* era o mensageiro dos deuses. **Júpiter** e **Mercúrio** são os nomes latinos equivalentes aos nomes gregos desses mesmos deuses, mas os termos gregos é que deveriam ser usados. Sendo Paulo o porta-voz dos dois, o povo o chamou de Hermes; enquanto Barnabé, o mais silencioso, que permanecia em segundo plano, chamaram de Zeus, o pai dos deuses. Havia lendas que contavam que esses dois deuses visitaram os habitantes dessa região em outras ocasiões.

13. Em frente da cidade provavelmente se refere ao templo localizado fora da cidade. O sacerdote de Zeus preparou touros enfeitados com grinaldas para oferecer sacrifícios aos seus visitantes inesperados. As portas provavelmente se se refere às portas da cidade que ficava perto do templo.

14. Embora os apóstolos não entendessem o dialeto licaônio, as atitudes do sacerdote logo lhe indicaram o seu propósito de sacrificar, e os apóstolos protestaram fortemente. **Rasgando as suas vestes.** Um gesto judeu demonstrando horror à blasfêmia (Mc. 4:63).

15-17. Paulo insistiu com o povo para adorar o Deus vivo e não Seus emissários. Este sermão apresentado a um auditório puramente pagão contrasta fortemente com o sermão proferido em Antioquia na sinagoga judia. Antes dos pagãos apreciarem a missão de Jesus, tinham

de reconhecer que Deus é um. O sermão de Paulo descansa grandemente sobre as evidências da teologia natural que aponta a existência de um Criador e Mantenedor. Embora Deus permitisse que os homens andassem pelos seus próprios caminhos, forneceu-lhes um testemunho dEle mesmo, garantindo-lhes as chuvas e as colheitas para satisfação dos apetites humanos.

18. Paulo quase não conseguiu persuadir o povo de que ele e Barnabé não eram realmente seres divinos.

19. Nenhuma referência foi feita à sinagoga judia em Listra, mas provavelmente ela existia, pois **judeus de Antioquia e de Icônio** foram capazes de despertar tal oposição contra Paulo que ele foi apedrejado e arrastado para fora da cidade a rim de morrer. Paulo se refere a este acontecimento em II Co. 11:24, 25.

20. A simplicidade dessas palavras sugere que aconteceu um milagre. É difícil compreender que um homem possa sair de um tal apedrejamento sem receber sério prejuízo físico. "As marcas do Senhor Jesus" (Gl. 6:17) talvez fossem as cicatrizes deixadas por essas pedras. **Derbe**. Uma cidade fronteira da província da Galácia.

21. Não se registrou nenhuma oposição em Derbe. **Feito muitos discípulos.** Os apóstolos voltaram pela sua rota através das cidades da Galácia.

22. O reino de Deus aqui é o futuro reino escatológico inaugurado com a volta de Cristo em glória. A própria estrutura das coisas decreta que nesta dispensação a igreja deve esperar **muitas tribulações,** antecipando a glória do futuro reino. **A fé** é um sinônimo para o Evangelho.

23. Os apóstolos estabeleceram uma liderança formal nas diversas igrejas escolhendo **presbíteros**, segundo o padrão das igrejas da Palestina (veja obs. em 11:30). O método da escolta não está claro, pois a palavra grega pode descrever tanto uma eleição pela congregação como uma designação pelos apóstolos. Não indica ordenação formal. A linguagem sugere que havia diversos presbíteros em cada igreja local;

mas a igreja em cada cidade pode ter consistido de um número de congregações que se reuniam nas casas tendo bm presbítero a liderar cada grupo.

24, 25. Pisídia. A região do extremo mi da província da Galácia. **Panfília**. Uma pequena província entre a Galácia e o Mar Mediterrâneo, da qual **Perge** era a capital e **Atália**, o principal porto.

26-28. Agora os apóstolos retornaram à **Antioquia** da Síria, de onde foram antes enviados para esta aventura missionária. É significativo que nenhum relatório fosse enviado a Jerusalém. A igreja de Antioquia se tomara independente da igreja-mãe. **E permaneceram não pouco tempo**; esta é uma das observações relativas ao tempo caracteristicamente indefinidas de Lucas. Provavelmente a viagem missionária na Galácia durasse quase um ano e agora os apóstolos ficaram em Antioquia outro ano.

Atos 15

B. Problemas na Igreja Gentia, e o Concílio de Jerusalém. 15:1-35.

O sucesso da missão gentia salientou agora o mais importante problema da igreja primitiva – o do relacionamento entre os crentes judeus e gentios e os termos da admissão dos gentios na igreja. Antigamente, a igreja consistira de judeus, e a missão gentia não fora prevista apesar da comissão de nosso Senhor. Filipe levou o Evangelho aos samaritanos, e Pedro, depois de preparado por Deus, venceu seus escrúpulos judeus e levou o Evangelho a Cornélio, passando a ter plena comunhão com os gentios. A organização de uma igreja em Antioquia e o sucesso da missão gentia na Galácia focalizou a atenção agora sobre um problema que tinha de ser resolvido.

Na igreja de Jerusalém existia um partido que insistia que os gentios que não fossem **circuncidados segundo o costume de Moisés** não eram salvos nem podiam fazer parte da igreja. O versículo 5 indica que esse partido consistia de fariseus convertidos, a mais escrupulosa seita de judeus. Esse partido encarava o cristianismo como um

movimento dentro do Judaísmo. Guardavam todas as práticas e costumes da Lei, apenas acrescentando o Evangelho da morte e ressurreição de Jesus como o Messias Judeu prometido. Ao que parece os crentes judeus não abandonaram suas práticas judias quando se tomaram cristãos. Os convertidos fariseus, entretanto, insistiam que os gentios também deviam se tornar judeus para depois poder se tomar cristãos.

Esse problema já tinha surgido na igreja. Se, conforme parece mais provável, Gl. 2:1-10 descreve a visita por ocasião da fome de Atos 11:27-30 (para exposição do ponto de vista alternante, que Gl. 2:1-10 descreve um aspecto da reunião do concílio de Atos 15, veja coment. de Gl. 2:1 e segs. - Editor), então os líderes de Jerusalém aprovaram em princípio a missão de Paulo aos gentios e não insistiram na circuncisão para os convertidos gentios. Pedro concordou com essa política; pois algum tempo depois, quando ele foi à Antioquia, demonstrou ter aprendido a lição que fite foi ensinada pela visão do céu, e ele comeu livremente com os gentios convertidos (Gl. 2:11, 12). Duas igrejas diferentes existiam agora: a igreja judia em Jerusalém, na qual os cristãos judeus, tinham a liberdade de continuarem praticando a lei do V.T, como judeus, entretanto, não como cristãos; e a igreja gentia de Antioquia, onde nenhuma das exigências cerimoniais judias eram praticadas. Pedro aprovou a liberdade gentia quanto à Lei; e quando se encontrava em ambiente gentio deixava de lado suas práticas judias por amor da comunidade cristã.

O partido "da direita" em Jerusalém viu algo que ainda não se tornara evidente a Pedro: que o crescimento da igreja gentia devia significar a morte inevitável da igreja judia. Quando o relacionamento entre as duas igrejas se intensificasse, os cristãos judeus teriam de seguir o exemplo de Pedro deixando de lado suas práticas judias, portanto, quando certos homens de Tiago vieram a Antioquia (Gl. 2:12) acusaram Pedro de abandonar a Lei e fizeram ver que suas atitudes significavam o fim do Judaísmo. Pedro não unha aquilatado as conseqüências de suas atitudes. Por isso evitou comer com os gentios para refletir sobre o

assunto. Isso causou uma divisão imediata na igreja de Antioquia. Paulo reconheceu imediatamente as implicações do afastamento de Pedro; significava nada mais nada menos que duas igrejas separadas - uma judia e outra gentia. Ou os cristãos judeus tinham de deixar de lado suas práticas judias para comer com os gentios, ou os gentios teriam de aceitar toda a lei de Moisés; caso contrário haveria uma igreja dividida. Paulo estava completamente de acordo que os judeus, na qualidade de judeus, praticassem a lei de Moisés. Mas ele insistia que se um judeu entrasse em uma igreja gentia, tinha de deixar de lado seus escrúpulos judeus participando livremente da comunhão com os gentios. Uma igreja dividida era coisa que não se podia imaginar e fazer os gentios aceitar a Lei significava o fim da salvação pela graça. Parece que o ponto de vista de Paulo prevaleceu, mas os do partido judeu em Jerusalém não ficaram satisfeitos. Voltaram à Antioquia novamente insistindo que os gentios fossem circuncidados para se tornarem cristãos.

2. Isso causou tal dissensão que a igreja de Antioquia achou necessário levar a questão à Jerusalém para ser resolvida. Portanto, foi eleita uma delegação para ir ter com os **apóstolos e presbíteros** para resolver o assunto.

3. Nada sabemos sobre as igrejas da **Fenícia**. Não era propósito de Lucas transmitir toda a história da igreja primitiva, mas apenas traçar as linhas principais do seu surgimento e desenvolvimento.

4, 5. A igreja em Jerusalém recebeu bem a delegação e ouviu sua história sobre o sucesso da igreja gentia em Antioquia e a missão gentia na Galácia. Os convertidos fariseus fizeram suas críticas, mantendo sua posição que os convertidos gentios deviam se tornar judeus e aceitar a lei de Moisés.

6. Isso provocou uma assembléia formal dos **apóstolos** e presbíteros **com a delegação de Antioquia.** Os versículos 12, 22, entretanto, dão a entender que a igreja participou como um todo na decisão.

7-9. A censura que Paulo fez a Pedro em Antioquia (Gl. 2:11) fizera seu efeito. E Pedro, na qualidade de líder dos apóstolos, voltou à sua

posição tomada depois da missão à casa de Cornélio – que Deus aceitara os gentios como gentios tão somente pela fé e não nos termos judeus.

10, 11. Um **jugo** no pensamento judeu não significava necessariamente um fardo mas uma obrigação. Pedro afirma aqui que o legalismo judeu era uma obrigação e um fardo que os judeus não foram capazes de suportar. Em contraste com o peso da Lei, a salvação é pela graça tanto para gentios como para judeus. Quando os judeus guardam a Lei, não o fazem como meio de salvação.

12. Logo a seguir a assembléia ouviu o relatório de Barnabé e Paulo sobre a obra maravilhosa que Deus operava entre os gentios.

13-16. A última e decisiva palavra foi proferida por **Tiago**, o irmão do Senhor, que assumira o cargo de liderança entre os anciãos e apóstolos em Jerusalém. Ele mencionou a missão de Pedro à casa de Cornélio e fez ver que a missão gentia estava nos planos de Deus, citando uma passagem de Amós 9:11, 12. Alguns mestres da Bíblia têm visto nessa citação o programa de Deus para o fim dos tempos. **Cumprida** a missão gentio Deus reconstruirá **o tabernáculo caído de Davi,** restaurando a sorte da nação judia (Atos 15:16). O resultado da restauração de Israel no rim dos tempos será uma salvação mais extensa dos gentios (v. 17). Esta interpretação vê aqui três estágios no programa divino: 1. O chamamento de um povo pelo seu nome (dispensação da igreja). 2. A restauração e salvação de Israel. 3. A salvação final dos gentios.

Entretanto, a citação de Amós foi feita para dar um exemplo e sustentar biblicamente a missão de Pedro aos gentios (v. 14). O verso 15 refere-se à missão de Pedro à casa de Cornélio. **E com isto,** isto é, **como Deus primeiro visitou os gentios, a fim de constituir dentre eles um povo para o seu nome,** concorda a profecia de Amós. Se a salvação dos **demais homens** (v. 17) se refere a um acontecimento no final dos tempos, a citação de Amós nada tem a ver com a presente visita aos gentios. Mas Tiago citou o V.T, precisamente com esse propósito - para mostrar que a presente salvação dos gentios está no predito propósito de

Deus e que os gentios deviam, portanto, ser livremente aceitos na igreja. **Um povo para o seu nome** (v. 14). A palavra que o V.T, costumava usar em relação a Israel, o verdadeiro povo de Deus. Os gentios estavam agora incluídos nesse povo. A reconstrução do tabernáculo de Davi deve, portanto, se referir à salvação do remanescente judeu crente, "Israel em Israel" (veja Rm. 9: 8; 11:1-5). As Escrituras, em outras passagens, tornam claro que promessas feitas a Israel cumpriram-se na Igreja. "Os que são da fé são filhos de Abraão" (Gl. 3:7). "É judeu o que o é no interior, é circuncisão a que é do coração; no coração, não na letra" (Rm. 2:28, 29). Isto não significa que Israel como nação não tenha futuro. Romanos 11 afirma claramente que todo Israel será salvo; Deus ainda tem um futuro para o Israel nacional. Entretanto, essa não era a preocupação de Tiago; ele citava Amós para provar que o sucesso na missão aos gentios estava no propósito de Deus e foi predito no V.T.

19. Tiago, portanto, foi de opinião que não deviam mais **perturbar** os gentios exigindo que aceitassem a circuncisão e a lei de Moisés.

20. Havia ainda um outro problema, relativo à comunhão entre judeus e gentios. **Os costumes** gentios eram muito ofensivos aos judeus e aos cristãos judeus. Portanto, Tiago aconselhou que os cristãos gentios adorassem um outro *modus vivendi*, abstendo-se de certas práticas que ofendiam seus irmãos judeus.

Contaminações dos ídolos descreve-se em 15:29 como **coisas sacrificadas a ídolos.** A carne vendida no mercado era muitas vezes carne de animais sacrificados, nos templos pagãos, às divindades pagãs. O comer de tal carne ofendia a sensível consciência dos judeus, pois tinha um resquício de participação no culto às divindades pagãs. **As relações sexuais ilícitas** pode se referir tanto à imoralidade em geral ou à prostituição religiosa nos templos pagãos. Tal imoralidade era tão comum entre os gentios que mereceu atenção especial. **Sufocadas**. Carne cujo sangue não foi devidamente removido. Esse tipo de sangue era considerado como iguaria especial para muitos pagãos. **Sangue** se refere ao costume pagão de usar o sangue como alimento. As duas últimas

exigências envolviam a mesma ofensa, pois o judeu que cria que "a vida está no sangue" (Lv. 17:11) considerava particularmente ofensivo o comer de qualquer tipo de sangue. Esse regulamento foi divulgado entre as igrejas gentias não como meio de salvação mas como base de comunhão, no espírito da exortação de Paulo de que aqueles que eram fortes na fé deviam estar prontos a restringir sua liberdade nessas questões para não ofender o irmão mais fraco (Rm. 14:1 e segs.; I Co. 8:1 e segs.).

21. Os cristãos gentios deviam se abster das práticas ofensivas aos judeus porque os judeus encontravam-se **em cada cidade,** e tanto nas sinagogas da Palestina como nas da Diáspora **Moisés... onde é lido aos sábados** e as exigências da Lei estritamente observadas.

22. Judas, chamado Barsabás. Ao que parece irmão de José, chamado Barsabás (1:23). **Silas**. O Silvano de I Ts. 1:1; II Co. 1:19; I Pe. 5:12, que mais tarde foi companheiro de Paulo.

23. A saudação da carta designa dois grupos e não três: **os apóstolos como presbíteros aos irmãos** ou os apóstolos e irmãos presbíteros.

24. Transformando as vossas almas é uma tradução forte demais; perturbam vossas mentes é melhor. A igreja de Jerusalém como um todo não apoiava a posição do extremado partido judaizante.

31-33. A decisão da igreja de Jerusalém e a carta a Antioquia parece que resolveu o problema. Depois de um interValo, Judas e Silas retornaram a Jerusalém, enquanto Paulo e Barnabé permaneceram em Antioquia.

34. Este versículo não aparece nos textos mais antigos.

C. Segunda Missão: Ásia Menor e Europa. 15:36 – 18:22.

Agora Locas passa a registrar os preparativos para o que podemos chamar de segunda viagem missionária. Depois de um período indefinido, Paulo determinou tomar a visitar e confirmar as igrejas já organizadas. Uma infeliz desavença surgiu entre Paulo e Barnabé. **Barnabé** queria levar com eles João Marcos, que os acompanhara na

primeira viagem missionária mas os abandonara quando chegaram ao continente da Ásia Menor, retornando a Jerusalém. Paulo considerou essa atitude como evidência de seria instabilidade e por isso não o aceitou. O resultado foi que Paulo e Barnabé se separaram. **Barnabé** e **João Marcos** navegaram para **Chipre** a fim de visitarem as igrejas organizadas na primeira viagem missionária. Paulo mandou buscar Silas em Jerusalém, o qual recentemente visitara Antioquia e no qual o apóstolo reconhecia um homem promissor.

41. Em vez de viajar de navio, Paulo e Silas foram por terra na direção da Galácia. Nada sabemos a respeito da organização de **igrejas** na **Síria** e **Cilícia**, mas sabemos de 15:23 que essas igrejas existiam. Possivelmente foram o resultado do trabalho de Paulo antes de ser levado a Antioquia.

Atos 16

16:1. Em **Listra**, Paulo escolheu **Timóteo**, que parece ter se convertido na primeira missão, para ser seu companheiro de viagem e um dos seus ajudantes mais importantes. Foi a esse Timóteo que Paulo, no fim de sua vida, escreveu duas de suas últimas epístolas. Timóteo era fruto de um casamento misto: seu **pai** era **grego** e sua mãe, **judia**. Sua mãe, também, deve ter crido em Cristo quando Paulo visitou Listra na sua primeira viagem; mas seu pai, se ainda era vivo, não se converteu. Em II Tm. 1:5 ficamos sabendo que sua mãe se chamava Eunice e que foi uma mulher piedosa.

2. Desde a primeira visita de Paulo, Timóteo alcançou boa reputação entre os crentes em Listra e Icônio.

3. Sendo Timóteo meio judeu, Paulo **circuncidou-o** para que fosse aceito como seu companheiro de viagem pelos judeus aos quais teriam de pregar. Embora o jovem fosse educado por sua mãe na fé do V.T. (II Tm. 3:15), os judeus olhavam para ele considerando-o um incircunciso filho de grego. Por outro lado, os gentios o teriam considerado judeu por causa de sua religião. Como homem que professava adesão à religião

judia mas que permanecia gentio incircunciso, Timóteo ofendia os judeus que Paulo conhecia de cidade em cidade e aos quais ele pregava o Evangelho pela primeira vez. Paulo o circuncidou por expediente e não por princípio religioso. Não existe nenhum conflito no fato de Paulo ter firmemente se negado a circuncidar Tito (Gl. 2:3); pois Tito era inteiramente gentio e não havia motivo cultural para circuncidá-lo. Timóteo foi circuncidado, portanto, não como cristão mas como judeu. Esta é uma aplicação do princípio que Paulo expressou em I Co. 9:20: "E ia-me como judeu para os judeus, para ganhar os judeus; para os que estão debaixo da lei". Onde nenhum princípio essencial era envolvido, Paulo aplicava o princípio da prudência e da conciliação de um tal modo que muitos cristãos posteriores não puderam entender ou apreciar. Provavelmente foi nessa ocasião que Timóteo foi separado para a sua missão pelos anciãos em Listra (I Tm. 4:14).

6-8. Estes versículos podem ser interpretados de duas maneiras dependendo de se adotar a teoria do "Norte da Galácia" ou do "Sul da Galácia"; e a interpretação depende do significado da palavra **Galácia**.

(a) **Galácia** pode se referir à parte norte da província romana da Galácia, onde vivia o povo de origem gótica. Neste caso, Paulo passou pela **região** da Frígia (as cidades de Icônio e Antioquia) e planejou ir diretamente, pelo oeste, às grandes cidades da província da Ásia. Quando o Espírito Santo proibiu-lhe de viajar para a Ásia, ele voltou-se para o norte da Galácia, isto é, para o norte da província romana. Depois dirigiu-se para o oeste na direção da **Mísia**, que fica no extremo norte da província da Ásia, e pretendia ir para a província de **Bitínia**, que fica entre a Galácia e o Mar Negro. Quando foi impedido nesse seu plano, passou pela **Mísia** e foi para **Trôade** no Mar Egeu. Há uma dificuldade nesta teoria do "Norte da Galácia". Parece estranho que Lucas não registre como surgiram estas importantes igrejas para as quais a epístola aos gaiatas foi escrita, e não há nenhuma evidência positiva de que essas igrejas existiram.

(b) Portanto torna-se mais fácil aceitar a teoria da "Galácia do Sul", que compreende a **região frígio-gálata,** não como duas regiões separadas mas como uma só área – *Frígio-Galácia*. Esta poderia ter sido a parte sul da província romana da Galácia, na qual se localizava a região da Frígia e que incluía a cidade de Antioquia. De acordo com este ponto de vista, depois de visitar Derbe e Listra, Paulo pretendia passar pela Frígia e Galácia diretamente para o oeste às grandes cidades da Ásia. Quando o Espírito Santo mostrou por meios não mencionados que isto não era aconselhável, Paulo viajou através da *Frígio-Galácia* e depois para o norte na direção da **Mísia** e **Bitínia**. Quando se aproximou da **Mísia**, tentou entrar na **Bitínia**, mas novamente o Espírito o impediu neste .propósito. Conseqüentemente, ele passou pela Mísia e chegou ao porto de **Trôade**.

9. Em Trôade Deus revelou seu propósito, enviando-fite um homem que disse: **Passa a Macedônia, e ajuda-nos.** Tal pedido elimina qualquer problema de como Paulo o reconheceu procedente da Macedônia; seu pedido indica sua terra natal.

10. Esta é a primeira das famosas partes de Atos, onde a narrativa passa da terceira pessoa para a primeira pessoa do plural. O motivo desse fenômeno literário tem sido vigorosamente debatido, mas a explicação mais fácil é que a esta altura o autor da narrativa juntou-se a Paulo e passou a ser seu companheiro de viagem. Se esta é a explicação correta, Lucas juntou-se ao grupo de Paulo em Trôade e viajou com ele a Filipos (v. 16 é o final desta primeira série de versículos na primeira pessoa do plural), onde ficou quando Paulo continuou sua viagem.

11, 12. Paulo tomou um navio em Trôade e navegou para a ilha de **Samotrácia** e no dia seguinte para Neápolis, que era o porto de **Filipos**, uma cidade a 16 quilômetros do litoral. A Macedônia se dividia em quatro partes ou *distritos*, e Filipos era a cidade principal de um **distrito**. Era também uma **colônia** romana. Esta palavra é uma transliteração do termo latino. "Colônias" eram cidades constituídas principalmente de cidadãos romanos e localizados em pontos estratégicos através de todo o

império, que desfrutavam de privilégios especiais, tais como governo autônomo, isenção dos impostos imperiais e os mesmos direitos dos cidadãos da Itália. Uma cidade desse tipo era uma pequena Roma afastada da pátria.

13. Ao que parece não havia uma colônia judia ou sinagoga em Filipos. Dez homens eram suficientes para se constituir uma sinagoga. Havia, entretanto, um lugar de reunião informal de um grupo de mulheres judias e um certo número de homens tementes a Deus, fora da cidade, à beira- de um do. De acordo com o melhor dos textos, **onde nos pareceu haver um lugar de oração** deveria ser *onde supúnhamos haver um lugar de oração*. A palavra usada para lugar de oração, nas obras judias, tem sido usada como sinônimo de "sinagoga". **Assentando-nos.** A posição normal para o professor judeu.

14. Lídia pode ser um nome próprio, ou pode significar "natural da Lídia", referente à região na qual estava situada Tiatira. Esta região era famosa pela manufatura e emprego da tintura de **púrpura**, e Lídia introduzira esse negócio em Filipos. Esta mulher era uma gentio que aceitara os mais altos elementos do Judaísmo.

15. Sendo mulher de recursos, Lídia tinha família e servos, os quais seguiram seu exemplo na profissão de fé e batismo. A expressão **a sua casa** talvez inclua crianças pequenas.

16. Espírito adivinhador. Literalmente, um *espírito de píton* (*necromante*). As sacerdotisas de Apolo e Delfos eram chamadas **pitonisas**, e a palavra estendeu-se às adivinhadoras. Uma pessoa que tivesse o espírito de píton era considerada inspirada por Apolo, que se associava aos oráculos, Esta jovem era endemoninhada, e seus descontrolados pronunciamentos eram considerados palavras de um deus. Seus donos ganhavam dinheiro usando-a para adivinhar o futuro. Assina como um demônio reconheceu Jesus como o santo de Deus (Mc. 1:24), este demônio reconheceu o poder divino que havia em Paulo e seus companheiros.

17. Deus altíssimo. Um termo usado pelos pagãos para indicar a suprema divindade judia.

Caminho da salvação. Uma expressão comum na religião helenística, e assunto que preocupava grandemente muitos pagãos.

19. Paulo e Silas foram presos não porque estavam pregando o Evangelho mas porque interromperam. um negócio lucrativo. Lucas e Timóteo desaparecem por algum tempo. Lucas estava preocupado em investigar o relacionamento das autoridades romanas com os emissários do Evangelho e provar que a hostilidade vinha de outras fontes que não as autoridades.

20. O governo da colônia romana revestia-se de poder das **autoridades**, às vezes chamados "pretores". A palavra grega traduzida para "magistrados" é equivalente ao *praetor* latino.

21. A lei romana permitia que os judeus praticassem sua religião, mas proibia a propagação de religiões estrangeiras entre os cidadãos romanos. Paulo e Silas não foram reconhecidos como cristãos mas como judeus que transgrediam as prerrogativas que a lei romana fites concedia.

22, 23. Não foi feita nenhuma investigação cuidadosa sobre essas acusações. A movimentação da turba foi provocada, à qual os magistrados se submeteram. Paulo e Silas tiveram suas roupas rasgadas e foram açoitados. O versículo 35 refere-se aos **pretores** (ou *sargentos*). Esta palavra designa os lictores que serviam sob as ordens dos magistrados. Cada lictor carregava um maço de bastões com um machado inserido entre eles, simbolizando o poder de aplicar a pena capital. Paulo e Silas foram espancados com os bastões carregados por esses lictores. Paulo nos conta que sofreu essa indignidade em três diferentes ocasiões (II Co. 11:25). Este é o único desses incidentes que Lucas registra. Paulo e Silas foram depois trancados no **cárcere interior** tendo seus pés firmemente presos ao tronco. Os troncos podiam ser colocados de tal maneira a forçarem as pernas de um homem em dolorosa posição, uma afastada da outra.

26. Ramsay diz que qualquer pessoa que tenha visto uma prisão turca não se admirará com o efeito desse terremoto. As portas foram escancaradas e os troncos soltos das paredes.

27. Quando o carcereiro despertou e descobriu que as portas da prisão estavam abertas, imaginou que os prisioneiros tivessem fugido. Resolveu que tomaria a única atitude digna que lhe restava, praticando o suicídio.

28. Embora não houvesse luz, Paulo de dentro da prisão pôde ver o contorno do carcereiro na entrada, e compreendeu o que o homem ia fazer. Sua exclamação salvou a vida do carcereiro.

30. Não se sabe bem o que o carcereiro quis dizer com a sua pergunta sobre a salvação. Teria ouvido a pregação de Paulo e Silas? Teria ouvido a adivinha declarar que esses homens proclamavam o caminho da salvação? De qualquer modo, Deus abençoou sua fé por pequena que fosse, e ele foi batizado com toda sua família.

34. Um carcereiro romano tinha a liberdade de tratar seus prisioneiros como desejasse uma vez que os apresentasse quando fossem solicitados. Agora, pois esse carcereiro recebeu Paulo e Silas como seus hóspedes.

35. De manhã os magistrados decidiram que o espancamento quando do aprisionamento noturno fora um castigo suficiente para esses dois judeus criadores de problemas. Por isso enviaram os lictores à cadeia com a ordem de que Paulo e Silas fossem soltos e conduzidos para fora da cidade.

37. Sendo os cidadãos romanos imunes de certas formas de castigo, Paulo agora declarou que seus direitos legais de cidadão romano foram flagrantemente violados. Ele e Silas foram punidos sem os procedimentos legais. Paulo insistiu que os magistrados os tratassem agora com a cortesia devida aos cidadãos romanos se quisessem que deixassem a cidade. Sem dúvida Paulo tomou essa posição não para se vingar mas para benefício da pequena comunidade cristã que havia em Filipos.

38, 39. Os magistrados ficaram abatidos e profundamente preocupados com a ma conduta imprópria, pois concebivelmente os desqualificaria para continuarem ocupando seu cargo. Eles **pediram desculpas** a Paulo e Silas; e embora compreendessem que não podiam expulsar da cidade esses cidadãos romanos, imploraram-lhes que partissem.

40. Os apóstolos aceitaram o pedido de desculpas, e depois de visitarem os crentes em casa de Lídia, encorajando-os, partiram. Timóteo acompanhou Paulo e Silas, mas Lucas permaneceu em Filipos. Ele aparece em 20:5 no começo da outra seção onde foi usado o pronome "nós".

Atos 17

17:1. Paulo, Silas e Timóteo viajaram para o oeste pela grande estrada militar que se chamava Via Ignatia. O fato de terem passado **por Anfípolis e Apolônia** indica que Paulo estava seguindo um plano definido de introduzir o Evangelho em cidades estratégicas. Ele não queria apenas pregar o Evangelho onde quer que encontrassem um auditório. Antes, ele foi um estadista missionário com um programa de organizar igrejas nos centros-chave dos quais as terras circunvizinhas poderiam ser evangelizadas. **Tessalônica**. A principal cidade e capital da província da Macedônia. Na carta mais tarde escrita à igreja em Tessalônica, Paulo indica que o Evangelho foi propagado de lá não só para a Macedônia e Acaia, mas a muitos outros lugares (I Ts. 1:8).

2. O apóstolo seguiu seu costume de pregar o Evangelho primeiro na sinagoga judia. Ele o fez por **três sábados** consecutivos. Na correspondência mantida com Tessalônica, ele menciona que se ocupou com o negócio das tendas para não se tornar um fardo para os crentes. (I Ts. 2:9; II Ts. 3:7-12). As três semanas, portanto, não indicam a duração da missão de Paulo em Tessalônica.

3. O método de Paulo na pregação consistia em abrir o V.T, para demonstrar que o Messias tinha de padecer e ressuscitar dentre os mortos

e que o Messias era de fato Jesus, que ele estava anunciando. Paulo citava passagens do V.T, e comparava cum elas o cumprimento histórico na vida de Jesus de Nazaré. Os judeus não entendiam como o Messias podia ser ao mesmo tempo um rei conquistador e um servo sofredor, pois não estavam acostumados a aplicar as profecias do sofrimento ao Messias.

4. Como de costume, alguns poucos judeus foram **persuadidos**, e ajuntaram-se a Paulo e Silas. Mas a maior parte dos convertidos vinha do grupo bastante grande dos gentios tementes a Deus.

5. Os judeus introduziram-se entre os desocupados que vagavam pelas ruas e incitaram a população. Homens "perversos" ou "maus". **Jasom**, o equivalente grego para Josué, ao que parece era um judeu crente que abrira as portas de sua casa a Paulo e Silas. A população atacou a casa de Jasom, pretendendo arrastar Paulo e Silas ao tribunal. **Turba**. A assembléia geral do povo grego.

6. Jasom ouviu falar das intenções da população e removeu Paulo e Silas para um lugar seguro. Portanto, em lugar dos evangelistas, Jasom e diversos irmãos foram levados à presença das autoridades. **Autoridades**. Literalmente, *politarcas*. Uma vez que este termo era desconhecido na literatura grega, Lucas foi acusado de crassa incorreção. Entretanto, já se descobriram inscrições que provam que este tenro era a designação técnica correta para os magistrados das cidades da Macedônia. Uma lista desses politarcas já se encontrou gravada em uma pedra num arco do primeiro século A,D, em Tessalônica.

7. Jasom foi acusado de açoitar homens cujos ensinamentos religiosos tinham sediciosas implicações políticas, pois proclamavam que **Jesus** era um rei que poderia ser rival do imperador romano. **Rei**. A palavra grega que costumava designar o imperador romano (Jo. 19:15; I Pe. 2:13, 17). Este incidente dá uma ilustração porque as epístolas de pauto, como também o livro de Atos, relativamente pouco têm a dizer sobre o reino de Deus. Muito já se falou do fato que Paulo quase nunca deu a Jesus o título de Rei, chamando-o antes de Senhor. Dá-se às vezes

que Jesus é o Rei de Israel mas o Senhor da Igreja, e que os dois conceitos são inteiramente diferentes. Este incidente dá a idéia de que Paulo punha pouca ênfase sobre a realeza de Jesus e o reino de Deus, porque estas idéias, familiares e preciosas aos judeus, estavam sujeitas à má interpretação pelos romanos, sugerindo um poder político rival. Tal sedição foi a acusação feita por Pilatos contra Jesus (Lc. 23:2). Roma tolerava muitas coisas mas não a suspeita de sedição. Por isso Paulo proclamava Jesus aos gentios como Senhor . um conceito religioso que era familiar e aceitável e não tinha implicações políticas.

8, 9. Os politarcas ficaram perturbados com essa acusação, mas não podendo encontrar Paulo e Silas, resolveram o problema responsabilizando Jasom e seus companheiros de qualquer perturbação de paz no futuro, e estipulando uma fiança que seria cobrada em caso de tornarem a criar problemas. Este provavelmente foi o impedimento satânico ao qual Paulo se referiu em I Ts. 2:18, que impossibilitou-o de retornar à Tessalônica e continuar o seu ministério.

10, 11, Beréia ficava cerca de cinqüenta milhas a oeste de Tessalônica. A esta altura Paulo e Silas abandonaram a estrada militar principal e dirigiram-se para o sul na direção da província de Acaia. Aqui os judeus não tinham tantos preconceitos como os de Tessalônica. Provaram possuir mentes abertas para comparar a mensagem de Paulo com passagens do V.T. a fim de verificar se era ou não verdadeira.

13-15. Quando **judeus** hostis de Tessalônica foram a Beréia e despertaram a oposição, alguns dos irmãos acompanharam Paulo até a praia e depois para **Atenas**. **Silas e Timóteo** não acompanharam Paulo a Atenas mas ficaram para trás em Beréia com instruções de se juntarem a Paulo tão logo fosse possível em Atenas.

16. Atenas não era cidade de muita importância política ou comercial, mas era o mais famoso centro intelectual do mundo. Todo jovem de Roma procurava ir a Atenas para a sua educação universitária. A estratégia missionária de Paulo não incluía a evangelização de Atenas. Mas esperando ali por Silas e Timóteo, sentiu-se profundamente movido

pela evidente idolatria que viu. Os famosos templos de Atenas eram obras de arte cuja beleza não podia ser ultrapassada, mas por trás dessa beleza Paulo viu as trevas da idolatria.

17. Por isso **dissertava** com os judeus e com os gentios **religiosos** (tementes a Deus), e também discutia com aqueles que encontrava no mercado.

18. Discípulos das duas mais influentes escolas filosóficas daquele tempo ouviram sua mensagem. Os **epicureus**, assim chamados por causa do seu fundador, Epicuro (341-270 a.C.), criam que os deuses existiam mas não tinham o menor interesse no bem-estar do homem. A principal razão da vida, defendiam os epicureus, consistia no prazer, que devia ser buscado em uma vida feliz e tranqüila, livre da dor ou do medo, especialmente livre do medo. Os **estóicos**, discípulos de Zeno (cerca de 300 a.C.), criam que Deus era a alma do mundo, habitando em todas as coisas, e que a vida feliz consistia em vivê-la de acordo com a natureza. Uma vez que Deus estava em todos os homens, todos os homens eram irmãos. Muitos estóicos eram homens de altos princípios morais. Para esses filósofos, Paulo parecia um **tagarela**. Esta palavra, que literalmente significa **apanhador de sementes,** era usada para descrever a pessoa que recolhia retalhos de conhecimentos não digeridos.

Jesus e a ressurreição. Para o ouvido grego, **Jesus** e *Anastasis* (**ressurreição**) deviam soar como os nomes de um deus e uma deusa.

19. Areópago pode designar tanto a colina de Marte (v. 22), que ficava entre o mercado e a Acrópole, ou o conselho que se reunia antigamente no Monte de Marte. Os versículos 22 e 33 fazem este último parecer mais provável. Este conselho não era um tribunal de justiça mas um grupo de homens que supervisionava questões religiosas e educacionais Paulo compareceu diante desse conselho para apresentar um resumo de sua "filosofia", ao que parece para dar-lhes a oportunidade de determinar se ele devia ter permissão de ensinar em Atenas.

21. Todos os de Atenas e os estrangeiros residentes eram notáveis por sua curiosidade, ansiosos por conhecer "a última idéia nova" (Lake e Cadbury).

22. Em pé, no meio do Areópago, Paulo tentou estabelecer um ponto de contato observando que eles eram muito **religiosos**. Esta é uma tradução melhor do que *um tanto supersticiosos*, embora as duas traduções sejam possíveis.

23. *Vossos santuário* (ERC) significa **objetos de vosso culto.** Nenhuma inscrição foi achada até agora, com as palavras **AO DEUS DESCONHECIDO.** Os escritores gregos nos contam que estes altares a "deuses desconhecidos" existiam em Atenas, e "se existiam dois ou mais altares cada um com a inscrição 'ao deus desconhecido', podiam muito bem terem sido mencionados compreensivamente como 'altares a deuses desconhecidos'" (F.F. Bruce, *Commentary*). No seu zelo religioso, os atenienses não queriam omitir de seus cultos qualquer divindade com a qual não estivessem familiarizados. Paulo lhes assegurou que havia realmente um que eles não conheciam, e este ia fites ser apresentado.

24, 25. Uma vez que esse Deus é o criador de todas as coisas, Paulo explicou, e senhor dos céus e terra, Ele não podia habitar em qualquer estrutura construída por homens. Ele também não tinha nenhuma necessidade que o culto humano ou a adoração pudesse suprir, pois Ele mesmo é a fonte de toda a vida.

26. Sendo Deus o Criador, todos os homens são oriundos da mesma fonte, e todos os homens dependem dEle. Ele lhes forneceu a terra por habitação e as estações para lhes fornecer o sustento. É o mesmo pensamento que aparece em 14:17 no discurso aos gregos em Listra. **Tempos** é a mesma palavra traduzida para **estações** em 14:17.

27. A bondade de Deus manifesta na criação do mundo deveria levar os homens a buscarem Deus (veja Rm. 1:20).

28. O Senhor é um Deus transcendente que não pode ser identificado com Sua criação e é também o Criador e o Mantenedor de quem todos os homens dependem para a sua vida física. O apóstolo fez

uma ilustração com palavras que parecem ser de um poeta cretense chamado Epimenides. Depois referiu-se ao poeta Aratus de seu próprio país, a Cilícia. Paulo quis dizer que todos os homens vieram de Deus no sentido de que são Suas criaturas, dependendo dEle para a vida. Há uma doutrina bíblica sobre a paternidade universal de Deus e a fraternidade de todos os homens que repousa no fato da criação comum e não sobre um relacionamento espiritual, como indica esta passagem.

29. Sendo Deus o criador dos homens, deve pelo menos ser maior do que os homens. Portanto, identificar a Divindade com alguma coisa que o homem criou ou imaginou é a mais desbaratada tolice e a profundeza do pecado (veja Rm. 1:22, 23).

30, 31. Deus **não levou em conta** (e não *fechou os olhos*) esses **tempos da ignorância,** dando agora aos homens o pleno conhecimento de Si mesmo. Romanos 3:25 refere-se a esta paciência divina com "pecados dantes cometidos" e Atos 14:16 faz alusão à mesma paciência. Mas a paciência de Deus não vai durar sempre; por causa do pleno conhecimento que foi agora revelado em Cristo, Ele ordena aos homens que se arrependam, e Ele **estabeleceu um dia** para **julgar o mundo com justiça** por meio do homem em quem esta luz foi dada. A *certeza* disso está na ressurreição de Jesus.

Muitas vezes tem se defendido que, em Atenas, Paulo tentou a via de acesso intelectual e que ele tentou ser um filósofo entre os filósofos em vez de simplesmente pregar o evangelho de Jesus Cristo. Esta não é uma crítica válida pois o âmago da primitiva proclamação cristã foi a ressurreição de Jesus Cristo, e esta foi a ênfase principal de Paulo em Atenas. Nenhuma outra mensagem seria menos do gosto do paladar dos filósofos gregos do que a ressurreição corporal e o dia do juízo. Uma mensagem de imortalidade pessoal em um estado desincorporado teria sido aceitável, mas a afirmação de uma ressurreição corporal foi pouco "diplomática". Paulo não diluiu o seu evangelho; ele proclamou a verdade e acertou em cheio a filosofia grega.

32-34. Alguns ridicularizaram a mensagem de Paulo; outros quiseram discuti-la mais tarde. Com isso a audiência acabou e Paulo **se retirou do meio deles.** Ele não ficou completamente sem êxito, pois alguns se lhe juntaram, confessando a fé em Cristo. Um dos crentes era membro do próprio Areópago. Mas houve poucas conversões em Atenas. Além de não haver referência a uma igreja em Atenas, "as primícias da Acaia" (I Co. 16:15) foram em Corinto e não em Atenas. Não há motivo nenhum adequado para se achar que o fracasso de Paulo fosse devido a um método falso que ele mais tarde abandonou; foi devido antes ao caráter dos próprios atenienses. Paulo não planejou nenhum programa evangelístico ou missionário naquela cidade.

Atos 18

18:1. O apóstolo **deixando Atenas partiu para Corinto,** onde aguardou a chegada de Timóteo e Silas vindos da Macedônia. Corinto era a capital da província romana da Acaia. Estava localizada sobre um istmo dominando as rotas marítimas para leste e oeste, como também as rotas terrestres para o norte e sul. Era um próspero centro comercial; famoso por seu caráter cosmopolita, e notório por sua imoralidade. De acordo com Strabo, o templo de Afrodite tinha mil religiosas prostitutas. A reputação de Corinto está exemplificada pelo fato de que o verbo "agir como um coríntio" era usado em relação à prática da fornicação, e a expressão "moças de Corinto" indicava prostitutas. Não causa admiração, portanto, que a igreja de Corinto fosse mais tarde abalada com problemas de imoralidade.

2. Suetônio (*Life of Claudius* 25:4) nos conta que os judeus estavam sempre comprazendo-se em constantes tumultos sob a instigação "de Cresto", e por isso Cláudio os baniu de Roma em 49 A.D. É possível que *Chrestus* (que significa "o útil") fosse uma má interpretação romana de *Christus*, um termo sem significado para eles. Nesse caso, isto significa que o evangelho de Cristo estava sendo pregado nas sinagogas de Roma e estava encontrando resistência tão pesada que Cláudio ordenou a todos

os judeus que deixassem a cidade. Não está claro se **Áqüila e Priscila** (chamada Prisca nas epístolas de Paulo) eram crentes antes de saírem de Roma. Uma vez que nada se conta de Paulo lhes pregando o Evangelho, provavelmente tornaram-se cristãos em Roma. Nada sabemos sobre a origem da igreja romana. Esses dois judeus vieram a Corinto e estabeleceram um negócio.

3. Fazer tendas. Ou tecelões de grosso tecido feito de pelos de cabras, dos quais se faziam tendas e outros artigos; ou "fabricantes de artefatos de couro" (Lake e Cadbury). Era costume judeu os rabinos não receberem pagamento pelos seus ensinamentos e por isso Paulo, que fora educado como rabino, aprendera o ofício de fazer tendas. O apóstolo não se lançou logo na evangelização de Corinto, mas juntou-se a Áqüila e Priscila trabalhando com eles durante a semana.

4. Os sábados eram dedicados à pregação na **sinagoga**. Uma inscrição foi encontrada em Corinto datada do primeiro século, que dizia, "Sinagoga dos Hebreus".

5. Ao que parece Paulo planejava retornar de Corinto à Macedônia e continuar o seu ministério em Tessalônica e Beréia depois da chegada de Silas e Timóteo. As epístolas nos contam mais sobre os movimentos desses dois do que o livro de Atos. Paulo os deixou em Beréia com instruções de se lhe juntarem em Atenas tão logo fosse possível (17:15). Eles realmente juntaram-se a Paulo em Atenas (I Ts. 3:1), trazendo um recado ao que parece de que não era seguro retomar à Macedônia. Por causa disso enviou Timóteo de volta à Tessalônica e Silas a uma outra cidade da Macedônia, possivelmente Filipos. Agora Silas e Timóteo se encontraram com ele novamente em Corinto; quando lhe disseram que não poderia mais retomar à Macedônia, devotou-se com renovado vigor à evangelização de Corinto. **Se entregou totalmente à palavra,** de acordo com os melhores textos, deveria ter sido traduzido para *constrangido pela palavra*, ou *estava ocupado na pregação*. A mensagem de pauto era que Jesus era o Messias.

7. Ao lado da sinagoga judia estava uma casa que pertencia a um certo **Tício Justo,** um gentio "temente a Deus" (cons, observação sobre 10:2) que freqüentava a sinagoga. Ele abriu as portas de sua casa a Paulo para pregar o Evangelho quando o apóstolo deixou a sinagoga.

8. A conversão de **Crispo, principal da sinagoga** (veja 13:15), com a sua família deve ter sido um golpe para os judeus e deu um grande ímpeto à missão de Paulo. O batismo de Crispo foi mencionado em I Co. 1:14.

9-11. Ao que parece Paulo não tinha certeza de que fosse a vontade do Senhor para ele, que se devotasse à evangelização de Corinto. Mas Deus confirmou-o em uma visão, insistindo que não se calasse e assegurando-file que a sua missão seria assistida com sucesso e bênçãos divinas. Por isso pauto passou em Corinto mais tempo do que era seu costume, pregando a palavra de Deus por ano e meio.

12. No fim desse período de tempo, um novo **procônsul** veio à província de **Acaia**, da qual Corinto era a capital. Essas províncias ficavam sob a supervisão do Senado e eram governadas por procônsules, que tinham um mandato de dois anos.

Gálio. O irmão do filósofo Sêneca. Isto fornece uma data relativamente exata sobre a carreira de Paulo, pois Gálio chegou a Corinto em Julho de 51 ou 52, provavelmente SI. Paulo já estava em Corinto por ano e meio.

Os judeus aproveitaram-se da oportunidade de experimentar a índole do novo procônsul, esperando que ele se submetesse à pressão deles. Um veredicto desfavorável de um governador romano contra Paulo seria útil não apenas em Corinto mas em toda a província. Por isso instigaram um tumulto e trouxeram Paulo perante o **tribunal** de Gálio, acusando o evangelista de propagar uma religião que era **contra a lei** romana. A lei romana reconhecia o judaísmo como religião legalizada. Os judeus acusavam Paulo de ensinar rima nova religião contrária ao Judaísmo e portanto contrária à lei romana.

14-16. Gálio reconheceu que Paulo não era culpado de **injustiça** ou **crime da maior gravidade.** E a mensagem de apóstolo, até onde ele entendia, era apenas uma variante do Judaísmo e se referia à interpretação da lei judia. Portanto ele se recusou a julgar contra Paulo e dispensou seus acusadores.

17. O incidente que se segue revela que existia fortes sentimentos contra os judeus entre o povo. **Sóstenes** sucedera a Crispo como **principal da sinagoga,** e o povo agarrou-o e feriu-o na presença de Gaio. Que **Gálio, todavia, não se incomodava com estas coisas** não significa que fosse indiferente aos valores espirituais mas que ele deliberadamente não prestava atenção ao movimento da população, que tecnicamente interrompia a paz.

18. Agora Paulo permaneceu em Corinto por um período de tempo indefinido (**muitos dias**), além do ano e meio. Antes de partir de Corinto, fez um voto de nazireu (veja Nm. 6:1-21) que era uma ação de graças ou dedicação a Deus segundo o V.T. Durante o período do voto, o devoto deixava seu cabelo crescer e no final do período cortava o cabelo. É significativo observar que enquanto Paulo firmemente se recusava a permitir que a Lei fosse imposta a gentios, ele mesmo, na qualidade de judeu, continuava a praticar muitas de suas exigências. Ao chegar à **Cencréia**, o porto oriental de Corinto, no seu caminho para a Síria e Palestina, o período do seu voto foi concluído, e por isso ele rapou a cabeça.

19-21. Áqüila e Priscila separaram-se de Paulo em Éfeso e fixaram residência ali. Paulo ocupou-se em um curto ministério na sinagoga mas recusou-se demorar-se mais. As palavras, *É-me de todo preciso celebrar a solenidade que vem em Jerusalém*, não se encontram na maior parte dos textos; mas fora dessa explicação, os motivos da pressa de Paulo em retornar à Palestina não foram explicados.

22, 23. Esses dois pequenos versículos resumem uma longa viagem de Éfeso a Palestina, ida e volta. A **igreja** que Paulo saudou era mais do que certo a igreja em Jerusalém, embora esta cidade não fosse

mencionada. Entretanto, **Antioquia** patrocinara a missão e ele passou algum tempo naquela cidade.

D. A Terceira Missão: Ásia Menor e Europa. 18:23 - 21:17.

Paulo retornou à Ásia na viagem que chamamos de sua terceira viagem missionária, primeiro viajando através da Frígia e Galácia, as quais visitara na sua segunda viagem missionária (16:6).

24, 25. Agora Lucas interrompe seu registro sobre as viagens de Paulo para contar um incidente em Éfeso. Peregrinos judeus que vieram a Jerusalém durante os dias do ministério de nosso Senhor ouviram João Batista pregar que o Messias vida logo. Reconheceram na pessoa e obras de Jesus o cumprimento das profecias messiânicas do V.T. Esses peregrinos teriam levado para casa informações sobre a pregação de João e sobre a vida e ministério de Jesus, embora não soubessem de sua morte e ressurreição e a vinda do Espírito Santo no Pentecostes. O eloqüente **Apolo** aceitara essas boas novas sobre Jesus; e uma vez que **era poderoso nas Escrituras,** era capaz de apresentar o messiado de Jesus com eficácia aos judeus.

26. Quando Priscila e Áqüila encontraram-no em Éfeso, esclareceram-lhe **com mais exatidão** o evangelho cristão, o qual incluía a morte de Cristo, a sua ressurreição e a vinda do Espírito Santo. Muito provavelmente, Apolo foi então batizado por Áqüila no nome de Cristo.

27, 28. Quando ele quis ir à Acaia, Áqüila e Priscila enviaram cartas de recomendação, e ele pôde reforçar o trabalho de Paulo em Corinto, refutando os judeus e provando que Jesus era o Messias. O fato de alguns crentes de Corinto terem formado um partido, tendo Apoio como líder (I Co. 1:12; 3:4), não indica que ele tivesse tido uma atitude imprópria.

Atos 19

19:1. Paulo viajou da Galácia para Éfeso, seguindo a estrada superior, que era mais direta do que a rota comercial que seguia através

dos vales de Colossos e Laodicéia. Em **Éfeso** encontrou **discípulos** que tinham o mesmo conhecimento parcial de Jesus que tivera Apolo. Não há nenhuma razão para se rejeitar o significado costumeiro de discípulos: crentes em Jesus.

2. O apóstolo reconheceu que o conhecimento que os discípulos tinham de Jesus era incompleto. Por isso perguntou, **Recebestes, porventura, o Espírito Santo quando crestes?** O particípio grego é *tendo crido* e pode ser traduzido para *desde que crestes* ou **quando crestes**. Considerando que o Espírito Santo se recebia geralmente quando se cria em Cristo, a última é preferível. Sua resposta deve ter sido que eles não sabiam nada sobre a verdade cristã do Espírito Santo, pois qualquer um que conhecesse o V.T, já teria ouvido a respeito do Espírito Santo.

3, 4. Esses discípulos nada ouviram sobre o Pentecostes. Só conheciam a mensagem de João Batista - que os homens deviam receber um batismo de arrependimento em antecipação à vinda dEle, **Jesus**. A palavra Cristo não se encontra nos melhores textos.

6, 7. Isto não descreve um novo Pentecostes mas uma extensão da experiência do Pentecostes para incluir todos os crentes. Nenhum significado especial deve ser buscado na imposição das mãos de Paulo para o recebimento do Espírito. Esta experiência, como aquela de Pedro e João na Samaria (8:16, 17) tem a intenção de demonstrar a unidade da Igreja. Uma vez que os crentes são batizados por um Espírito em um corpo (I Co. 12:13), não podia haver tais "grupinhos" como os discípulos de João, fora da igreja. Não vem a caso discutir se esses discípulos eram ou não cristãos antes de Paulo se encontrar com eles, como também é fútil questionar se os apóstolos eram salvos antes do Pentecostes. Eram discípulos de Jesus mas com um conhecimento incompleto do Evangelho.

8, 9. Éfeso era a capital da província romana da Ásia, onde o procônsul romano residia. Era a principal cidade da Ásia na promoção da adoração ao imperador. Era também um importante centro comercial e

cambial, com um porto movimentado, e desfrutava de grande prosperidade. A mensagem de Paulo na **sinagoga** sobre o **reino de Deus** dificilmente se referia ao estabelecimento do reino na segunda vinda de Cristo. O evangelho cristão anuncia que as bênçãos do reino de Deus vieram aos homens antecipadamente na pessoa de Jesus, o Messias (veja Cl. 1:13). Grande parte dos judeus aceitava a mensagem de Paulo em Éfeso; apenas **alguns** se endureceram e não creram. Entretanto, esse punhado tinha tal influência sobre a **multidão** que Paulo afastou-se da sinagoga e passou a usar uma escola ou sala de conferência pertencente a um certo **Tirano**. Um texto diz que Paulo ensinava das 11 da manhã até às 16 horas, quando os negócios costumavam ser interrompidos. Ele cuidava dos seus negócios de manhã e pregava o Evangelho durante o calor do dia. **O Caminho.** Uma frase técnica para indicar o Cristianismo na igreja primitiva.

10. Durante esses **dois anos** Éfeso foi o centro da evangelização de toda aquela área, e a partir dali foram organizadas igrejas em Colossos, Laodicéia e Hierápolis (Cl. 2:1; 4:13). Provavelmente as outras igrejas mencionadas em Ap. 2:3 surgiram nessa ocasião.

12. Os **lenços e aventais** eram artigos de roupa que Paulo usava na sua indústria.

13. Lucas cita uma ilustração para mostrar a eficiência do ministério de Paulo em Éfeso. **Judeus, exorcistas ambulantes** eram comuns no mundo antigo. Na antiguidade, o nome de uma pessoa ou divindade era considerado possuidor de poder especial que podia controlar a pessoa em questão se o nome fosse usado da maneira certa. Esses exorcistas judeus testemunhando os milagres realizados por Paulo em nome de Jesus, tentaram usar o nome na prática de suas mágicas.

14-16. Não se sabe nada de nenhum **sumo sacerdote** chamado **Ceva**. Pode ser que esses sete judeus reivindicassem falsamente pertencer ao sacerdócio e Lucas talvez apenas registre essa reivindicação. Tal reivindicação poderia ser verdadeira, pois os sacerdotes certamente saberiam como usar o nome divino de maneira

mais eficiente. O nome de Jesus não pôde ser usado magicamente e o demônio denunciou que esses judeus não tinham o direito de usá-lo.

18, 19. O destino dos sete judeus provocou a conversão de muitos outros mágicos. **Confessando... publicamente as suas próprias obras** significa que eles abandonaram a magia, pois cria-se que os segredos da magia perdiam seu potencial quando eram publicamente divulgados. Outros feiticeiros trouxeram seus rolos contendo frases e fórmulas cabalísticas e os queimaram publicamente. Uma porção de tais papiros mágicos foram descobertos. Os volumes queimados em Éfeso valiam dez mil dólares pelo menos.

21. A seguir Lucas fala do propósito de Paulo no seu futuro ministério. **Resolveu** no espírito pode se referir ao espírito de Paulo ou à liderança do Espírito Santo. O apóstolo planejava tornar a visitar as igrejas da **Macedônia e Acaia** para angariar dinheiro para os santos necessitados de **Jerusalém** (II Co. 8:9; Rm. 15:25 e segs.). Depois de levar essa coleta a Jerusalém, teve a intenção de visitar **Roma**. Não planejava ocupar-se em um ministério mais extenso ali, mas queria visitar os cristãos romanos no seu caminho para a Espanha (Rm. 15:24, 28). Era de sua política pregar o Evartgelho onde ainda não fora ouvido, e não edificar sobre fundamento alheio (Rm. 15:20).

22. Paulo enviou **Timóteo e Erasto, dois dos seus companheiros,** a Macedônia, para que fossem a sua frente, pretendendo segui-los dentro de pouco tempo. Lucas não menciona Timóteo no período de tempo que decorreu entre o encontro com Paulo em Corinto (18:5) e este acontecimento; mas ele esteve com o apóstolo em. Éfeso. Lucas também não registra os acontecimentos relacionados com Paulo e a igreja de Corinto enquanto o missionário esteve em Éfeso. Paulo enviara antes Timóteo a Corinto para resolver certos problemas na igreja (I Co. 4:17; 16:10, 11). Além disso, o missionário mais velho também fizera uma visita apressada conforme registrado em II Co. 12:14; 13:1.

23. A decisão de Paulo de deixar Éfeso foi apressada pelo tumulto criado por causa do Caminho. Éfeso era a sede da adoração da grande

deusa **Diana** (*Ártemis*, o equivalente grego). Drama não era a deusa grega tradicional que leva esse nome, mas a antiga deusa-mãe da Ásia Menor, comumente conhecida por Cibele. O templo de Diana, cujos alicerces foram descobertos, era uma das sete maravilhas do mundo antigo.

24-27. Um negócio lucrativo era dirigido por uma sociedade de ourives que faziam e vendiam miniaturas de nichos de prata contendo imagens da deusa. O ministério de Paulo foi tão eficaz que a venda dos nichos começou a diminuir. Por isso **Demétrio** convocou uma reunião dos sócios e fez-lhes ver que o comércio dos ourives estava em perigo de cair **em descrédito** e que se os evangelistas não fossem impedidos, a própria deusa Diana teria **destruída a sua majestade**. Ela seria deposta *da sua magnificência*. Diana era adorada, ao que se sabe, em pelo menos trinta e três lugares do mundo antigo.

28-30. O espírito chicaneiro dos ourives propagou-se como uma epidemia espalhando-se por toda a cidade dando lugar a uma demonstração pública no teatro ao ar livre. As ruínas deste teatro já foram descobertas; podia conter mais de vinte mil pessoas. Uma vez que Paulo não estava por ali no momento, a multidão agarrou dois companheiros seus; e quando o apóstolo se propunha a sair para enfrentar a multidão, outros discípulos não deixaram que fosse.

31. Asiarcas. Autoridades provincianas que supervisionavam e promoviam o culto da adoração de Roma e do imperador. Só uma pessoa ocupava o cargo de cada vez, mas o título era mantido em qualidade honorária pelos antigos oficiais. Paulo tinha alguns amigos entre esses **asiarcas**, (*principais da Ásia* não é uma boa tradução) que lhe pediam **que não se arriscasse indo ao teatro**.

32. Enquanto isso, lá dentro do teatro reinava completa confusão, de modo que a maioria das pessoas nem sabia o motivo da reunião.

33, 34. Alguns dos **judeus** da multidão sentiram que estavam em perigo de serem acusados pelo tumulto. Por isso impeliram um homem

chamado **Alexandre** a falar e esclarecer que não tinham culpa de nada. Mas o seu porta-voz foi silenciado e o caos prevaleceu.

35. Finalmente a ordem foi restaurada pelo **escrivão da cidade**, a autoridade executiva da assembléia da cidade. Na qualidade de oficial de ligação entre Éfeso e o governador romano, era responsável por esse ajuntamento tumultuoso.

Tendo apaziguado o povo, fê-lo lembrar-se de que Éfeso não estava em perigo de ser aviltada, pois era famosa em todo o mundo como a **guardiã do templo** de Diana.

A **imagem que caiu de Júpiter** é a tradução de uma só palavra grega significando literalmente **do céu**, e provavelmente se refere a um meteorito no qual os adoradores de Diana achavam ter encontrado uma semelhança com a deusa e o qual adoravam no templo.

37, 38. Esses homens, disse ele, não são de **sacrílegos** (a palavra literalmente é *roubadores de templos*) nem blasfemam. Além disso, havia dias regularmente estipulados para se fazer justiça e havia procônsules que eram designados para resolverem esses assuntos, Os ourives deviam fazer acusações uns contra os outros através desses canais regulares.

39. Outros assuntos deviam ser resolvidos em **assembléia regular**, não em ajuntamentos irregulares. **Assembléia** é a palavra usada para o grego *ekklésia*, que indica o regular ajuntamento dos cidadãos gregos.

40, 41. Os ourives temiam o fracasso do seu negócio. O escrivão da cidade fez ver que o verdadeiro perigo estava na possibilidade de serem acusados de **sedição**, pelos romanos, uma vez que não havia justificativa para aquele ajuntamento confuso. As palavras aquietaram a população e dispersaram a assembléia.

Atos 20

20:1. O propósito de Paulo de tomar a visitar a **Macedônia** e Acaia foi declarado em 19:21 realizou-se agora. A partida dos apóstolos em Éfeso foi comentada em II Coríntios. Quando ele chegou em Troas, uma

grande oportunidade de pregar o Evangelho apresentou-se-lhe, mas sua preocupação com os problemas na igreja em Corinto não lhe deu liberdade de espírito para aproveitá-la. Antes disso Paulo enviou Tito a Corinto para resolver sérios problemas entre os crentes de lá, e ele esperava encontrar o seu companheiro de trabalho em Troas. Não tendo Tito aparecido conforme o combinado, Paulo ficou preocupado e, por isso, ele partiu de Troas e dirigiu-se para a Macedônia ao encontro do seu ajudante (II Co. 2:12,13). Quando Tito finalmente veio de Corinto, trouxe as boas novas 4a melhora de condições na igreja (II Co. 7:5-16). Nessa ocasião Paulo escreveu uma segunda carta a Corinto, enviando-a, antes que ele mesmo fosse, através de Tito e um outro irmão (II Co. 8:17-19).

2, 3. Lucas passa por crina de todas essas atividades sem uma palavra. Depois de visitar as igrejas da Macedônia, Paulo chegou a Grécia, ou Acaia, e lá ficou três meses, provavelmente em Corinto. Durante esse tempo ele escreveu a Epístola aos Romanos, informando os crentes de Roma do seu propósito de visitar Jerusalém e depois Roma (Rm. 15:22-29). Lucas deixa de mencionar um dos motivos principais dessa última viagem de Paulo a Jerusalém: a entrega de uma generosa coleta que os santos da Macedônia e Acaia fizeram para ajudar os pobres (Rm. 15:25-27; II Co. 8:9). Quando Paulo ia tomar o navio de Corinto para a Síria, ficou sabendo que os judeus tinham planejado **conspiração** para matá-lo durante a viagem. Mudou de planos e, viajando por terra através da Macedônia, voltou por onde viera.

4. À Ásia é de um texto inferior; os companheiros de Paulo viajaram com ele a Jerusalém. O grupo consistia de oficiais representando as diversas igrejas que enviavam o dinheiro aos santos em Jerusalém.

5. Aqui começa a segunda parte com o pronome "nós" que vai até 20:15 e continua em 21:1. Lucas fora deixado em Filipos na segunda viagem de Paulo (16:16). Agora reuniu-se novamente ao apóstolo em

Filipos e foi com ele até Jerusalém. O restante do grupo prosseguiu e encontrou-se com Paulo em Troas.

6. O apóstolo permaneceu algum tempo em Filipos para comemorar a semana **dos pães asmos** e depois navegou com Lucas até **Trôade** onde se juntaram ao restante do grupo.

7. Os missionários reuniram-se com os crentes em Trôade **no primeiro dia da semana** para pregar e celebrar a Ceia do Senhor. Esta é a primeira referência clara à prática cristã de se guardar o domingo como dia de adoração. Os primeiros cristãos, como judeus que eram, provavelmente continuaram guardando o sábado, como também o primeiro dia da semana. Não fomos informados quando ou como a prática da guarda do domingo foi introduzida na igreja.

8, 9. A reunião foi realizada em um cenáculo **no terceiro andar.** A iluminação era fornecida por muitas **lâmpadas** fumacentas, que tornavam o ar abafado e enfumaçado.

11. Partiu o pão refere-se ao partir do pão na Ceia do Senhor. **Comeu** refere-se ao *ágape* ou festa do amor, uma refeição fraternal que acompanhava a Ceia do Senhor.

13-15. Lucas e os demais membros do grupo tomaram então um navio de Trôade e rodearam uma elevação de terra indo a **Assôs**, enquanto Paulo viajou **por terra.** O apóstolo embarcou com os demais em Assôs e navegaram para **Mitilene**, a cidade principal da ilha de Lesbos. De Mitilene, navegaram entre o continente e as finas de **Quios** e **Samos** até **Mileto**.

16, 17. Querendo Paulo passar o **Pentecoste em Jerusalém** tomou um navio em Trôade, parando em Mileto, mas não foi a Éfeso. Não quis visitar Éfeso naquela ocasião, pois não tinha tempo para se envolver com os problemas e a vida da igreja de lá. Mas, uma vez que o seu navio ia ficar em Mileto por diversos dias, houve tempo para enviar a Éfeso um recado a rum de que os presbíteros da igreja viessem ter com ele rapidamente.

18-35. O sermão de Paulo aos **presbíteros** de Éfeso é grandemente significativo porque reflete a simplicidade da organização da igreja primitiva. Lucas chama os líderes de Éfeso de *anciãos* ou **presbíteros** (v. 17), enquanto Paulo os chama de **bispos** v. 28). Esta palavra é *episcopoi*, traduzido para "bispos" (Fl. 1:1; I Tm. 3:1, 2; Tt. 1:7). **Presbítero** tem antecedentes judeus, enquanto **bispo** tem antecedentes gregos. Está claro que os dois tenros designam o mesmo cargo de presbítero-bispo. Só muito tempo depois o bispo se tornou um líder distinto dos presbíteros. Paulo resumiu o seu ministério em Éfeso falando de **testemunhar o evangelho da graça de Deus** (v. 24), pregando o reino (v. 25), duas frases que aqui são sinônimas e intercambiáveis. Normalmente, no livro de Atos, o reino de Deus se refere ao escatológico reino da salvação (14:22). Mas nesta passagem, o reino é o resumo de toda a mensagem de Paulo em Éfeso e se refere às bênçãos presentes da redenção em Cristo.

22. Paulo ia a Jerusalém sob compulsão divina. Está correto traduzir **constrangido eu pelo Espírito,** que se refere apenas à íntima compulsão de Paulo.

23. O Espírito Santo revelara a Paulo, provavelmente pelo pronunciamento de profetas (veja 21:1-14), que **cadeias** e tribulações estavam por vir.

28. Este versículo apresenta um difícil problema textual. O melhor dos textos e o mais natural é o que fala da **igreja de Deus, que ele comprou com o seu próprio sangue.** Neste contexto, entretanto, **Deus** refere-se ao **Pai**, e em nenhum lugar das Escrituras encontramos menção do sangue de Deus. Portanto, importantes textos antigos dão *a igreja do Senhor*. Isto, entretanto, é decididamente uma versão inferior; **a igreja de Deus** deve ser preferida. É possível traduzir assim, **a qual ele comprou com o sangue do Seu Próprio**, (veja Bruce, *Commentary*).

29, 30. Paulo predisse que a igreja dos efésios teria dificuldades oriundas de duas fontes: **lobos vorazes** que entrariam na igreja vindos de fora, e falsos mestres que se levantariam no meio dela para desviar da fé

os discípulos. O desenvolvimento da heresia em Éfeso reflete-se em I Tm. 1:3-7.

33-35. Paulo lembrou os efésios do seu costume de fazer tendas, não apenas para o seu próprio sustento, mas também para atender às necessidades dos outros que estavam com ele. Citou palavras do Senhor que não se encontram em nenhum dos nossos Evangelhos, referentes à bênção da contribuição. Poucos pronunciamentos autênticos de Cristo sobreviveram fora dos nossos Evangelhos. O principal objetivo da contribuição na igreja primitiva era suprir as necessidades dos irmãos pobres mais do que sustentar a pregação do Evangelho, como é o caso hoje em dia.

36-38. A expectativa dos anciãos efésios de que **não veriam mais o seu rosto** não precisa ser compreendida como profecia rígida e inflexível de que Paulo não visitaria mais Éfeso. As Epístolas Pastorais indicam um ministério posterior à sua prisão em Roma. Entretanto, ela reflete, como em 20:22, 24, a expectativa de que serias dificuldades e uma possível morte estavam diante de Paulo.

Atos 21

21:1, 2. Paulo e seu grupo retomaram a sua viagem por barco, navegando entre as ilhas e o continente. **Cós** e **Rodes**. Duas ilhas onde passaram a noite ancorados. Rodes era também o nome de uma cidade localizada na ilha do mesmo nome. Em **Pátara**, uma cidade no continente, encontraram um navio que partiria diretamente para Fenícia, deixando a ilha de Chipre à sua esquerda. Ao que parece condições favoráveis permitiram que fizessem uma viagem rápida, pois desse ponto em diante, Paulo já não aparentou mais estar com pressa de alcançar Jerusalém até o Pentecoste.

3-6. Quando desembarcaram em Tiro, Paulo teve alguns dias de lazer, pois eram precisos sete dias para o navio **ser descarregado.** Discípulos vieram à Fenícia em resultado da perseguição após a morte de Estêvão (11:19), e agora Paulo os achou ali. Nesta igreja havia profetas

que revelaram **pelo Espírito** que Paulo enfrentaria sérios perigos em Jerusalém. Por isso tentaram dissuadi-lo do seu propósito. Entretanto, quando Paulo insistiu, toda a igreja o acompanhou até o navio, e depois de orarem na praia, o evangelista e o seu grupo embarcaram.

7. Prosseguindo viagem, eles navegaram a **Ptolemaida**, o porto sul da Fenícia, onde Paulo passou um dia com os crentes daquela cidade.

8. Chegando a **Cesaréia**, o apóstolo foi hospedado por **Filipe**, que era evangelista de renome. Filipe, um dos sete escolhidos para supervisionar o ministério junto às viúvas na igreja primitiva (6:3 e segs), evangelizara a Samaria (8:5 e segs.), o eunuco etíope (8:26 e segs.), e a planície costeira (8:40). Pela última vez aparece em Cesaréia (8:40) e ao que parece estabeleceu-se permanentemente naquela cidade. Ele é chamado de **Filipe, o evangelista,** para distingui-lo de Filipe, o apóstolo.

9. As **quatro filhas de Filipe** tinham recebido o dom da profecia. O fato de que eram **donzelas** (solteiras) é apenas um detalhe interessante e não encerra necessariamente algum significado religioso.

10, 11. Paulo, já não tendo mais pressa em chegar a Jerusalém, passou diversos dias com Filipe. **Ágabo**, um profeta de Jerusalém (11:27, 28) seguindo o exemplo dos profetas do V.T., dramatizou simbolicamente o destino que via para o apóstolo em Jerusalém, e predisse que ele seria entregue **nas mãos dos gentios.**

12, 13. Novamente os crentes tentaram dissuadir Paulo de ir a Jerusalém. Ele replicou que não lhe era importante viver ou morrer, mas que suas lágrimas o ameaçavam de "amolecer sua vontade" (F. F. Bruce).

14. Então os amigos de Paulo acederam à vontade do Senhor. Não temos motivos para pensar que Paulo foi a Jerusalém violando à vontade de Deus. Devemos entender as diversas predições proféticas não como proibições do Espírito Santo mas como advertências do que estava por acontecer. Em resultado dessas profecias, os amigos de Paulo tentaram dissuadi-lo de arriscar a vida; mas o apóstolo continuou firme na

realização dos seus propósitos e no cumprimento da vontade de Deus apesar dos perigos pessoais.

16. O grego neste versículo está um tanto obscuro e poderia ser traduzido para *levando-nos à casa de Mnasom . . . com quem nos deveríamos hospedar*; ou **trazendo consigo Mnasom ... com quem nos deveríamos hospedar.** Se a primeira forma é a correta, Mnasom morava algures entre Cesaréia e Jerusalém (uma viagem de 104 quilômetros) e lá o grupo passou a noite. Entretanto é igualmente possível que Mnasom, um discípulo dos primeiros dias (**velho discípulo** não se refere a sua idade), mas um judeu helenista, possuísse uma casa em Jerusalém, onde planejava hospedar Paulo e o seu grupo. Paulo estava acompanhado de cristãos gentios, e não se sabia como esses gentios seriam recebidos pelos cristãos judeus em Jerusalém. O alojamento fornecido por Mnasom prometia evitar tensões que pudessem surgir por causa da associação entre crentes judeus e gentios.

V. Expansão da Igreja para Roma. 21:18 - 28:31.

Lucas narrou a expansão da igreja desde Jerusalém, através da Judéia e Samaria, até que uma igreja gentia semi-independente fosse organizada em Antioquia. De Antioquia o Evangelho foi levado por Paulo, em três viagens missionárias, pela Ásia e Europa. Trabalho evangelístico e missionário foi sem dúvida efetuado durante esse tempo pelos outros apóstolos. Não temos, por exemplo, nenhum registro da evangelização do Egito, com Alexandria, seu grande centro. Lucas estava apenas preocupado em traçar as linhas principais do que ele considerava a mais significativa linha da expansão - na direção de Roma. Ali está apenas a necessidade de registrar a missão de Paulo em levar o Evangelho à Roma.

É evidente que não foi propósito de Lucas registrar o início da evangelização de Roma nem os primórdios da igreja de lá, pois ele conta como os irmãos cristãos deram a Paulo as boas-vindas quando chegou à

capital (28:15). Sabemos que Paulo escreveu uma carta à igreja de Roma (Rm. 1:7), mas Lucas não nos dá nenhum registro de como o Evangelho originalmente chegou à Cidade Imperial.

Uma vez que o propósito de Lucas não foi descrever o início da evangelização de Roma, possivelmente foi mostrar que, embora Paulo primeiramente pregasse o reino de Deus aos judeus, voltou-se para os gentios quando os judeus rejeitaram sua mensagem (28: 24-31). A expansão geográfica da igreja não era o interesse principal de Lucas; era antes o movimento da história redentora dos judeus aos gentios. Mantendo esse propósito, Lucas dedica espaço considerável ao registro da última visita de Paulo a Jerusalém, não porque a visita fosse importante em si mesma, mas porque provou a final rejeição do Evangelho da parte de Jerusalém.

A. A Rejeição do Evangelho da parte de Jerusalém. 21:18 – 26:32.

18, 19. Em Jerusalém, Paulo foi recebido por Tiago, o irmão do Senhor, que era agora líder da igreja de Jerusalém (15:13) e pelos **presbíteros**. Ao que parece nenhum dos apóstolos estava em Jerusalém nessa ocasião. Paulo foi cordialmente recebido pelos líderes da igreja, aos quais deu um relatório do sucesso do Evangelho entre os gentios. Ele fez uma declaração no sentido dos crentes gentios serem familiarizados com a vida cristã, com base na fé somente, sem a guarda da lei judia. Os líderes da igreja de Jerusalém aprovaram este procedimento de todo o coração.

20, 21. Embora os líderes da igreja de Jerusalém ficassem deleitados com o relatório de Paulo, tiveram uma palavra de advertência para ele. Disseram-lhe que havia milhares de **judeus** crentes que mesmo sendo cristãos continuavam **zelosos da lei** de Moisés, e que esses foram informados que Paulo não só pregava o evangelho da graça aos gentios inteiramente à parte da Lei, mas também ensinava os judeus da dispersão a se **apartarem de Moisés** e a negligenciarem o costume de **circuncidar** e a observância dos costumes do V.T. Isto significava que Paulo insistia

que os judeus abandonassem o Judaísmo e deixassem de ser judeus, isto é, que se tornassem gentios.

22-24. Tiago e os anciãos de Jerusalém compreenderam que esse boato não era verdadeiro e que Paulo permitia que os crentes judeus, na qualidade de judeus, continuassem na Lei. Mas eles sentiam que algo tinha de ser feito para mostrar aos cristãos judeus que esse boato era falso. *É necessário que a multidão se ajunte* não está nos melhores textos. Sugeriram que Paulo se submetesse à Lei para provar aos judeus que ele não advogava a abolição da Lei para os cristãos judeus. Havia **quatro** judeus que tinham feito voto de nazireu. Isto costumava durar trinta dias, mas eles haviam incorrido em alguma violação, o que os deixava em condições de impureza cerimonial por **sete dias** (v. 27). No final desse período, eles rapariam suas cabeças e ofereceriam certos sacrifícios de purificação a Deus. Os anciãos sugeriram a Paulo que ele se identificasse com esses quatro e praticasse o costume judeu de pagar-lhes as despesas dos sacrifícios. Com isto provada à igreja judia que Paulo mesmo aceitava os costumes judeus.

25. Tiago assegurou a Paulo que isto não significada uma alteração na decisão tomada no concilio de Jerusalém, que os gentios deviam ficar livres da Lei, mas que deviam apenas se abster de certas coisas que ofenderiam de modo particular seus irmãos cristãos judeus.

26. Paulo aceitou o conselho dos anciãos e durante diversos dias sucessivos (o verbo está no tempo imperfeito) foi ao templo com os quatro judeus para oferecer sacrifício de purificação para cada um deles. Não há nenhuma inconsistência fundamental entre o desejo de Paulo, na qualidade de judeu, de observar a Lei e sua insistência inflexível em que os crentes gentios não fossem colocados debaixo da Lei, uma vez que estavam sob a graça. Como nova criatura em Cristo Jesus, nem a circuncisão ou incircuncisão tinham qualquer importância vital para Paulo (Gl. 6:15). O Evangelista considerava tais práticas religiosas com indiferença, pois o mundo fora crucificado para ele e ele para o mundo (Gl. 6:14). Ele mesmo dizia que se um homem fosse convertido como

judeu, devia permanecer judeu (I Co. 7:18) pois a circuncisão em si mesma nada significa, os cristãos judeus deviam guardar a Lei como judeus, não como cristãos. Mas quando esforços foram feitos para se impor a Lei aos cristãos gentios como base para a salvação, Paulo objetou e insistiu na liberdade completa da Lei. Sem dúvida se os crentes judeus quisessem desistir da prática da Lei, Paulo não se lhes oporia. A posição de Paulo em deixar que a prudência determine os princípios em certos setores é uma questão tão delicada que muitos não o tem compreendido e o tem acusado sem necessidade de inconsistência radical.

27-29. Ao que parece o curso de ação de Paulo satisfez os cristãos judeus, mas despertou a inimizade de um grupo de **judeus** incrédulos **da Ásia** que foram a Jerusalém para adorar na festa do Pentecostes. Esses homens conheceram Paulo na Ásia, e o viram em Jerusalém na companhia de **Trófimo**, um convertido gentio de Éfeso. Quando viram o apóstolo no átrio de Israel, onde só judeus eram admitidos, pularam para a conclusão de que ele introduzira Trófimo com ele nas dependências do templo. O templo incluía um vasto pátio dos gentios no qual os que não eram judeus podiam entrar e sair livremente. Entre esse pátio externo e o átrio de Israel havia um parapeito baixo com inscrições advertindo os gentios a não se aventurarem no átrio de Israel sob ameaça de morte. Duas dessas inscrições foram encontradas. Os judeus da Ásia achavam que Paulo profanara o **recinto sagrado**.

30. Um espírito tumultuoso tomou conta da multidão rapidamente, e Paulo foi arrastado do átrio de Israel para o pátio dos gentios. Então **as portas** que separavam os dois pátios **foram fechadas** para evitar que o tumulto persistisse nos recintos sagrados.

31. A noroeste do setor do templo ficava a Torre de Antônia, que abrigava uma coorte de soldados romanos sob o comando de um tribuno militar. Esta torre tinha ligação com os átrios do templo através de dois lances de escadas pelas quais podia se chegar rapidamente ao templo em caso de problemas. Uma **força** consistia de mil homens. Uma vez que

Paulo ia ser morto pela população, o **comandante** da guarnição foi avisado de que havia um tumulto.

32. Tomando um grupo de pelo menos 200 homens com os respectivos **centuriões**, ele interveio justamente em tempo de salvar a vida de Paulo.

33. Apoderou-se de Paulo, tomando-o sob custódia protetora, e ordenou que fosse acorrentado a dois soldados por medida de segurança.

34. Quando o tribuno tentou determinar a causa do tumulto, os gritos da multidão eram tão contraditórios que não pôde descobrir o que tinha acontecido. Por isso ordenou que Paulo fosse levado pelas escadas até a **fortaleza**.

35. Mas quando alcançaram as **escadas** que da área do Templo davam para a Torre de Antônia, a população estava tão violenta que os soldados tiveram de levantar Paulo do chão e carregá-lo.

37. Quando chegavam à ponta da escada, Paulo surpreendeu o tribuno falando-lhe em grego.

38. Uns três anos antes disso um judeu egípcio incitara uma **sedição** levando quatro mil homens para o Monte das Oliveiras, prometendo que os muros da cidade seriam derrubados diante deles e que poderiam vencer a guarnição romana. Os partidários dessa revolta foram chamados sicários porque todos levavam uma faca (*sica*) escondida em suas roupas com a qual podiam assassinar os oponentes políticos. Esta revolta fora esmagada por Félix, o procurador romano, mas o egípcio escapara. Por algum motivo, o tribuno identificara seu prisioneiro com aquele judeu rebelde.

39, 40. Quando Paulo assegurou ao tribuno que ele, como judeu, tinha o direito de entrar no recinto do templo e que ele era um cidadão da importante cidade de Tarso, o oficial permitiu que tentasse aquietar a populaça. O apóstolo colocou-se no alto das escadas que davam para a corte dos gentios, enquanto os soldados ficaram abaixo dele nas escadas. Tendo conseguido captar a atenção da populaça, Paulo começou a lhes

falar no dialeto aramaico, que era a língua judia comum da Palestina e Ásia ocidental.

Atos 22

22:1, 2. Muitos judeus da Diáspora só falavam o grego; e por isso quando o apóstolo inesperadamente falou à multidão em seu próprio dialeto, ganhou sua atenção.

3. Paulo tentou ganhar a simpatia deles assegurando-lhes que ele entendia perfeitamente a fé judia. Embora tivesse nascido em Tarso, fora instruído em Jerusalém, aos pés de Gamaliel, que era um dos mais famosos rabis daquele tempo. Fora, assim, educado de acordo com a lei dos judeus e era **zeloso para com Deus** como eles mesmos.

4, 5. Tentou ainda ganhar a simpatia dos judeus fazendo a multidão lembrar que, como zelote da Lei, perseguira os seguidores **deste Caminho.** Fê-los lembrar que **o sumo sacerdote e todos os anciãos** (o Sinédrio Judeu) podiam confirmar seu testemunho, pois eles lhe deram cartas de extradição para os irmãos judeus em Damasco a fim de que os crentes judeus que fugiram para essa cidade fossem presos.

6-16. O apóstolo contou aos judeus o que o afastara do seu zelo pelas tradições judaicas (cons, narrativa anterior de sua conversão, Atos 9). Ele enfatizou que a comissão por ele recebida do Cristo ressurreto, que subira ao céu, viera a ele através de um crente judeu que era um **homem... piedoso conforme a lei,** e que tinha boa reputação entre os judeus em Damasco. Ananias lhe dissera que o Deus de nossos pais, isto é, o Deus de Israel, o escolhera para conhecer **a sua vontade** e ver o **Justo** (vaia 3:14; 7:52 com referência a este título), e para ser uma testemunha diante de todos os homens sobre tudo quanto experimentara. Ananias exortara Paulo a seguir a ser balizado em sinal de remoção de pecados, **invocando o nome dele.**

17-21. Paulo falou de uma confirmação desta chamada que lhe foi dada através de uma visão depois que retomou a Jerusalém (9:26). Uma vez que Paulo não estava preocupado em apresentar uma narrativa

completa de sua experiência, ele omitiu sobre os três anos passados na Arábia (cons. Gl. 1:17, 18). Ele contou um outro aspecto de sua experiência em Jerusalém que Lucas não registrou em sua narrativa precedente. Atos 9 diz que Paulo foi enviado de Jerusalém pelos irmãos para escapar à conspiração que tinha o rim de matá-lo (vs. 28-30). Aqui Paulo nos diz que ele deixou Jerusalém em resposta a uma palavra do Senhor. Enquanto orava no Templo como judeu fiel que era, Deus o advertiu em um transe que Jerusalém não receberia sua mensagem e que, portanto, **apressa-te e sai logo de Jerusalém.** Paulo protestou dizendo que o conhecimento que os judeus tinham de seu zelo anterior e da sinceridade na perseguição aos cristãos convenceria a todos da realidade de sua conversão. O Senhor replicou que ele devia partir de Jerusalém, pois seria enviado **para longe, aos gentios.** A palavra *martus* (v. 20), às vezes traduzida *mártir*, é realmente **testemunha**. Só aos poucos é que passou a designar a testemunha selada com o seu próprio sangue.

22, 23. A populaça ouviu-o até que mencionou os gentios. A palavra gentios acendeu a centelha da lenha da ira dos judeus, e começaram a gritar pedindo a morte do prisioneiro, **arrojando de si as mas capas, e atirando poeira para o ar em atitude de ira.**

24. O **comandante**, percebendo que da populaça não obteria informação correta, decidiu tentar extrair uma confissão de Paulo por meio da tortura. Embora o açoitamento fosse procedimento legal com os escravos, um homem livre não podia ser legalmente açoitado.

25. Quando estavam **amarrando** Paulo a fim de que fosse açoitado, ele perguntou se era lícito açoitar um cidadão romano que nem sequer fora julgado.

26-28. A cidadania romana podia ser obtida por nascimento quando os pais eram cidadãos romanos, ou como uma concessão do governo romano. Depois de ter sofrido aquele abuso, Paulo apresentava um espetáculo bastante triste; e talvez as palavras do tribuno implicassem em que tal pessoa devia ter obtido sua cidadania a custo muito baixo. Paulo replicou que ele não comprara a cidadania mas que nascera de pais

que já eram cidadãos, mas costuma-se supor que esta cidadania lhe foi dada como recompensa por algum serviço prestado a algum governador romano.

29. Depois destas palavras, os soldados que iam torturar Paulo imediatamente **se afastaram,** o comandante ficou receoso pois dera início a um procedimento ilegal contra um cidadão romano.

30. Decidiu que a atitude adequada a tomar seria pedir ao Sinédrio judeu que interrogasse o prisioneiro e determinasse se existia base adequada para um processo legal contra Paulo.

Atos 23

23:1. Paulo começou sua defesa diante do Sinédrio, proclamando que agira **diante de Deus com toda boa consciência,** não apenas nestes negócios em que estava sendo acusado mas durante toda a sua vida.

2. Ananias era o sumo sacerdote em 48-58 A.D. Ele era conhecido como um homem ganancioso, insolente e despótico. Enfurecido pela ousadia de Paulo, ordenou a alguém que estava perto do apóstolo **que lhe batesse na boca.**

3. Jesus também foi esbofeteado em seu julgamento (Jo. 18:22) e desafiara a propriedade desta atitude. Com indignantes palavras Paulo reclamou desse comportamento irregular da parte de um membro do Sinédrio, acusando os que proclamavam defender a Lei de na verdade eles mesmos violarem a Lei. **Parede branqueada** sugere uma parede instável cuja posição precária fosse disfarçada com generosa camada de cal (Bruce, *Commentary*). O significado é que, embora ocupasse alta posição, Ananias teria muitos desgostos. E realmente Ananias foi assassinado cerca de oito anos mais tarde.

4, 5. Quando Paulo foi repreendido por falar em tão fortes termos com o **sumo sacerdote de Deus,** desculpou-se, dizendo que **não sabia** que este homem é o **sumo sacerdote.** Nenhuma explicação foi dada quanto ao por quê Paulo não reconheceu o sumo sacerdote, o qual costumava dirigir as reuniões regulares do Sinédrio e portanto era

facilmente identificável. Possivelmente não era uma sessão regular do Sinédrio e o sumo sacerdote portanto não estava ocupando a sua posição costumeira nem usando suas roupas oficiais. Possivelmente Paulo não viu de quem viera a ordem para esbofeteá-lo. Alguns acham que suas palavras continham ironia e que Paulo quis dizer que não achava que um homem que agisse assim pudesse ser o sumo sacerdote.

6. Esta conduta arbitrária e ilegal do sumo sacerdote fez Paulo perceber que não poderia esperar um interrogatório justo do Sinédrio. Portanto ele recorreu a um estratagema para dividir seus oponentes. O Sinédrio era composto de **fariseus e saduceus**, que diferiam em importantes pontos de doutrina. Os fariseus, que desenvolveram uma elaborada tradição com base em todo o V.T., criam na ressurreição corporal e em uma elaborada hierarquia angélica e demoníaca no mundo espiritual. Os saduceus rejeitavam os últimos desenvolvimentos da teologia judia, negando tanto a doutrina da ressurreição quanto a angelologia e demonologia. Na qualidade de fariseu, Paulo cria na doutrina da ressurreição. Como cristão, o ensinamento da ressurreição tomou novo significado para ele porque estava inseparavelmente ligado à ressurreição de Jesus Cristo. Na mente de Paulo, o fato dos saduceus negarem a ressurreição tomava o Cristianismo completamente - impossível, "porque, se os mortos não ressuscitam, também Cristo não ressuscitou" (I Co. 15:16). Os cristãos primitivos encontraram sua primeira oposição nos saduceus quando proclamaram a doutrina da ressurreição dos mortos em Jesus (4:1, 2). Agora Paulo assegurava que ele era um fariseu, que a pergunta fundamental em jogo era da ressurreição dos mortos, e que era realmente por causa desta doutrina que ele estava sendo julgado.

9. Isto dividiu a assembléia. Os **escribas** isto é, os estudantes da Lei, que pertenciam ao partido **dos fariseus**, apoiavam Paulo chegando até a sugerir que as duas visões que ele experimentara perto de Damasco e em Jerusalém deviam ser visitações de **algum espírito ou anjo**. As palavras, *não resistamos a Deus* (ERC) só se encontra nos textos gregos

mais recentes e foram inseridas fazendo eco às palavras de Gamaliel em 5:39.

10. Podemos presumir que a oposição dos judeus ortodoxos partiu dos sacerdotes saduceus por causa da acusação feita contra Paulo de contaminar o Templo (21:28). Agora que Paulo obteve a simpatia dos fariseus, a ordem se transformou em caos, e o prisioneiro ficou em perigo de sofrer fisicamente dos elementos do Sinédrio que se lhe opunham. Por isso o tribuno romano ordenou que os soldados interviessem para levar Paulo à Torre de Antônia (**fortaleza**).

11. Estas experiências fizeram Paulo sentir que seus piores pressentimentos sobre os sofrimentos em Jerusalém (20:22-24) estavam para se cumprir. Nessa noite teve uma visão tranqüilizante na qual ficou sabendo que não seria morto em Jerusalém mas que, finalmente, chegaria a **Roma**.

12, 13. Os fanáticos oponentes de Paulo inventaram agora um outro meio de acabarem com ele. Um grupo de mais de quarenta **judeus** conspiraram e **juraram** que matariam Paulo ou jejuariam até morrer. A extensão de seu fanatismo pode ser entendido quando compreendemos que a execução dessa conspiração certamente resultaria na morte de muitos deles nas mãos da forte guarda romana que protegia Paulo. Esse risco, entretanto, não deteve esses fanáticos.

14, 15. A fim de obter a cooperação desses **principais sacerdotes e anciãos** que se opunham a Paulo, eles o informaram do plano. Os sacerdotes deviam convocar uma reunião do concilio, o qual pediria ao tribuno que trouxesse Paulo uma segunda vez diante do Sinédrio sob a pretensa alegação de que desejavam determinar os fatos do caso mais detalhadamente. Os judeus conspiradores ficariam de tocaia entre a Torre de Antônia e a Casa do Concilio para arrebatar Paulo à guarda romana, matando-o. Embora o plano tenha falhado, esses judeus sob juramento não chegaram a morrer de fome, pois a casuística dos escribas tinha meios de desobrigá-los de tais votos.

16. Quase nada sabemos sobre a família de Paulo. Geralmente se presume que as palavras do apóstolo Paulo em Fl. 3:8, onde diz que sofreu "a perda de todas estas coisas", significam que ao se tornar um cristão, sua família o tenha deserdado. Paulo nunca se referiu a nenhum membro de sua família. Sabemos, entretanto, que tinha um sobrinho, um **filho da irmã**, que de algum modo ficou sabendo sobre o plano **da trama**. Como obteve tal informação só podemos imaginar. Ele tinha, entretanto, tão bons sentimentos em relação a Paulo, que trouxe-lhe a advertência na Torre de Antônia. Imediatamente Paulo o enviou ao tribuno com a sua informação.

23, 24. O tribuno, percebendo que tinha em suas mãos uma situação explosiva, determinou resolver o problema enviando Paulo sob pesada guarda ao procurador romano tia capital de Cesaréia. **A hora terceira da noite** era entre as 21 e 22 horas. A palavra traduzida para *archeiro* (ERC) não foi encontrada em nenhuma outra obra, e o seu significado é incerto. Literalmente significa *segurando pela direita*. Era uma guarda muito forte, mas pouco usada, mas o tribuno não queria se arriscar a ter seu prisioneiro assassinado, sob sua responsabilidade.

25-30. Sua carta ao procurador **Félix** explica seus motivos para lhe enviar Paulo. Pela primeira vez temos o nome do tribuno, **Cláudio Lísias**. O **governador** ou procurador Félix recebe o tratamento de **excelentíssimo**; *Sua Excelência*. Era a forma normal para se tratar os membros da ordem dos cavaleiros romanos e também os governadores de certas províncias. É o mesmo título dado a Teófilo em Lc. 1:3. A explicação do tribuno faz parecer que ele reconheceu a Paulo como romano antes de livrá-lo dos judeus (v. 27). O versículo 28 sugere que o interrogatório diante do Sinédrio não foi um julgamento formal, mas uma investigação preliminar para determinar a natureza do caso. Lísias não faz referência, é claro, ao fato de quase ter açoitado Paulo.

31. Antipátride ficava cerca de cinqüenta e seis a sessenta e quatro quilômetros de Jerusalém. Uma marcha forçada levou Paulo e sua guarda reforçada até esse ponto pela manhã.

32, 33. Agora o perigo imediato de assassinato tinha passado, e os quatrocentos soldados da infantaria mais os archeiros retornaram a Jerusalém, enquanto os setenta cavaleiros acompanharam Paulo a distância que restava até Cesaréia.

34. Antônio Félix era o governador ou procurador da Judéia entre os anos 52 e 58 A.D. Nossas fontes históricas referem-se a ele como sendo um homem perverso. Tácito diz que "ele exercia suas funções de príncipe com todo o tipo de crueldade e luxúria e a mente de um escravo" (*Histories* 5:9). Seu período de governo na Palestina caracterizou-se pelo crescente espírito de insurreição, e ele governou com mão cruel e pesada. Em um caso como este, ele tinha de determinar a província de origem do prisioneiro, pois um homem acusado podia ser julgado em sua própria terra natal ou no país onde cometera o crime. Uma vez que a **Cilícia** era província romana, um governador romano podia proceder ao exame sem consultar nenhum príncipe nativo. Quando Jesus apareceu diante do procurador da Judéia, Pôncio Pilatos, o procurador, enviou-o a Herodes Antipas, que governava a Galiléia, da qual vinha Jesus. No caso de Paulo, não se achou necessário uma tal consulta externa.

35. Félix colocou Paulo sob custódia no **pretório de Herodes** (Gr. *praetorium*). Herodes, o Grande, fizera de Cesaréia a capital de toda a Palestina e edificara um palácio nesta cidade. Esta residência real fora tomada pelos governadores romanos e transformada em residência deles e sede das atividades administrativas.

Atos 24

24:1. Tértulo era um nome comum no mundo romano. Este Tértulo era um *advogado* (**orador**: porta-voz é demasiado sem graça) familiarizado com os procedimentos legais romanos, que forneceu conselho profissional a **Ananias** e os **anciãos**. Como representante dos seus clientes, **passou a acusá-lo** diante do governador.

2. O uso que Tértulo faz da primeira pessoa do plural em seu discurso pode indicar que talvez ele mesmo fosse um judeu ou simplesmente que estivesse se associando aos seus clientes. A expressão **nossa lei** se genuína, pode indicar que ele era de fato judeu. Tértulo começou o seu discurso com as costumeiras expressões de elogios ao governador. De acordo com os melhores textos, ele citou as **reformas** que Félix fizera em benefício dos judeus.

3. A palavra traduzida para **excelentíssimo Félix** é a mesma palavra usada em 23:26 e Lc. 1:3.

4. Clemência. Antes, *bondade, moderação,* ou *nobreza*. Na verdade, Félix era conhecido por sua ferocidade mais do que pela nobreza.

5, 6. Tértulo alegou uma acusação tripla contra Paulo: 1. Ele era uma peste, que criara dissensão entre os judeus através do mundo. 2. Ele era o cabeça da seita dos nazarenos. 3. Ele tentara profanar o templo. A palavra traduzida para **promove sedições** pode se referir simplesmente a dissensões entre os judeus, mas pode também encerrar uma acusação velada de que Paulo era um líder de movimentos judeus que eram sediciosos contra Roma. Neste caso, esta acusação era inteiramente sem fundamento, pois em todos os casos em que Paulo comparecera diante de governadores gentios, fora exonerado de qualquer tendência sediciosa.

Esta é a única passagem do N.T, onde os discípulos de Jesus são chamados de nazarenos. O termo continuou sendo uma designação dos cristãos na linguagem semita, e hoje em dia ele é usado no hebraico e árabe. **Seita** é palavra usada por Josefo para designar os diversos partidos dentro do Judaísmo, tais como os fariseus e saduceus. Os cristãos ainda não eram reconhecidos como um grupo separado, mas eram considerados como um partido dentro do Judaísmo. Tértulo moderou a primeira acusação (21:28) de que Paulo tivesse realmente profanado o Templo e alegou que ele simplesmente tentara fazê-lo. Real convicção de profanação do Templo teria fornecido a base necessária para a execução legal.

6b-8a. Estas palavras não àe encontram nos textos mais antigos, mas podem ser autênticas. Tértulo alegou que o Sinédrio judeu estava manejando o caso de Paulo de maneira perfeitamente legal, quando o tribuno romano, Lísias, sem justificação, interveio e tomou Paulo pela força em suas mãos. Esta é, certamente, uma séria distorção de fatos; mas Lísias não estava presente para apresentar o seu lado da história. 10. Paulo apresentou sua defesa com um muito modesto elogio a Félix, dando a entender que a experiência do governador em lidar com os judeus por tanto tempo daria ao acusado um julgamento honesto.

11-13. O apóstolo negou categoricamente a acusação de provocar dissensões.

14, 15. Ele admitiu que era um seguidor do **Caminho**, mas declarou que este era um genuíno cumprimento da fé do V.T, e se fundamentava na esperança da ressurreição. **Seita** traduzido para *heresia*, não designa nenhuma tendência "herética", mas um partido legítimo dentro do Judaísmo. Em nenhum lugar de suas epístolas Paulo afirma a **ressurreição tanto de justos como de injustos,** embora sua doutrina do juízo dos injustos pode indicá-la. Nas epístolas, Paulo, primeiramente, se preocupa com a ressurreição daqueles que estão em Cristo. Não há nenhuma necessidade de concluir que Paulo aqui estivesse sugerindo que a ressurreição de todos os homens acontecerá ao mesmo tempo. I Co. 15:23, 24 dá a entender que a ressurreição daqueles que estão em Cristo ocorrerá antes do "fim", quando acontecerá a ressurreição final.

17, 18. Esta é a única referência clara no livro de Atos ao propósito de Paulo de visitar Jerusalém, propósito este que ocupa tanto lugar em suas epístolas. O evangelista trouxera uma coleta das igrejas gentias para os cristãos pobres em Jerusalém.

19-21. Paulo declarou que não havia nenhuma prova de qualquer coisa errada que ele tivesse praticado e que a única verdadeira acusação contra ele era a doutrina relativa à ressurreição dos mortos. Este era um assunto no qual uma corte romana não se interessaria nem poderia julgar.

22, 23. Félix já tinha um certo conhecimento desta nova seita do Judaísmo chamada o **Caminho**. Talvez obtivesse essas informações de sua esposa Drusila (veja v. 24). Entretanto, as declarações de Tértulo e Paulo corporificavam testemunhos conflitantes, e por isso ele adiou a audiência até que Lísias, o tribuno romano, viesse a Cesaréia, quando prometeu tomar **inteiro conhecimento** do caso. Paulo foi posto sob custódia com considerável liberdade, tendo permissão de receber ajuda de seus amigos. Lucas não nos informa se Lísias foi ou não à Cesaréia e se a prometida audiência se realizou.

24. Drusila era a filha mais jovem de Herodes Agripa I (veja 12:1). Ela fora casada com o Rei de Emesa, um pequeno estado da Síria, mas Félix a persuadira a deixar seu primeiro marido para casar-se com ele. O governador queria saber mais sobre o Caminho, e por isso disse a Paulo que lhe falasse mais **a respeito da fé em Cristo.**

25. Paulo adaptou a sua mensagem à situação, enfatizando as implicações éticas do Caminho. Sua mensagem de **justiça, do domínio próprio e do juízo vindouro,** muito compreensivelmente, alarmou Félix, que dissolveu a audiência adiando-a para outra ocasião.

26. O governador compreendeu perfeitamente que não havia nenhum caso contra Paulo e que ele devia ser solto. Embora aceitar um suborno para soltar um prisioneiro fosse proibido pela lei romana, era prática comum e bastante consistente com o caráter de Félix. O procurador, portanto, reteve Paulo prisioneiro e conversava com ele freqüentemente esperando receber um suborno.

27. No fim de dois anos, o governador foi chamado de volta à Roma pelo imperador Nero sob a acusação feita pelos judeus de má administração. **Pórcio Festo** sucedeu-lhe como procurador da Judéia. Embora Félix soubesse que a justiça requeria a soltura de Paulo, deixou-o na prisão porque viu que assim agradaria aos judeus. Ainda que este encarceramento de dois anos deve ter sido muito penoso para Paulo, houve um fato atenuante, a permanência de Lucas na Palestina com o apóstolo todo esse tempo. É quase certo que Lucas aproveitou esse

tempo para colher informações sobre a vida e o ministério de Jesus e para comparar anotações sobre a vida da igreja primitiva, Esse material mais tarde apareceu no Evangelho de Lucas e no livro de Atos.

Atos 25

25:1. Festo foi um governador bem mais honrado e honesto do que Félix. Mas nessa ocasião a Palestina se transformara em um viveiro de agitações constantes, e ele morreu durante o seu mandato sem poder aquietar as perturbadas condições. Primeiro Festo foi à Cesaréia, a capital de sua província. Entretanto, uma vez que Jerusalém era a capital religiosa, achou aconselhável fazer logo uma visita àquela cidade para tentar estabelecer um bom relacionamento com os líderes de seus novos súditos.

2, 3. Os chefes judeus pensaram ver nessa visita uma oportunidade para pressionar um governador novo e inexperiente. Por isso **pedindo como favor:** que enviasse o prisioneiro Paulo a Jerusalém. Talvez os mesmos quarenta judeus que antes conspiraram para matar Paulo tornassem a planejar para fazê-lo a caminho de Jerusalém.

4, 5. Festo não viu motivos para lhes conceder esse favor. Pretendia logo retomar à Cesaréia, e convidou os que dentre vós estiverem habilitados, ou homens de capacidade a acompanharem-no em seu retomo para acusarem Paulo na capital.

6, 8. Uns dez dias mais tarde, quando a audiência se realizava em Cesaréia, os líderes judeus fizeram graves acusações contra o apóstolo para as quais, entretanto, não podiam apresentar provas tangíveis. Paulo negou categoricamente que tivesse cometido alguma ofensa contra a Lei, contra o Templo, ou contra César.

9. Como recém-chegado à Palestina, ainda não familiarizado com os negócios judeus., Festo não penetrou no ponto da questão (veja v. 20). As acusações e a defesa contradiziam-se categoricamente. Entretanto, as coisas andavam tão instáveis na Palestina, que lhe parece que devia tentar ganhar a boa vontade dos líderes judeus. Eles haviam

anteriormente insistido que Paulo fosse levado a Jerusalém para julgamento; por isso Festo sugeriu ao prisioneiro que o julgamento fosse transferido para Jerusalém, o cenário dos crimes alegados.

10. Paulo achou este plano completamente desarrazoado. Em Jerusalém tivera de ser libertado de uma conspiração contra a sua vida, e parecia-lhe ser completa insensatez arriscar-se novamente a tal perigo. Embora Paulo não estivesse condenado por crime algum, Festo parecia desejoso de conciliar os judeus às expensas do apóstolo, e Paulo sem dúvida temia o que podia vir a ser o final dessa rota de conciliação. Havia uma alternativa para fugir ao perigo no fato de ser um cidadão romano, isto é, apelar para César. Ele tinha confiança de que em Roma receberia julgamento justo; mas diante do inexperiente Festo, temia a influência dos judeus.

11. Este versículo sugere que verdadeiro perigo de morte aguardava Paulo em Jerusalém nas mãos dos judeus. O apóstolo declarou que estava pronto a sofrer a pena de morte se o julgassem culpado. A pena de morte, entretanto, tinha de ser imposta pela justiça romana; não podia ser imposta pelos judeus. Por isso Paulo apelou para César.

12. O Conselho. Não o Sinédrio judeu mas um círculo de conselheiros que acompanhavam Festo. Ao que parece apelar para César não funcionava automaticamente; mas Festo, com a ajuda do seu conselho, atendeu o pedido.

13. Antes que Paulo fosse mandado embora, Agripa, um rei nativo, veio à Cesaréia para cumprimentar Festo, novo governador romano. Herodes **Agripa** II era o filho do primeiro perseguidor da igreja (cap, 12). Quando Agripa I morreu, seu reino foi oferecido a seu filho mas sob o controle de governadores romanos. No ano 53 A.D., Agrupa II recebeu os antigos tetrarcados de Filipe e também Lisânias, uma pequena área ao norte da Palestina. Mais tarde, certas cidades da Galiléia e Peréia foram acrescentadas a este seu domínio. Além disso, foi-lhe confiada a importante função de supervisão do tesouro do templo em Jerusalém com a nomeação do sumo sacerdote. Isto lhe concedeu grande influência

nos negócios judeus, e os seus interesses assim coincidiram em parte com os de Festo. **Berenice**, irmã de Herodes, fora esposa de um tio, Herodes de Chalcis, seu marido morrera e agora morava com seu irmão em Cesaréia de Filipe.

14-21. Estando Agripa em Cesaréia, ocorreu a Festo que essa era uma admirável oportunidade de receber ajuda na formulação do relatório que devia enviar a César explicando o caso de Paulo e os motivos de seu apelo ao imperador. Agripa, que estava familiarizado com a religião judia, seria capaz de analisar exatamente a natureza do problema que Festo não conseguia entender. Por isso ele esboçou o caso, indicando que as acusações não pareciam envolver nenhum crime (v. 18) mas apenas algumas **questões** sobre pontos delicados da religião judaica (*superstição*) e sobre um tal Jesus que Paulo afirmava ter ressuscitado. A palavra traduzida para **investigar** (v. 20) tomou-se mais tarde um termo técnico legal. *Augusto* é uma tradução enganosa. A palavra, que é uma tradução do latim, Augustus, significa "o venerado" ou "o augusto"; era aplicado a todos os imperados romanos. Augusto foi o primeiro governador romano; nessa época o imperador era Nero. O termo moderno equivalente a Augusto seria "sua majestade".

23. Mais uma audiência, portanto, foi designada diante de Festo, Agripa, Berenice, e um conselho consistindo de **oficiais** superiores militares e **homens eminentes da cidade.**

24-27. Festo explicou o propósito dessa audiência. Ele não encontrava motivos porque ceder às exigências dos líderes judeus para condenar Paulo à morte; mas, uma vez que o prisioneiro apelara para o imperador, Festo tinha de escrever uma carta explicando o caráter das acusações que não entendia. **Soberano** (v. 26) aqui se refere ao imperador. Este título era usado nas províncias romanas da Ásia para designar os imperadores e tuba uma conotação divina. O imperador Calígula (A.D. 12- 41) era o primeiro a se intitular *Dominus*, e à prática mais tarde se tomou comum.

Atos 26

26:1. Quando Agripa concedeu a Paulo permissão de falar por si mesmo, o apóstolo, **estendendo a mão,** num gesto de saudação, **passou a defender-se.**

2, 3. Ele expressou sua satisfação em poder defender-se diante do Rei Agripa, porque o rei era versado nos costumes e problemas dos judeus. Embora Agripa recebesse o seu trono de Roma e era pró-Roma nas suas simpatias, também compreendia os judeus e tinha reputação na promoção dos interesses judeus até onde era possível. Por isso Paulo achou que poderia convencer Agripa que a sua mensagem não era mais que o cumprimento de sua fé hereditária judia. O apóstolo fez um esboço de sua educação, primeiro **entre o meu povo**, em Tarso, na Cilícia, e mais tarde em Jerusalém. Todos os judeus sabiam que Paulo fora educado **conforme a seita mais severo da nossa religião,** isto é, que ele era fariseu.

6-8. Uma das doutrinas centrais da fé dos fariseus era a da ressurreição. A promessa que Deus fizera aos pais estava ligada à esperança da ressurreição; e agora era exatamente por causa dessa esperança que os próprios fariseus alimentavam que Paulo estava sendo acusado pelos judeus. Qualquer um que conhecesse a promessa dada aos pais, disse Paulo, não lhe pareceria incrível que Deus ressuscita os mortos. A posição do *pelos judeus* (v. 7) é muito enfática, sugerindo que era uma coisa inteiramente inusitada que os judeus tendo a esperança da ressurreição, pudessem acusar Paulo por alimentar essa mesma esperança.

9-11. Paulo explicou como fora levado a associar sua fé em Jesus com a ressurreição. Ele nem sempre fora dessa convicção, pois antes estivera convencido que devia se opor ao nome de Jesus de Nazaré. Esta narrativa descreve mais detalhadamente que a anterior, a perseguição de pauto contra a igreja primitiva. O fato de alguns cristãos serem condenados à morte não é mencionado em nenhum outro lugar no livro de Atos. O método de Paulo era obrigá-los a **blasfemar** contra o nome

de Cristo e assim renunciar a sua fé. O tempo do verbo em grego indica que Paulo fracassou no seu intento.

Obrigando-os a blasfemar diz mais do que a verdade. Chamar Jesus de anátema significava renunciar a fé cristã.

12-14. Esta é a única das três narrativas da conversão de Paulo que contém as palavras, **Dura coisa te é recalcitrar contra os aguilhões. Dura coisa** significa "é doloroso" mais do que "é difícil". **Aguilhões**. Instrumentos usados para cutucar bestas de carga. Era um provérbio usado no grego e no latim mas não no hebraico ou aramaico daquele tempo. Provavelmente indica que Paulo não se sentira de todo à vontade com sua consciência no tocante à perseguição aos cristãos. Não devemos pensar que Paulo estivesse sob uma grande convicção de pecado, pois em outro lugar ele nos diz que perseguia a igreja por ignorância (I Tm. 1:13). Entretanto, lá no fundo de sua mente havia a importuna convicção de que Estêvão e os outros cristãos possivelmente estivessem com a razão; e agora o Senhor lhe mostrava que essa pressão era divina.

16-18. Diante de Herodes não havia necessidade de se referir a Ananias como antes (22:14), quando Paulo apelava a judeus ortodoxos. Por isso Paulo atribuiu sua chamada diretamente ao Senhor sem mencionar agentes humanos. Sua experiência o convencera de que Jesus, a quem perseguira, estava vivo, e que o enviara tanto a **este povo,** isto é, aos judeus,como aos **gentios**. Paulo colocou diante de Agripa a questão crucial: sua mensagem não era apenas para Israel mas também para os gentios; ambos tinham de ser iluminados, para que voltassem **das trevas para a luz e da potestade de Satanás para Deus.** Assim receberiam a **remissão de pecados** e uma herança **entre os que são santificados** pela fé em Cristo. Este versículo, que é o resumo da mensagem de Paulo, é muito parecido com Cl. 1:12-14.

19, 20. Estes versículos não têm a intenção de fornecer um esboço cronológico, mas simplesmente um resumo rudimentar de toda a carreira missionária de Paulo. Paulo pregou o arrependimento e a conversão primeiramente em Damasco, depois em Jerusalém, e então por toda a

Judéia e também aos gentios, como fora comissionado a fazer. Há um problema de harmonização desta declaração com Gl. 1:22, que diz que Paulo não era pessoal mente conhecido pelas igrejas de Cristo na Judéia. Possivelmente o texto certo seria, "em todas as terras, tanto a judeus como a gentios" (veja Bruce, *Commentary*, segundo Blass).

21. Festo não fora capaz de entender as razões básicas da animosidade dos judeus contra Paulo. Paulo explicou que ele estivera proclamando o cumprimento da promessa feita aos pais da inclusão dos gentios além dos judeus. Por esse motivo os judeus o agarraram no Templo e tentaram matá-lo. "Conhecendo os judeus como conhecia, talvez Agripa entendesse por que acalentavam tal animosidade contra um ex-rabino que oferecia aos crentes gentios os privilégios espirituais em pé de igualdade com o povo escolhido" (F. F. Bruce).

22, 23. Paulo concluiu insistindo que a sua mensagem não continha nada além daquilo que Moisés e os profetas já previram, isto é, **que o Cristo devia padecer** e que devia ser **o primeiro da ressurreição dentre os mortos** e que proclamaria a luz tanto a judeus como a gentios. Isto explica porque Paulo anteriormente colocara tal ênfase sobre a Ressurreição. A tradicional esperança judia da ressurreição tomara agora um novo rumo por causa da ressurreição de Cristo. A ressurreição do Messias não foi um acontecimento isolado, mas o começo da própria ressurreição. Cristo era "as primícias dos que dormem" (I Co. 15:20), "o primogênito dentre os mortos" (Col. 1:18).

24. Para o romano Festo, esta linha de pensamento não podia ser acompanhada por um homem de mente sã. Paulo era obviamente um homem de estudos extensos, mas devia estar louco para acolher tais idéias sobre a ressurreição dos mortos.

25-27. Paulo replicou que ele estava inteiramente lúcido e falava **palavras de verdade.** Depois apelou para o Rei Agripa para dar testemunho da sobriedade e sanidade do que acabara de dizer. Fez Agripa lembrar que a morte e ressurreição de Jesus não lhe eram **ocultas**, pois não aconteceram **em algum recanto** onde ninguém as pudesse ver.

Quando alguém confere esses acontecimentos com os profetas, deve-se convencer da lógica da posição de Paulo; e Paulo por isso apelou diretamente ao rei.

Acreditar... nos profetas?... Bem sei que acreditas. Este apelo colocou Agripa em um dilema desconfortável. Como representante de Roma e colega de Festa na administração do governo, não queda que Festo o achasse capaz de partilhar da insanidade de Paulo, e por isso teria sido desagradável concordar com Paulo admitindo que cria nos profetas. Por outro lado, negar que cria nos profetas prejudicaria seriamente sua influência com os judeus.

Agripa portanto desviou-se do apelo de Paulo, respondendo, **Por pouco me persuades a me fazer cristão!** A frase grega é muito difícil e foi literalmente traduzida.

Por pouco pode significar *em pouco tempo* ou *resumindo*. **A me fazer cristão** pode significar *tornar-se cristão* ou fazer-se passar por cristão. Agripa não estava a ponto de se tomar um cristão. Sua observação pode ser uma sarcástica defesa diante do apelo de Paulo: "Você acha que com tão pouco tempo poderá fazer de mim um cristão!" Entretanto, a tradução acima sugerida (de F.F. Bruce) faz Agripa repetir o apelo de Paulo, replicando que Paulo não o fará passar por cristão a fim de persuadir Festo sobre a correção da posição do prisioneiro.

29. Paulo tomou a sério o leviano comentário de Agripa e replicou solenemente, **por pouco ou por muito** (literalmente) ele desejaria que todos os homens que o ouvissem se tomassem cristãos como ele era - com a exceção das cadeias que estava usando por ser um cristão.

31-32. Quando Paulo terminou sua defesa, Festo, Agripa e Berenice, com seus conselheiros, retiraram-se para discutir o assunto. Era óbvio que Paulo não transgredira nenhuma lei e não merecia nem a morte nem a cadeia. Devia ser simplesmente libertado; mas já que apelara para César, o procedimento legal tinha de ser executado e o apelo tinha de ser cumprido até o fim. Supomos que Festo, coma ajuda de

Agripa, escreveu a carta ao imperador explicando as acusações dos judeus e recomendando a libertação de Paulo.

B. Recepção do Evangelho em Roma. 27:1 – 28:31.

Agora Lucas narra a viagem de Paulo da Palestina à Itália e sua recepção em Roma. O fato de Lucas contar em detalhes esta viagem prova como era importante para o seu propósito. O motivo da viagem, na narrativa de Lucas, não é a evangelização inicial da capital romana, mas a rejeição do Evangelho pelos judeus em Roma e sua aceitação pelos gentios. Isto leva ao clímax um dos motivos centrais de todo o livro - a rejeição de Israel e o surgimento da igreja gentia.

Atos 27

27:1, 2. A narrativa da viagem de Paulo começa com a terceira seção na primeira pessoa do plural. A última referência com o "nós" foi em 21:18, quando Paulo, na companhia de Lucas, chegou a Jerusalém; e devemos deduzir que durante os dois anos da prisão de Paulo, Lucas se encontrava no setor da Cesaréia. Agora Lucas acompanha Paulo com **Aristarco** de Tessalônica (veja 19:29; 20:4), que viera com o apóstolo de Tessalônica até Jerusalém. As autoridades romanas entregaram Paulo a um centurião chamado Júlio. O grupo chamado **Coorte Imperial** não tem sido identificado com muita certeza. O centurião era responsável pela segurança de Paulo e alguns outros prisioneiros. O ponto de embarque não foi mencionado, mas provavelmente foi Cesaréia. Aqui tomaram um navio costeiro **adramitino**, vindo de um porto da Mísia ao Sul de Trôade na Ásia Menor. O curso deste navio exigia que navegasse pela costa da Ásia a caminho de seu porto de origem.

3. A primeira escala foi Sidom da Fenícia. O centurião **Júlio** tratou Paulo com especial nobreza, dando-lhe liberdade de desembarcar enquanto o navio estava sendo descarregado e também de visitar seus amigos, que formavam a comunidade cristã daquela cidade, os quais cuidaram dele.

4. Uma vez que os ventos dominantes de verão vinham do oeste ou noroeste, o navio navegou entre **Chipre** e o continente e não diretamente dentro do vento.

5. Tornou-se necessário abandonar a costa e navegar através do mar aberto na direção do oeste ao longo da **Cicília** e **Panfília**. **Mirra** de Lícia era um porto de escala para grandes navios, especialmente navios que transportavam cereais, navegando entre o Egito e Roma, que não podiam navegar diretamente através do mar por causa dos ventos noroestes.

6. Em **Mirra** trocaram de navio, abandonando o navio costeiro e tomando um navio de transporte de cereais que navegava de **Alexandria** para a **Itália**. O Egito era a principal fonte de mantimentos de Roma, e o transporte de cereais entre Alexandria e Roma era um importante negócio realizado sob a supervisão do Estado.

7. A viagem de Mirra foi difícil por causa dos ventos noroestes. Mas após vários dias chegaram com dificuldade a Cnido sobre um promontório ao extremo sudoeste da Ásia Menor. Nesse ponto tiveram de esperar um vento mais favorável para prosseguirem diretamente para o oeste ou navegar a sudoeste para Creta.

Por causa do vento contrário, diz o escritor, escolheram a última alternativa e navegaram para o sudoestes dando volta a **Salmona** no extremo leste de Creta e depois costeando a ilha pelo oeste.

8. Depois de navegarem pela costa penosamente (*ultrapassando-a com dificuldade*) chegaram a um porto chamado Bons Portos a meio caminho da ilha.

9. A oeste de **Bons Portos,** a costa de Creta desvia-se abruptamente para o norte, de modo que a partir desse ponto um navio ficava completamente exposto aos ventos noroestes. Os barcos usados no mundo mediterrâneo da antiguidade não eram grandes nem suficientemente resistentes para enfrentarem as tempestades. A estação mais perigosa para a navegação começava em 14 de setembro e depois de 11 de novembro toda navegação cessava para o inverno. O **Jejum** ao

qual Lucas se refere era o Dia da Expiação, que caía no fim de setembro ou começo de outubro.

10, 11. Paulo, que era um experiente viajante (II Co. 11:25 diz que sofreu três naufrágios), advertiu do perigo de continuarem a viagem nessa ocasião para que não houvesse perdas de vidas e carga. Seu conselho não foi aceito pelo **mestre** da navegação e proprietário do navio. O **centurião** encarregado dos prisioneiros, sendo o mais alto oficial no navio, assumiu o comando do mesmo; ele aceitou o conselho do mestre e proprietário (cria) e não o de Paulo, decidindo não permanecer em Bons Portos.

12. Bons Portos não era um porto bom de se passar o inverno, pois era bastante exposto. Ao que parece buscou-se o conselho de todos no navio, e a maioria achou que devia navegar de Bons Portos **para ver se podiam chegar** ao porto de **Fenice**, que ficava mais a oeste de Creta, dando para o sudoeste e noroeste.

13. Deixando Bons Portos, foram favorecidos com um brando vento sul e puderam seguir ao longo da costa da ilha.

14. De repente, entretanto, o brando vento sul transformou-se em **um tufão de vento** que vinha do nordeste. Euro-aquilão, que significa "nordeste", é uma palavra híbrida, parte grega e parte latina.

15. Neste ponto já não se encontravam mais longe do seu destino que era Fenice; mas, sem poder resistir ao vento, **por causa da sua violência, tiveram de se lhe render e serem arrastados pelo mesmo.**

16. Chegando diante de uma pequena ilha chamada **Clauda** (outros manuscritos dão **Cauda**), acharam necessário içar para bordo o pequeno **batel** que era carregado de reboque atrás do navio. A esta altura o barquinho já estava tão cheio de água que foi içado com dificuldade.

17. Tomaram-se então medidas para cingir o navio. A natureza dessa operação não está clara, mas talvez consistisse em passar cordas sob o barco para protegê-lo. Agora o navio estava sendo levado na direção do sudoeste para Cirene. Na costa norte da África havia perigosas areias movediças em um local chamado **Sirte**, e já que os

marinheiros temiam que fossem levados pelo mar até essas águas rasas, **arriaram os aparelhos**. Isto pode significar que eles arriaram as velas, ou que lançaram âncora ao mar para diminuir a velocidade, ou que arriaram velas especiais para temporal. De qualquer forma, foram arrastados pelo vento.

18. No dia seguinte, a tempestade amainou, e tornou-se necessário **aliviarem o navio** (literalmente, *fizeram uma ejeção,* isto é, lançaram fora a carga).

19. Vendo que no dia seguinte a tempestade não se acalmou, jogaram ao mar a **armação do navio**.

20. Uma vez que os marinheiros dependiam inteiramente do sol e das estrelas para a navegação, já tinham abandonado qualquer esperança de salvação, pois não tinham idéia de onde estavam e para onde estavam sendo levados pela tempestade.

21-26. Já há muito tempo sem comer por causa do enjôo, da oscilação do convés e das provisões que estavam encharcadas. Finalmente Paulo ofereceu uma palavra de estímulo a qual ele prefaciou com o lembrete demasiadamente humano, "Eu não disse?" Ele informou a tripulação e os passageiros que um anjo de Deus lhe aparecera e lhe assegurara que escaparia deste perigo, para **que compareças perante César,** e que seus companheiros de viagem também seriam salvos.

27. Pessoas entendidas têm calculado que levaria exatamente quatorze dias para se percorrer à deriva a distância indicada na narrativa. **De um lado para outro.** Errando. Eles estavam derivando **no mar Adriático.** Ádria não se refere ao Mar Adriático mas é um terno comumente usado para designar todo o leste do Mediterrâneo. Algo levou os marinheiros a crerem que (lit.) **se aproximavam de alguma terra.** Talvez o som das ondas quebrando na praia ressoassem através da escuridão, advertindo-os de terra próxima.

28. As sondas indicavam que a água estava diminuindo de profundidade.

30. Alguns dos marinheiros decidiram fugir do navio para a praia usando um pequeno barco em lugar de se arriscarem a bater contra as rochas. Por isso, **a pretexto de que estavam para lançar âncoras da proa,** resolveram abandonar o navio.

31, 32. Paulo descobriu o plano e advertiu o **centurião** e os soldados que a segurança estava em permanecerem com o navio, o plano dos marinheiros foi frustrado quando os soldados cortaram as cordas que sustinham o barco e assim **o deixaram afastar-se.**

33-36. Ao despontar do dia, Paulo aconselhou a tripulação e os passageiros a interromperem seu jejum involuntário e comerem alguma coisa, para que se fortalecessem, assegurando-lhes que ninguém pereceria no desembarque que tinham à frente. Deu-lhes então o exemplo, dando graças e comendo uma refeição substanciosa. Todos se sentiram encorajados e seguiram o seu exemplo.

38. Depois que todos comeram o suficiente, jogaram o restante da carga de trigo ao mar para aliviar o navio, preparando-se para o desembarque.

39. Amanheceu e eles puderam ver a praia, mas não reconheceram o lugar. Perceberam que havia uma baía com uma praia, onde planejaram encanta o navio.

40. Por isso, **levantando as âncoras, deixaram-no ir ao mar** (esta é uma tradução bem mais provável). **Leme**. Dois grandes remos, um de cada lado do nado, que serviam de direção. Deviam estar fortemente amarrados durante a tempestade. Agora, estando livres, a **vela de proa** foi desfraldada ao vento (não *vela maior*), e o navio dirigiu-se para a praia.

41. Entretanto, os homens não alcançaram a praia, pois o navio encalhou sobre uma estreita faixa de terra submersa separada por dois braços de mar (o grego é *lugar de dois mares*). A proa do navio encalhou firmemente nesse baixio, mas a força das ondas contra a popa quebrava o navio em dois.

42, 43. Os soldados encarregados dos prisioneiros quiseram seguira tradicional disciplina romana, matando seus tutelados para não correrem o risco destes escaparem. Mas o centurião, que estava favoravelmente disposto para com Paulo e não queria vê-lo morto, proibiu que o fizessem. Antes, ordenou que todos alcançassem a praia nadando, flutuando sobre tábuas, ou carregados nas costas dos tripulantes (o grego é, *sobre alguns daqueles do navio*; **aqueles** pode ser tanto neutro como masculino). Todos alcançaram a terra em segurança.

Atos 28

28:1. Depois de alcançar a praia, descobriram que a ilha era chamada **Malta** (*Melita*), a cerca de cem milhas ao sul da Cilícia. **Malta** (palavra cananita que significa "refúgio") era habitada por um povo de ascendência fenícia.

2. Do ponto de vista romano e grego, qualquer pessoa que falasse uma língua estrangeira era um bárbaro. **Os bárbaro**s não é nenhuma referência a qualquer atitude selvagem ou cultura primitiva, mas simplesmente indica que a sua língua (fenícia) não era o grego nem o latim. Uma vez que chovia e fazia, frio, esses nativos **trataram com singular humanidade** acendendo um fogo para que os enregelados e ensopados viajantes pudessem se aquecer.

3. Uma grande fogueira para tão grande grupo precisava de constante fornecimento de lenha, e Paulo saiu à procura de madeira para alimentar as chamas. Em um feixe havia uma serpente venenosa, dura de frio; e, enquanto o apóstolo aquecia as suas mãos junto ao fogo, a **víbora**, reanimada pelo calor, fugiu das chamas e mero pilhou suas presas na mão de Paulo.

4. Os nativos interpretaram este acontecimento em termos de sua própria superstição. Concluíram que Paulo realmente devia ser um assassino; e, embora tivesse escapado à morte no mar, *Dike*, a deusa da justiça, elaborava-lhe um destino adequado.

5, 6. Quando Paulo sacudiu a mão, fazendo a serpente cair de volta no fogo, sem ele sofrer dano algum, os nativos chegaram à conclusão de que estavam completamente errados. Em lugar de vítima dos deuses, ele mesmo era um ser divino que não podia ser ferido pelos infortúnios comuns aos homens.

7. O principal da ilha. A autoridade governante. A palavra usada foi encontrada em duas inscrições como título conferido a uma autoridade da ilha. Não sabemos se esse **principal** era uma autoridade nativa ou um representante de Roma. Esse **Públio** tinha um patrimônio nas proximidades onde hospedou Paulo e seus companheiros por três dias, dedicando-lhes graciosa hospitalidade.

8. Disenteria e febre eram doenças comuns na ilha de Malta.

9, 10. Curaram em 28:9 é uma palavra com idéia diferente de curou em 28:8. Sugere não curas milagrosas mas tratamento médico, provavelmente nas mãos de Lucas, o médico. Os versículos 10 e 11 sugerem que este ministério médico durou por todos os três meses que eles ficaram em Malta, de modo que quando Paulo e Lucas deixaram a ilha, foram alvo de **muitas honrarias**, e seu navio foi carregado com tudo quanto necessitavam para o restante da viagem.

11. O naufrágio aconteceu na primeira metade de novembro. **Três meses** depois, nos meados de fevereiro, ainda podia ser considerado cedo demais para navegação segura, mas ao que parece a primavera chegara cedo. Encontraram um navio que ia da Alexandria para a Itália, o qual invernara na ilha. Os navios antigos levavam o nome das suas figuras de proa. Este navio tinha por figura ou **emblema** o **Dióscuros**, uma palavra que significa "filhos de Zeus", Castor e Pólux, que eram considerados os padroeiros dos navegantes.

12. Navegando diretamente para o norte, chegaram a **Siracusa**, a cidade mais importante da Cecília, localizada no lado sudeste da ilha.

13. De Siracusa, como os ventos não eram favoráveis, foi necessário ir **bordejando** de um lado para outro a fim de alcançar Régio no artelho da Itália. Aqui o grupo esperou um vento mais favorável e

quanto o vento sul começou a soprar no dia seguinte, facilmente alcançaram Potéoli, na baía de Nápoles, o porto regular de chegada para os navios que transportavam cereais da Alexandria.

14. Ao que parece Júlio, o centurião encarregado dos prisioneiros, tinha assuntos oficiais que o detiveram em Potéoli, e ele permitiu que Paulo aceitasse o convite dos irmãos cristãos da cidade para ficar com eles os sete dias. Permissão semelhante ele recebeu em Sidom (27:3).

15. A notícia da chegada de Paulo do alcançou Roma durante esses sete dias, e os irmãos cristãos desceram a Via Ápia para encontrar-se com Paulo e Lucas acompanhando-os de volta à cidade. A palavra traduzida para **vieram ao nosso encontro** é a mesma palavra usada para o "arrebatamento" dos crentes no encontro com o Senhor nos ares em sua segunda vinda (I Ts. 4:17). É um termo regularmente usado para as boas vindas oficiais prestadas por uma delegação que vai ao encontro de um visitante oficial e o acompanha à cidade. A **Praça de Ápio** fica cerca de sessenta e oito quilômetros de Roma, e as **Três Vendas** fica cerca de dezesseis quilômetros mais perto. Ambas eram pontos de parada da Via Ápia, com casas de pouso para os viajantes descansarem.

16. A declaração, *o centurião entregou os presos ao general dos exércitos* (ERC) só se encontra em alguns poucos dos textos mais antigos e provavelmente não é autêntica. Paulo não ficou preso em uma cadeia, mas ficou sob a guarda de um soldado que era responsável por ele, sob risco de vida, devendo apresentá-lo no devido tempo. Paulo foi acorrentado ao pulso do soldado (veja v. 20), mas tinha permissão de morar em sua própria casa e desfrutava de bastante liberdade. Esta é a última seção escrita na primeira pessoa do plural. Entretanto, uma vez que Lucas é mencionado na correspondência de Paulo escrita em Roma (Fm. 24; Cl. 4:14), está claro que ele permaneceu com o prisioneiro em Roma.

17-20. Havia um certo número de sinagogas judias em Roma, mas estando Paulo prisioneiro, ainda que desfrutando de certa liberdade, não lhe era fácil visitá-las. Por isso ele convocou os líderes dos judeus para

lhes expor o seu caso. Declarou que não violara nenhum dos costumes judeus e que era um homem inocente que fora entregue como prisioneiro nas mãos dos romanos. Apesar do fato dos romanos terem desejado libertá-lo, os judeus Se opuseram a essa decisão, e por isso Paulo sentira que sua única via de escape era apelar para César. Entretanto, Paulo não queria fazer nenhuma acusação contra os judeus por causa do tratamento que file fora dispensado. Ele era prisioneiro apenas **pela esperança de Israel**. Com isso queria dizer que a sua fé cristã era o verdadeiro cumprimento da esperança do povo de Deus.

21, 22. Os líderes judeus declararam que não receberam nenhuma carta nem emissários de Jerusalém acusando Paulo de alguma coisa. Mais ainda, deram a entender que não estavam familiarizados com **esta seita** à qual Paulo pertencia, mas tinham ouvido contar que era fortemente criticada em outros lugares. F.F. Bruce (*Commentary on Acts*) sugere, logicamente, que a esta altura os líderes judeus não estavam falando a verdade. Seda impossível não estarem familiarizados com a igreja cristã em Roma, uma vez que sabemos da carta de Paulo aos romanos que ali existia uma igreja vigorosa (veja também 18:2). Mais ainda, é muito improvável que os judeus romanos não tivessem recebido um aviso de Jerusalém, porque mantinha-se constante comunicação entre as duas cidades. Entretanto, ao que parece nada se fez contra Paulo, e os judeus, portanto, acharam mais sábio dissociar-se inteiramente do caso para evitar incorrer na ira do governo romano.

23. Algum tempo mais tarde, os judeus vieram novamente à casa de Paulo para ouvir as opiniões dele. A mensagem de Paulo consistia de testemunhar **o reino de Deus,** procurando **persuadi-los a respeito de Jesus.** As coisas referentes à pessoa de Jesus e ao reino de Deus são conceitos visivelmente sinônimos. Paulo incumbiu-se de lhes mostrar que as coisas sobre Jesus e o reino de Deus eram o verdadeiro cumprimento da lei de Moisés e dos profetas e que a fé ancestral de Israel encontrara cumprimento na fé cristã.

24-27. A reação dos líderes judeus em Roma, diante da mensagem de Paulo, foi a mesma de sempre. Alguns creram, mas a maioria rejeitou a sua mensagem. Vendo isto, Paulo citou Is. 6:9, 10, que descreve a estupidez e embotamento espiritual do povo de Deus. A situação angustiosa em que se encontra é desesperadora e não há possibilidade de se voltar para Deus a fim de ser curado.

28. O livro de Atos chega ao clímax com esta declaração: **A salvação de Deus foi enviada aos gentios. E eles a ouvirão.** Os últimos 8 capítulos do livro de Atos – mais da quarta parte do livro – são delicados ao registro das experiências de Paulo em Jerusalém e sua viagem à Roma. Surge a questão: Por que Lucas dedicou tanto espaço a esses acontecimentos quando sua narrativa anterior passou por alto de acontecimentos igualmente importantes com um sumário dos mais carentes? A resposta deve ser que um dos propósitos principais de Lucas era o de mostrar que exatamente como a nação judia rejeitou Jesus como o seu Messias e o colocou nu, ma cruz, assim também os líderes dos judeus, tanto em Jerusalém como em Roma, confirmaram seu caráter apóstata rejeitando a maior figura da igreja apostólica e o seu evangelho. Por outro lado, onde quer que Paulo fosse, ele foi recebido pelos gentios .devotos nas sinagogas e alcançou a proteção das autoridades romanas. A tônica do caráter empedernido de Israel e a receptividade dos gentios está resumida em Atos 28:25-28. Estas palavras permanecem como uma declaração formal do desgosto divino por causa da rebeldia de Israel. A partir daí o Evangelho encontrou acolhida entre os gentios. A rebeldia de Israel completara-se.

30, 31. O final do livro de Atos deixa o leitor atencioso com muitas perguntas sem resposta em sua mente. Paulo morou em Roma por dois anos completos, não em uma prisão mas com liberdade de manter **sua própria casa que alugara** sob a custódia de um soldado romano. Isto não lhe concedia uma liberdade completa de movimentos mas capacitou-o a receber em sua casa todos aqueles que desejavam conversar com ele e ouvir a sua mensagem. Novamente Lucas resume o ministério de Paulo

em Roma com as duas frases, **pregando o reino de Deus... ensinava as coisas referentes ao Senhor Jesus Cristo.** A conclusão óbvia é que as boas novas sobre o reino de Deus é um sinônimo das coisas pertencentes ao Senhor Jesus Cristo. Esta é a mesma mensagem que ele pregou aos líderes judeus quando vieram vê-lo logo após sua chegada a Roma (v. 23).

Ficamos com as perguntas: Que fim teve a prisão de Paulo? Em que resultou o seu apelo a César? Ele foi considerado culpado e foi executado, ou foi considerado inocente e foi libertado; ou foi o caso encerrado à revelia? A implicação natural de 28:30 é que após os dois anos, o apóstolo foi libertado da prisão. A tradição nos conta que ele foi executado em Roma em 64 A.D, ou um pouco depois. Isto deixa um intervalo de uns dois ou três anos entre o final de Atos e a morte de Paulo. As três Epístolas Pastorais que revelam terem sido escritas por Paulo refletem um ministério itinerante e de pregação que não se encaixam no livro de Atos. Apesar dos argumentos contra a autenticidade das Epístolas Pastorais, a conclusão mais provável é que Paulo foi solto após dois anos de prisão, entregou-se a um novo ministério, o qual se reflete nessas cartas, e que finalmente sofreu uma segunda prisão em Roma, a qual se reflete em II Timóteo.

O final mais ou menos abrupto do livro de Atos tem sido explicado de diversos modos. Alguns defendem que Lucas pretendia escrever um terceiro volume para registrar o julgamento e libertação de Paulo e suas subseqüentes viagens missionárias, mas por algum motivo foi impedido de executar seu propósito. Outra possível explicação é que Atos foi escrito durante o aprisionamento de dois anos, pois vemos em Fm. 24 e Cl. 4:14 que Lucas esteve com Paulo durante esse tempo em Roma. É provável que Lucas tenha ajuntado material para sua narrativa sobre a igreja primitiva durante os dois anos da detenção de Paulo em Cesaréia e composto o livro de Atos durante esses dois anos em Roma. Neste caso, a narrativa termina desse modo porque ele terminou a história e no momento nada mais havia para registrar.

É provável que as cartas aos filipenses, efésios e colossenses e a carta a Filemom fossem escritas por Paulo durante a sua prisão em Roma. Entretanto, alguns mestres acham que essas "Epístolas da Prisão" foram escritas em outra ocasião em Éfeso, prisão esta que não é mencionada no livro de Atos, ou possivelmente na prisão em Cesaréia.